FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 33.934 — SEGUNDA-FEIRA, 28 DE FEVEREIRO DE 2022 — R$ 5,00

Acuado, governo da Ucrânia aceita negociar com a Rússia

Russos invadem 2ª maior cidade do país; Putin põe forças nucleares sob alerta após críticas da Otan

Após quatro dias de ofensiva militar da Rússia, que ontem invadiu a segunda maior cidade ucraniana e redobrou a pressão na capital, o governo de Volodimir Zelenski aceitou negociar com Moscou, que vinha exigindo sua rendição, relata **Igor Gielow**.

O Kremlin enviou uma delegação a Gomel, cidade belarrusa perto da fronteira ucraniana. Depois de inicialmente rejeitar a proposta, a Presidência em Kiev disse que despacharia hoje representantes ao vizinho. Mas baixou as expectativas.

Até esta madrugada, não se sabia se Moscou manteria as exigências de rendição de Zelenski e de "neutralidade ucraniana", código diplomático para que Kiev desista de aderir à Otan, a aliança militar ocidental liderada pelos Estados Unidos.

O conflito entrou em seu quarto dia com as ações militares cada vez mais intensas nas cercanias de Kiev. Vladimir Putin determinou que as forças nucleares da Rússia entrassem em alerta de combate após críticas vindas de integrantes da aliança.

Em reação, a União Europeia aceitou o pedido de Kiev, que perdeu caças no confronto, para financiar o fornecimento de aviões de combate. O governo ucraniano anunciou que ao menos 352 civis foram mortos até agora na guerra. Mundo A9 a A13

ENTREVISTA DA 2ª

Benjamin Teitelbaum

Guerra reflete doutrina de guru do líder russo

MUNDO

A ofensiva de Putin ecoa a doutrina do filósofo antiiluminista Aleksandr Dugin, para quem o mundo deve ter múltiplos polos e EUA e Europa precisam ser contidos, afirma Benjamin Teitelbaum, professor de relações internacionais da Universidade do Colorado que pesquisa Dugin e Olavo de Carvalho. A14

Moradores de Uzhhorod, oeste da Ucrânia, preparam coquetéis molotov para defender a cidade dos militares russos [illegible]/Reuters

Putin mira legado e não aceita perder dominância A13

Mathias Alencastro

Tragédia espreita titular do Kremlin

Putin pode realizar sua fantasia de arranjo imperial, mas terá de explicar a russos e povos subjugados o que pretende fazer, desconectado do sistema financeiro, com o resto. A12

Batalha vizinha faz Alemanha triplicar gastos com Defesa

O governo alemão anunciou que elevará em € 100 bilhões os gastos com Defesa para reequipar suas Forças Armadas. O anúncio rompe décadas de contenção militar após a derrota na Segunda Guerra e coincide com a invasão da Ucrânia por Vladimir Putin. A11

União Europeia fecha espaço aéreo para Moscou A11

EDITORIAIS A2

Água e energia

Sobre superação com custo elevado da crise hídrica.

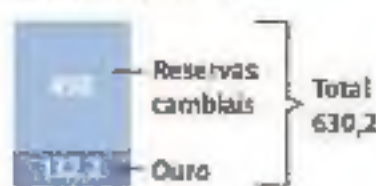
Aposta duvidosa

Acerca de projeto que regulamenta jogos de azar.

Ocidente abre ataque financeiro, a sanção mais grave até agora

A Rússia não poderá acessar suas reservas em EUA, União Europeia, Reino Unido e Canadá, informou ontem a Comissão Europeia. Das ações contra os russos até agora, essa é um ato de guerra, pois um terço dos recursos do país está nas nações que aplicarão o boicote. Mercado A15

Reservas russas internacionais em 31.jan.22

Em bilhões de dólares

Fonte: Banco Central da Rússia

Brasileiros em fuga vivem caos nas fronteiras

Cem brasileiros, entre eles dois jogadores de futebol, tentam escapar pelas fronteiras da Ucrânia. O Itamaraty afirma que enviará oito funcionários à Polônia para ajudas. Mundo A12

Bolsonaro se desdiz sobre ligação a Putin A11

Mensageiro Sideral

Conflito afeta ações no espaço e deixa em xeque estação internacional B12

Carnaval B2

Blocos vão à rua no Rio

Cortejos ignoram proibição e ocupam cidade desde sexta; prefeitura silencia

Foliões durante bloco de carnaval clandestino nas ruas do centro do Rio de Janeiro Eduardo Anizelli/Folhapress

Esporte B5

Ex-diarista potiguar muda de vida como a 'menina do xadrez'

Ilustrada B6 e B7

Oswald de Andrade influenciou de Teatro Oficina a Caetano

Sem se renovar, PT vê só 2 sucessores 'naturais' de Lula

O PT teve nas eleições de 2020 e em recentes filiações uma lufada de novos nomes, mas todos ainda distantes do comando da sigla. Ex-prefeito de SP Fernando Haddad, 59, e senador Jaques Wagner, 70, são dois nomes citados como sucessores do ex-presidente Lula, 76. Política A4 e A6

Crescem mortes de mulher jovem por infarto Saúde B1

ISSN 1414-[illegible]

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Água e energia

Temores de racionamento estão afastados, mas custos da crise permanecerão por anos

Os reservatórios das hidrelétricas não continham tanta água desde os anos em que o país passou a enfrentar secas graves recorrentes, em 2013-14. Na semana passada, as represas do Sudeste e do Centro-Oeste estavam com 56,4% de sua capacidade de armazenamento, ante 29,6% em fevereiro de 2021.

Assim, são remotos, no momento, o risco de crise e medidas drásticas de poupança de água, como se temia no ano passado.

Graças às chuvas, ao uso de energia caríssima de termelétricas e à importação de eletricidade, o Brasil conseguiu evitar, por pouco, o racionamento. Os custos desse programa de emergência, no entanto, permanecerão, assim como alguns dos problemas que estão na raiz da escassez enfrentada.

Neste 2022, até meados de fevereiro, o preço médio da energia diminuiu em relação ao final do ano passado. Em abril, é possível que deixe de vigorar a tarifa extra de R$ 14,20 a cada 100 kWh de consumo. Mas a alta acumulada do preço em 12 meses é de espantosos 28%.

Tal escalada não foi suficiente para compensar a alta do custo para as distribuidoras. A conta será repassada aos consumidores, com juros, por tempo considerável ainda.

A expansão da capacidade de gerar energia deve ser expressiva neste ano, o equivalente a duas hidrelétricas de Jirau. A maior parte da eletricidade nova será de origem solar ou eólica, porém cerca de 65% das fontes disponíveis ainda eram hidráulicas em 2020 —dado mais recente, segundo a Empresa de Pesquisa Energética. É preciso, portanto, cuidar da água.

Apenas recentemente se deixou de considerá-la um recurso infinito no Brasil. Além de desperdícios, desvios, usos ilegais, cobrança precária ou inexistente e poluição, há problemas como o desmatamento, da Amazônia em particular.

O sistema elétrico é mal gerido, com distorções que incluem o excesso de impostos sobre o setor, os quais custeiam subsídios —alguns deles indevidos, como favores empresariais, e outros sociais.

Ademais, a má determinação de preços é uma ineficiência que afeta também o uso da energia e as decisões de expansão da capacidade.

Pouco se fala em mudança ampla do uso da água e da proteção desse recurso. O que se vê, na área ambiental, é o descaso escandaloso do governo Jair Bolsonaro (PL).

Uma outra seca pode colocar o país em situação crítica já em 2023, e o risco será ainda maior se, contra todas as expectativas, o país retomar crescimento econômico vigoroso. Reformas na gestão da eletricidade e da água levam tempo; por isso é preciso começar já.

Aposta duvidosa

Jogo deve ser debatido com realismo, mas projeto da Câmara deixa lacunas em taxação e regulação

Esta **Folha** defende que se ampliem as possibilidades legais para os jogos de azar no Brasil, em respeito às liberdades individuais e também como meio pragmático de lidar com imposições da realidade.

Tal entendimento, firmado há pouco mais de dois anos, não significa endosso a toda e qualquer proposta nesse sentido —como o projeto de lei recém-aprovado pela Câmara dos Deputados.

Não se podem subestimar os danos a que estão sujeitos os praticantes do jogo, que vão muito além do prejuízo financeiro por desinformação. Há fartura de estudos a apontar o risco elevado de surgimento de comportamentos compulsivos, que frequentemente se associam a outros transtornos, como alcoolismo e depressão.

Ademais, é notório que a exploração de cassinos e outros estabelecimentos de apostas propicia oportunidades de lavagem de dinheiro para criminosos, bem como a associação lucrativa com o tráfico de drogas e até de pessoas.

Entretanto a proibição pura e simples da prática, como a que vigora no país desde os anos 1940, não se mostra boa solução. Trata-se de interferência indesejável e pouco producente do Estado sobre o livre-arbítrio dos cidadãos —e muitos deles acabam por recorrer às opções clandestinas.

Isso sem falar que a internet oferece hoje a chance de apostar por meio de sites de todo o mundo.

Tudo considerado, a melhor alternativa é a legalização da atividade sob regulação rigorosa, que estabeleça limites e obrigações, como a de ofertar todo o esclarecimento necessário aos participantes, além de impor tributação substancial.

O projeto aprovado pela Câmara —que data de 1991— avança em algumas dessas questões, mas não deixa de suscitar apreensão.

A despeito da longa tramitação, o debate foi precário: o impulso veio do lobby de governos locais e setores interessados, enquanto o governo Jair Bolsonaro (PL) permaneceu alinhado à posição contrária da bancada evangélica.

O aspecto problemático mais visível do texto é a taxação prevista: cria-se apenas uma Cide, com alíquota de não mais de 17%, a incidir sobre a exploração dos jogos, o que parece permissividade excessiva.

Autoriza-se ainda a criação de um órgão regulador federal, ao qual caberia autorizar e supervisionar os empreendimentos. Pouco se detalha, no entanto, a respeito da estrutura e das garantias de autonomia dessa instituição.

Mais uma vez, caberá ao Senado um escrutínio aprofundado da proposta, sem o açodamento que marca a atual gestão da Câmara.

João Montanaro

Por que esquerdistas apoiam Putin?

Lygia Maria

A Rússia invadiu a Ucrânia e, por aqui, vimos a teoria da ferradura em ação: bolsonaristas e parte da esquerda defendendo o ataque covarde a um país soberano. A defesa se faz a partir da seguinte justificativa: a Ucrânia estava prestes a se juntar à Otan e a Otan ameaça a segurança da Rússia. Porém a Ucrânia é um país livre, soberano e tem o direito de fazer as coalizações políticas, econômicas e militares que deseja. Então, como a esquerda —que se orgulha de estar do lado do bem, a favor dos desvalidos e da liberdade— pode apoiar esse tipo opressão?

Tudo começa lá em Rousseau, que inventa um conceito paradoxal e perigoso de liberdade. Para ele, o homem é um ser livre e racional; é da sua natureza. O problema começa quando indivíduos resolvem pensar livremente e querer o contrário do que Rousseau, ou qualquer outro ideólogo, quer. O indivíduo que vai contra o que o povo (a "vontade geral") quer não está sendo racional nem livre; está pensando errado, desejando algo que é ruim para si, e o homem não é livre para ser irracional nem para se escravizar porque isso atenta contra a natureza humana. Logo, a solução irracional de Rousseau é: devemos obrigar o indivíduo a ser livre. Está lá, com todas as letras, em "O Contrato Social": "quem se recusar a obedecer à vontade geral será obrigado a fazê-lo por todo o corpo: o que não significa outra coisa senão que ele será forçado a ser livre".

"Nós, a militância, sabemos o que é melhor para você mais do que você mesmo." Essa postura de parte da esquerda vale tanto para o pobre que, nas eleições, vota em políticos de direita, quanto para a Ucrânia, que não sabe que a Otan representa o Ocidente capitalista malvado. Ambos são alienados que precisam ser salvos, que precisam ser forçados à liberdade. Ou seja, são objetos. Desde a Revolução Francesa, todos os regimes totalitários, de esquerda e de direita, usaram essa noção paradoxal de liberdade e é a partir dela que reacionários e ditos progressistas se abraçam.

Com mulheres na cabeça

Ana Cristina Rosa

O voto feminino no Brasil completou 90 anos na semana passada. Desde que a professora Celina Guimarães se alistou para votar em Mossoró, em 1927, e Alzira Soriano, primeira mulher eleita para um cargo público no país, assumiu a Prefeitura de Lajes, em 1929, ambos municípios do Rio Grande do Norte, muita coisa mudou. Em que pesem os avanços legais, o cenário nacional segue desfavorável e a participação das mulheres na política ainda é irrisória considerando o perfil demográfico brasileiro.

Mulheres somam 52% dos votantes, mas representam apenas 15% dos parlamentares do Congresso. A maioria da população feminina é negra, ao contrário das parlamentares, que são majoritariamente não negras. Indígena, apenas uma. Verdade que o percentual de participação feminina na Câmara e no Senado cresceu na comparação com legislaturas anteriores. Ainda assim, é pouco. Na prática, a política no Brasil é feita por homens brancos.

Dados da União Interparlamentar, que reúne países ligados à ONU, colocam o Brasil na posição 145º do ranking Mulheres nos Parlamentos Nacionais. Numa nação onde, em 2021, quatro mulheres foram vítimas de feminicídio por dia e os casos de estupro voltaram a crescer já passou da hora de usar a via democrática para tentar mudar esse cenário.

Em 2022, seria ótimo mexer na régua lançando candidaturas femininas majoritárias e eleitoralmente viáveis, com o devido apoio partidário e o acesso ao imprescindível financiamento. Sabemos que ser candidata não é exatamente o problema. Já o acesso ao dinheiro para disputar em condições de elegibilidade pode ser um enorme entrave.

Que as mulheres assumam o protagonismo neste pleito, reivindiquem cabeças de chapas majoritárias e exijam transparência na distribuição dos recursos do fundo partidário. Claro que não há garantias, mas pode ser uma bela oportunidade de ao menos dar uma sacolejada no jogo e incluir em pauta a discussão de alguns problemas reais do Brasil.

Desfazendo frases feitas

Ruy Castro

Li há pouco que fulano "rasgou elogios" a beltrano. Quer dizer que ainda se rasgam elogios? Sim, todo dia alguém rasga elogios a outrem. Tornou-se um clichê, mas as pessoas não se tocam e continuam rasgando elogios. Quando os elogios são recíprocos, diz-se que é uma "rasgação de seda". Não é difícil visualizar alguém rasgando seda —dá-se um talho com tesoura e o tecido vai se rasgando quase sozinho. Mas nunca soube como se rasga um elogio.

Mais fácil é entender o significado de "costurar um acordo". É o que todos os políticos vivem fazendo —costurando acordos. Alguns devem fazê-lo à mão, espetando o dedo, e outros à velha Singer, pedalando freneticamente. Posso até vê-los munidos de carretel, agulhas, alfinetes e talvez um dedal, prontos a costurar duas folhas de papel, a resultar no dito acordo. Mas uma fonte me garantiu que o importante é o chuleio, o ato de prender a linha para que o acordo não desfie. "Qualquer político de quinta é capaz de costurar um acordo", disse a fonte, "mas só os mais espertos sabem chulear".

E o que dizer de "desenhar um projeto"? Às vezes até faz sentido. Acho normal quando ouço, por exemplo, que os analfabetos que cercam Jair Bolsonaro estão desenhando um projeto para ser apresentado ao Congresso. Por que não? Como nenhum deles sabe escrever, o jeito é desenhar. Só que, pela qualidade do desenho, não surpreende que nunca tenham um projeto aprovado.

É raro o dia em que não recebo uma simpática mensagem que começa com "Passei aqui para te dizer que...", seguindo-se o que a pessoa queria dizer. Ao ler isto, imagino essa pessoa em sua casa, saindo talvez do banheiro, passando casualmente pelo celular ou pelo computador e se lembrando de algo que tinha a me dizer.

Convivo bem com essas frases feitas, como a mensagem de passagem e o projeto desenhado. Sou também a favor de elogios, mesmo rasgados. Só prometi à mamãe nunca costurar acordos.

Bilhões e eleições

Marcus André Melo

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

Sempre houve muito dinheiro nas nossas eleições, e elas estão entre as mais caras do mundo. "Os gastos partidários são astronômicos, as despesas dos candidatos, elevadíssimas", escreveu Hermes Lima, em 1955.

Hoje estão ainda maiores; e a fatura continua a ser socializada. Até 2015, através de doações de empresas (ex. sobrepreço de contratos públicos); agora através de fundos públicos bilionários. A mudança tem elementos positivos —diminuição da influência corporativa sobre as eleições— mas os valores envolvidos, não. Remédio e veneno variam apenas na dose.

As causas do alto custo das eleições no país são objeto de controvérsias. Os efeitos da representação proporcional (RP) com lista aberta em grandes distritos eleitorais é um dos pontos debatidos.

Lima esboçou o argumento lá atrás: "Cada deputado necessita de votos no estado inteiro e julga-se no dever de distribuir, por intermédio da lei orçamentária, verbas e auxílios pelo estado inteiro... não é por outro motivo que as emendas ao orçamento na Câmara se apresentam aos milhares".

Ele também argumentou que os problemas resultavam da "tremenda influência do dinheiro em nossos prélios eleitorais". E tinha razão: as campanhas majoritárias também são caríssimas. Nas campanhas paga-se um prêmio elevadíssimo pelo valor esperado de estar com a caneta na mão.

O financiamento público de partidos e campanhas políticas (FPPP) tem sido discutido como "custos da democracia". O argumento é estapafúrdio por afirmar o óbvio e ignorar o essencial: o montante envolvido.

Na Europa e nos EUA, os partidos políticos e a democracia precederam o surgimento do FPPP em um século, como mostrou Susan Scarrow. A Alemanha aprovou legislação nesse sentido em 1959, no que foi seguida por Suécia (1965), Finlândia (1967), Noruega (1970), Itália (1974), Áustria (1975) e Espanha (1978). E só na década de 80 foi adotado em França (1988) —que também proibiu doações empresariais—, Grécia (1984), Dinamarca (1987), e Bélgica (1989), difundindo-se nas novas democracias nos anos 90. Mas há democracias onde inexiste FPPP (Suíça) ou ele limita-se a cobrir despesas administrativas dos partidos da oposição (Reino Unido), e ao reembolso de gastos eleitorais de parlamentares.

Há debate na ciência política sobre as consequências do FPPP. De um lado estão os analistas que o consideram um ingrediente que reforça os cartéis partidários, e inibidores da competição política; de outro, os que atribuem à FPPP a crescente fragmentação partidária nas democracias. Entre nós ele produziu hiperfragmentação, mas agora dá lugar ao cartel legislativo. Não é à toa que o apoio ao fundo une esquerda e direita.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Abordagens policiais abusivas e a omissão do sistema de Justiça

Não basta apontar apenas as polícias como agentes da violência estatal

Felipe da Silva Freitas e Marta Machado

Professor do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP) e pesquisador do Núcleo Justiça Racial e Direito da FGV-SP
Professora da Escola de Direito de São Paulo (FGV) e coordenadora do Núcleo Justiça Racial e Direito; é pesquisadora do Cebrap

Nos últimos meses, o registro em imagens de uma série de abordagens policiais abusivas contra pessoas negras recolocou em pauta o debate sobre quem são os responsáveis pelo viés racial na ação policial e quais são as saídas para este estado de coisas tão perturbador.

Muito se fala sobre a importância do controle das polícias, sobre o uso das tecnologias e sobre o papel das corregedorias e das instâncias de controle; todavia nem sempre estamos atentos ao peso da atuação dos atores do sistema de Justiça na manutenção da violência institucional contra pessoas negras no Brasil.

A pesquisa Elemento Suspeito, publicada recentemente e coordenada pelo CESeC (Centro de Estudos de Segurança e Cidadania), descreve com muita consistência a relação entre o racismo e atividade policial. Além de revelar a dimensão traumática dessas abordagens, mostra que, nos últimos anos, houve uma radicalização do foco no elemento suspeito com o aumento dos casos de abordagens policiais abusivas na cidade do Rio de Janeiro e das interações dos cidadãos com a polícia.

Na pesquisa, realizada pelo Datafolha, constatou-se que os jovens negros são os maiores alvos dos agentes de segurança; que o percentual de pessoas negras abordadas pela polícia chega a 63%; e que um quinto (17%) dessas pessoas já foi parada mais de dez vezes por uma autoridade policial. São dados que revelam o total descontrole dessas instituições e expressam a forte tolerância social com abusos e ilegalidades contra a população negra.

Segundo a pesquisa, as abordagens policiais ocorrem majoritariamente sem mandado judicial e são realizadas quando essas pessoas estão andando a pé, na rua ou na praia, em vans ou Kombis, no transporte público ou em um evento ou festa. São abordagens que incidem majoritariamente sobre pessoas negras, revelando ao mesmo tempo um baixo padrão de legalidade e um forte viés discriminatório.

A lei manda que abordagens sem mandado sejam excepcionais e ocorram apenas quando houver "fundada suspeita", mas nenhum policial, em nenhum momento do seu trabalho, é instado a justificar a razão de sua abordagem. A polícia não produz qualquer registro daquilo que faz, e o Ministério Público, órgão que constitucionalmente deveria supervisionar o trabalho da polícia, tampouco está interessado em exercer tal controle.

As pesquisas que vimos realizando no âmbito do Núcleo de Direito e Justiça Racial da FGV São Paulo, em parceria com o Afro/Cebrap, confirmam a tolerância com práticas

[...]

A deferência que promotores, juízes e desembargadores têm diante da versão dos policiais é embasada em uma criação cerebrina, que virou jurisprudência, de que a palavra do policial é portadora de fé pública. A tese serve de escudo para a investigação de abusos em várias frentes

policiais abusivas por parte do Judiciário e se soma a vários outros estudos que têm apontado a gravidade do problema. Em levantamento feito junto aos Tribunais de Justiça de sete unidades da Federação (Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Paraná, Pará e Sergipe) verificamos uma forte tendência do Poder Judiciário a validar processos em que pessoas ou residências periféricas foram abordadas ilegalmente, com base em suposta denúncia anônima ou na informação genérica de terceiros durante o patrulhamento policial.

Em buscas domiciliares, que exigem a existência de mandado judicial prévio e justificado, sob pena de ferir direito fundamental, a maior parte dos julgados acolhe a versão policial de que o acesso à residência foi "franqueado" espontaneamente com vistas a substituir a necessidade de autorização judicial. A deferência que promotores, juízes e desembargadores têm diante da versão dos policiais é embasada em uma criação cerebrina, que virou jurisprudência, de que a palavra do policial é portadora de fé pública. A tese serve de escudo para a investigação de abusos em várias frentes; não só em relação a abordagens abusivas e violentas, mas também na justificação de arquivamentos em casos de execuções em que os policiais envolvidos alegam ter agido em legítima defesa.

Não basta apontar apenas as polícias como agentes da violência estatal. É necessário também iluminar a chancela judicial conferida para que pessoas sejam vítimas de abordagens abusivas e discriminatórias. É fundamental que se implique juízes e promotores nesta tarefa, fundamental, de desautorizar a violência contra a população negra.

As escolhas do poder público e as vidas impactadas

Retirada de moradores na cracolândia expõe violações e desrespeito à lei

Letícia Marquez de Avelar e Rafael Negreiros Dantas de Lima

Defensora pública, é coordenadora do Núcleo Especializado de Cidadania e Direitos Humanos
Defensor público, é coordenador do Núcleo Especializado de Habitação e Urbanismo

Em outubro de 2021, durante quatro dias, pessoas na cidade de São Paulo foram acordadas aos berros. Guardas-civis e policiais armados as expulsaram de suas casas sem lhes dar tempo para retirar pertences, utensílios, documentos. Esses moradores foram os "sortudos", que ainda estavam em suas residências quando chegaram os agentes; outros saíram para trabalhar cedo e, quando voltaram, já não puderam entrar —nem sequer tiveram a oportunidade de retirar o que quer que fosse.

Não houve apenas expulsão de pessoas: imóveis foram lacrados e emparedados na região conhecida como cracolândia, no centro da cidade. Nenhum aviso prévio foi dado aos moradores e, durante a operação (armada, lembre-se), não foi fornecida nenhuma explicação nem apresentado qualquer documento.

A Defensoria Pública atendeu algumas dessas pessoas. Os relatos —todos no mesmo sentido quanto à truculência dos agentes— foram registrados e apresentados a um juiz, juntamente com inúmeras outras provas das violações praticadas pela Prefeitura de São Paulo, inclusive vídeos feitos durante as ações.

No último dia útil de 2021, uma decisão judicial foi proferida condenando a municipalidade a prestar, em tese, atendimento habitacional no valor de R$ 400 aos moradores —idosos, crianças, pessoas com deficiência, em tratamento de saúde, famílias inteiras— que foram expulsos de suas casas. A prefeitura não se conformou com a decisão e recorreu ao Tribunal de Justiça de São Paulo, que julgará o recurso.

É no mínimo contraditório que o poder público, a quem cabe garantir os direitos assegurados pela Constituição Federal, seja aquele que mais os viola. Mas o que causa mais estranheza neste caso é que a prefeitura

[...]

É no mínimo contraditório que o poder público, a quem cabe garantir os direitos assegurados pela Constituição Federal, seja aquele que mais os viola. Mas o que causa mais estranheza neste caso é que a Prefeitura de São Paulo tenha recorrido da decisão que determina a prestação de atendimento habitacional

tenha recorrido da decisão que determina a prestação de atendimento habitacional. Além de evidentemente tratar-se de uma obrigação (afinal, foi a própria municipalidade quem deixou as pessoas ao relento, "sem lenço e sem documento"), é fato que os recursos necessários para a garantia deste tão básico direito que é a moradia constituem valor inexpressivo para a administração paulistana, cujo Orçamento aprovado na Câmara, para o ano de 2021, foi de R$ 67,9 bilhões. Conforme notícia de 16 de dezembro de 2021, a Prefeitura de São Paulo ainda teria à época R$ 8,6 bilhões em caixa (cerca de 13%), que não teria conseguido gastar no ano —sendo que na Secretaria da Habitação, especificamente, teriam sobrado cerca de 70% da verba.

A desculpa de que os imóveis estariam em condições precárias, oferendo risco aos seus ocupantes, não convence. Se houvesse de fato preocupação com a vida das pessoas teria havido encaminhamento à rede socioassistencial, teriam sido ofertadas alternativas habitacionais, teria havido tratamento digno, explicações, tempo para a retirada de pertences. Antes de tudo, teria havido respeito à lei. Mas não foi essa a escolha da municipalidade, que acabou despejando mais pessoas nas ruas de São Paulo para se somarem aos 31.884 indivíduos que já estão nesta situação. Que escolha é essa?

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

O casal Kelly e Fábio Wilke foram buscar a filha Mikaela na Ucrânia, que nasceu por meio da barriga de aluguel, e estão retidos no país
Arquivo pessoal

Guerra na Ucrânia e armas

Se fossem mulheres no comando, a alternativa guerra passaria longe ("Guerra na Ucrânia muda de estágio com novas armas e ataque hacker", Mundo). Que falta faz uma Angela Merkel. Mais mulheres na política para ontem.
Fabiana Soares (Belo Horizonte, MG)

★

Conclusão: Não somos civilizados.
Maria Antonia Di Felippo (São Caetano do Sul, SP)

★

Sou descendente, por parte de mãe, dos países bálticos. Quando Stalin assinou o tratado com Hitler de não agressão em 1939, invadiu a Finlândia como desculpa para reforçar fronteiras. Estônia, Letônia, Lituânia e Ucrânia acabaram sob domínio russo/soviético até 1991. A Ucrânia, ao ser tomada por soviéticos em 1922, viu genocídio da população, no Homolodor. Hoje Putin faz algo parecido. O Ocidente precisa mandar soldados e, se houver guerra, que seja, pois, se não parar Putin, nada o impedirá de repetir a história que para nós, os descendentes, não foi e jamais será esquecida!
Berenice Helena Pereira Robles, professora de inglês (Carapicuíba, SP)

★

O mundo está entregue a homens velhos, na idade e na mentalidade. Tudo isso é absurdo demais, primitivo demais, só mostra como o mundo não avançou, não progrediu, chimpanzés agressivos dotados de armas letais. A maioria das mulheres é contra isso tudo. Está na hora de dar metade de todos os cargos eletivos para mulheres. Mais do que na hora. Mães, se puderem, não mandam seus filhos para guerras de ataque, não querem vê-los mortos.
Maria Lopes (São Paulo, SP)

Bolsonaro e a Polícia Federal

Presidente Bolsonaro, para acabar de vez com a troca sistemática de diretores da Polícia Federal, sugiro que coloque seu filho Flávio Bolsonaro no cargo e acabe de vez com essa dor de cabeça de rachadinhas, Queiroz e outras acusações contra o senhor e seus filhos ("Jair Bolsonaro troca diretor-geral da Polícia Federal mais uma vez", Política, 26/2).
Henrique Ventura dos Reis (Rio de Janeiro, RJ)

★

Quando que a Polícia Federal vai ser um órgão de Estado, e não de governo? Há esperança?
Raymundo de Lima (Maringá, PR)

Tendências / Debates

Fazer analogia entre vacina (que não é remédio) e agrotóxico é um absurdo sem precedentes ("Dose correta diferencia remédio de veneno", Eduardo Daher, 26/2). Não existe nenhum agrotóxico cuja ação se assemelhe a vacina, que tem o papel de estimular a resposta do indivíduo frente a um agressor.
José Buturi Lopes de Faria, professor titular da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp (Campinas, SP)

Fraude no Detran

O prejuízo é do Estado e do consumidor que comprou o veículo de boa-fé ("PF afirma ter descoberto esquema que clonou 3.300 viaturas do Exército", Cotidiano, 26/2).
Marcos Antônio (Manaus, AM)

★

Verdadeira máfia atua no Detran.
Eduardo Freitas (São Paulo, SP)

Barriga de aluguel

Bom repórter cava tema até à distância ("Clínicas de barriga de aluguel na Ucrânia levam embriões e bebês para bunkers em meio à guerra", Mundo, 27/2). Parabéns, Flávia Mantovani e Raquel Lopes. Quanto mais eu leio sobre as cifras desse negócio, mais admiro casais que adotam. Dificuldade por dificuldade, adoção é burocracia infernal, mas aqui há muitos candidatinhos.
Leonardo Barlese de Matos Dourado (Rio de Janeiro, RJ)

Desempregos

Explicação plausível para o economista consultado pela **Folha** dizer que "a pandemia agravou os problemas do mercado de trabalho" talvez seja que ele não tenha se municiado de dados históricos ("Desemprego no Brasil é o 6º maior entre 42 países", Mercado). A taxa de desemprego no início da formalização do golpe (1º trimestre de 2016) era, como hoje, 11,1%. Antes da pandemia (4º trimestre de 2019) era, como hoje, 11,1%. Se notasse que a taxa de antes do golpe (4º trimestre de 2015) era 9,1%, talvez concluísse que não foi o vírus que agravou os problemas.
José Zimmermann Filho (São Paulo, SP)

Colunista

Pode pensar o que for dos evangélicos, com sua limitada inteligência e caráter. A verdade é que a liberação dos jogos, como eles querem, é uma carta branca para o crime organizado e para a lavagem de dinheiro ("Deu zebra", Bruno Boghossian, Opinião, 27/2). Quero viver verá!
Guilherme de Oliveira Figueiredo (Rio de Janeiro, RJ)

Ombudsman

Mariante, agora suncê tocou num ponto decisivo: o propósito da publicação de um artigo é o debate? Eu, hoje, decididamente diria que sim. Mas pode não sê-lo, né? E, se é o debate, sua questão é excelente: texto do Narloch, por exemplo, nem leio mais, é um desperdício de tempo. Se o jornal paga, perde dinheiro. Se o debate é meta, perde esforço ("Repórter, espécie ameaçada", José Henrique Mariante, 27/2).
Marcos Benassi (Valinhos, SP)

★

Penso que o propalado pluralismo da **Folha**, com a publicação de artigos tendenciosos e ruins —como o do Flávio Bolsonaro—, só a enfraquece. No afã de agradar a todos, não agrada ninguém. Necessário haver limite, até para que não seja usada para propagação de discursos enviesados, que deturpam a verdade e afetam sua credibilidade.
Jonatas Batista (Paraíso do Norte, PR)

90 anos do Código Eleitoral

O Código Eleitoral faz 90 anos. Se gosto de política, devo isso, em especial, à minha mãe, que exerceu pela primeira vez seu direito de votar há 86 anos, em 1936, aos 24 anos. Guardo o título do seu primeiro voto. E, inspirada nela, tirei meu título aos 18 anos e sempre votei desde então.
Tania Tavares (São Paulo, SP)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

PRIMEIRA PÁGINA (26.FEV) Diferentemente do que afirmava em parte dos exemplares a chamada "Clínicas de barriga de aluguel colocam embriões em bunkers", Bruna Alves, da Tammuz Family, atende a 35 famílias brasileiras, e não 25.

política

PAINEL | Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Passando o bastão

O Exército avalia ceder para a Marinha o comando do Ministério da Defesa caso o atual titular, general Braga Netto, deixe o cargo para se tornar o vice na chapa de Jair Bolsonaro (PL). Entre oficiais, ganha espaço a avaliação de que seria estratégico abrir mão do posto de abril até o final do mandato e assim permitir rodízio entre as Forças Armadas. Em um eventual segundo governo Bolsonaro seria como se a dívida estivesse paga e os verde-oliva poderiam retomar o comando da Defesa.

MENTOR O nome mais forte para o cargo é o do almirante Garnier Santos, comandante da Marinha. Foi Garnier quem sugeriu o desfile de tanques na Esplanada dos Ministérios no dia em que a Câmara apreciou a PEC do Voto Impresso.

LISTA Se o Exército permanecer como titular da Defesa, os substitutos mais cotados são o ministro da Secretaria-Geral da Presidência, Luiz Eduardo Ramos, e o atual comandante, general Paulo Sérgio Oliveira.

PRAZER As inserções partidárias do MDB na TV, previstas para março, são dedicadas a apresentar a senadora Simone Tebet (MS), pré-candidata à presidente pelo partido.

FIGURINHAS... Em um dos vídeos a que o Painel teve acesso, Tebet faz referência a Lula (PT) e Jair Bolsonaro (PL), dizendo que eles não resolverão os problemas do Brasil.

...CARIMBADAS "Fome, miséria, desemprego, comida muito cara. Nossos problemas não vão ser resolvidos pelos políticos do passado, nem por quem não respeita as instituições e agride a democracia", afirma ela.

AGENDA Economistas ligados a seis dos principais presidenciáveis se encontrarão no dia 15 de março, em debate promovido pela ABDE (Associação Brasileira de Desenvolvimento), em Brasília.

TIME Participam Guilherme Mello (Lula), Carlos da Costa (Bolsonaro), Affonso Pastore (Sergio Moro), Nelson Marconi (Ciro Gomes), Zeina Latif (João Doria) e Elena Landau (Simone Tebet). O tema será desenvolvimento sustentável.

BUZINA Sergio Moro se desentendeu no sábado (26) com Wanderlei Dedeco, líder dos caminhoneiros, que criou grupo de WhatsApp em apoio ao ex-juiz. Moro deixou o grupo.

CALADO Dedeco lamentou o silêncio de Moro sobre propostas aos caminhoneiros. O ex-ministro respondeu que não fará como Lula e Bolsonaro que, segundo ele, prometem o que não é possível.

TCHAU "Pás [paz] e bem, vou sair do grupo se é para ser ofendido", escreveu. Dedeco então chamou Moro de covarde.

ANIVERSÁRIO O processo movido por Lula (PT) contra o empresário José Sabatini, que gravou vídeo em que ameaçou atirar nele, completa um ano em março e não tem decisão.

FAZ AÍ Um passa e repassa entre comarcas atrasou o andamento. Após pedido do Ministério Público de SP em março, a 4ª Vara Criminal de São Bernardo, onde morava Lula, remeteu o caso para a cidade de Sabatini no interior do estado.

TOCA POR AÍ O juiz Paulo Aduan Correa, da comarca de Artur Nogueira, acionou o Tribunal de Justiça de SP em outubro argumentando que o caso deveria voltar para a cidade do Grande ABC, o que foi negado.

PROJETO A Prefeitura de SP fará evento em 12 de março para lançar um plano de implementação da Agenda Municipal 2030, que estabelece compromisso com metas de desenvolvimento sustentável da ONU. O evento será liderado por Marta Suplicy, secretária de Relações Internacionais, que anunciará investimento de R$ 13 bilhões.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

Cláudio

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
366.088 exemplares (dezembro de 2021)

O ex-presidente Lula, durante entrevista para rádio neste mês Ricardo Stuckert - 9.fev.22/Divulgação

PT tem dificuldade de renovação e vê apenas dois sucessores de Lula

Ex-prefeito de SP Fernando Haddad, 59, e senador Jaques Wagner, 70, são nomes citados no entorno do ex-presidente, que tem 76 anos

Ranier Bragon e Catia Seabra

BRASÍLIA E RIO DE JANEIRO O PT apresentou nas eleições municipais de 2020 e em recentes filiações uma lufada de novos nomes, mas todos ainda distantes do núcleo de comando, o que sinaliza uma dificuldade de renovação da sigla comandada por Luiz Inácio Lula da Silva e que completou 42 anos no último dia 10.

Em conversas com petistas de variadas correntes nas últimas semanas, a Folha ouviu o nome de apenas dois políticos como possíveis sucessores naturais de Lula, que tem 76 anos —o ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad, 59, que despontou para o primeiro time do partido a partir de seu trabalho no Ministério da Educação (2005-2012), e o senador Jaques Wagner, 70, um dos fundadores do PT.

A necessidade de renovação no partido é um discurso recorrente do próprio Lula, que começou a bater na tecla com mais ênfase após os gigantescos protestos de rua de junho de 2013. Se for eleito em 2022, o petista encerraria seu próximo mandato no Planalto com 81 anos.

Vinte anos depois de conseguir seu primeiro mandato presidencial, Lula tem em seu círculo mais próximo várias pessoas que já figuravam com destaque na campanha de 20 anos atrás —muitos, assim como ele, na casa dos 60 e 70 anos de idade.

O PT cresceu nos anos 1980 e 1990 bastante identificado com a juventude, em especial nos protestos que impulsionaram o impeachment de Fernando Collor de Mello (1992).

Hoje, a bancada de deputados federais do partido é a mais velha da Câmara, na média (58 anos), e há ainda a concorrência do PSOL —criado por dissidentes em 2004— na busca pelo eleitorado e por líderes políticos mais jovens.

Nesse ponto, a ascensão de Jair Bolsonaro (PL) e o atual favoritismo de Lula contribuíram para a entrada de caras novas no partido, alguns deles vindos exatamente do PSOL —como o ex-deputado federal Jean Wyllys, 47, e o historiador Douglas Belchior, 43, um dos principais líderes do movimento negro em São Paulo.

De volta ao PT após 16 anos de permanência no PSOL, Belchior, que é pré-candidato a deputado federal, diz que há uma mudança em curso dentro do PT. Um dos fundadores do Coalizão Negra por Direitos, ele afirma que a transformação acontecerá em resposta à sociedade, não pela vontade de um ou de outro.

Ele compara o PT a um transatlântico para dizer que, em um partido tão grande, as mudanças exigem tempo. Questionado se integra uma das correntes internas do PT, cuja correlação de forças determina o poder na sigla, Belchior brinca: "Preto e corrente são coisas que não combinam".

"O PT tem o processo das cotas. Toda a direção precisa ter pelo menos 10% de jovens e 20% de negros. Então o processo de renovação interno, de transição geracional, ele é feito a todo momento", diz Nádia Garcia, 26, secretária nacional da juventude do PT.

Como apostas do partido, ainda praticamente desconhecidas em âmbito nacional, ela cita, entre outros, nomes como Camila Moreno, da executiva nacional do PT, Anne Karolyne, secretária nacional de mulheres do PT, Vitor Quarenta, um dos formuladores das teses do partido, João Victor Mota, idealizador do movimento Representa, de renovação na legenda, e as vereadoras eleitas em 2020 Dandara (a mais votada de Uberlândia, MG), Moara Saboya (Contagem, MG), Brisa (Natal) e Camila Jara (Campo Grande), além de Vinicius Castello (Olinda).

Marlene Bergamo - 29.out.21/Folhapress

O ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad

Marcos Oliveira - 4.jul.19/Agência Senado

O senador petista Jacques Wagner (BA)

> "O PT tem o processo das cotas. Toda a direção precisa ter pelo menos 10% de jovens e 20% de negros. Então o processo de renovação interno, de transição geracional, ele é feito a todo momento
>
> **Nádia Garcia** secretária nacional da juventude do PT

De dentro da estrutura partidária, a tesoureira do PT, Gleide Andrade, deverá disputar uma cadeira de deputada federal nas próximas eleições.

Alheias à máquina petista e à organização interna do partido, vereadoras de primeiro mandato também se preparam para concorrer à Câmara de Deputados.

Mais jovem vereadora de Florianópolis e única eleita pelo PT na cidade, a socióloga Carla Ayres, 33, já lançou sua candidatura. Filiada ao partido desde os 16, concorreu pela primeira vez em 2016, em meio ao processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, como fruto da construção coletiva de movimentos LGBTQIA+ e feministas.

Sem participar organicamente de uma corrente petista, Carla concorreu em 2020 com uma campanha apoiada em ações virtuais, apesar das dúvidas lançadas sobre sua viabilidade eleitoral.

"O termo viabilidade eleitoral é muito presente no vocabulário do partido", afirma ela.

Em comum, essas vereadoras rechaçam a expressão "identitarismo" para definir sua agenda política e pregam a renovação partidária. Suas candidaturas foram fundadas em movimentos coletivos.

A candidatura de Maria Marighella à Câmara de Vereadores de Salvador amparou-se no ManifestA ColetivA, que chama de "movimentação cidadã de ocupação da política institucional". Neta do guerrilheiro Carlos Marighella, Maria, 44, filiou-se ao PT em fevereiro de 2020, após atuar em governos petistas como gestora de políticas para a cultura.

Pré-candidata à Câmara dos Deputados, diz que sua eleição é a validação do modo de fazer política que defende. "Quando você tem um êxito eleitoral, as pessoas param para te ouvir", afirma.

Declarando-se "assumidamente lulista", a vereadora Liana Cirne, 50, conta que não vislumbrava a possibilidade de entrar para a política institucional até o processo que levou ao impeachment de Dilma em 2016, um ano antes de se filiar ao PT.

Continua na pág. A6

Esquerda e direita diante da Ucrânia

Invasão é má notícia para esquerdistas e motivo de confusão de direitistas

Celso Rocha de Barros
Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

No que se refere à invasão da Ucrânia por tropas russas, duas coisas devem ser óbvias para a esquerda latino-americana: em primeiro lugar, ninguém precisa nos explicar que os Estados Unidos também são capazes de agressões imperialistas. Em segundo lugar, ninguém aqui aceita a ideia de que potências nucleares têm o direito de invadir países vizinhos que tentam sair de suas áreas de influência.

A Ucrânia é um país soberano que deve ter suas fronteiras preservadas.

Qualquer outra posição dentro da esquerda está errada. Não, uma vitória russa não será um triunfo do anti-imperialismo; será uma vitória do imperialismo russo. Não, um fortalecimento do imperialismo russo não aumentará a margem de manobra dos países mais pobres para extrair concessões econômicas dos impérios em disputa: a Rússia continua sendo um país com graves problemas econômicos que não está em condições de ajudar ninguém. E, pelo amor de Deus, uma vitória russa não representará progresso para os ideais de esquerda. Isso já não era verdade na época da União Soviética: a exportação da revolução pelos tanques soviéticos foi sempre uma tragédia. Mas no caso do regime russo atual a ideia é francamente bizarra: Putin é um conservador militarista que governa aliado a oligarcas.

Sim, com todos esses problemas, a Rússia pode ser um aliado na formação de um mundo multipolar. Mas, se você acha isso, a guerra é uma tragédia: um aliado potencial do multipolarismo se enfiou em um conflito que pode lhe tirar legitimidade na arena internacional por muitos anos.

Por fim, há gente comemorando a invasão como desafio à ordem internacional pós-Guerra Fria. Na verdade, o que se viu na esfera internacional nos últimos anos foi o seguinte movimento: tudo que a globalização capitalista tem de mais selvagem —superexploração da força de trabalho, degradação ambiental, especulação financeira— prolifera livremente. O que entrou em crise foram os esforços de tornar esse processo um pouco mais civilizado, como a ONU ou a União Europeia. A invasão reforça essa tendência.

Enfim, a invasão da Ucrânia foi uma notícia muito ruim para quem defende os valores da esquerda ou para os liberais que esperam que o capitalismo seja acompanhado das instituições de uma sociedade aberta.

Para quem defende as versões mais reacionárias do capitalismo, porém, alguma confusão ideológica diante da guerra na Ucrânia é compreensível.

Na semana passada, políticos e comentaristas de extrema direita americanos, como Steve Bannon, elogiaram o atual regime russo: segundo Bannon, na Rússia as pessoas sabem em que banheiro ir, sem essa história de transgênero.

Não é por acaso, portanto, que o bolsonarismo ficou atordoado com a invasão da Ucrânia. Bolsonaro havia acabado de ir à Rússia proclamar-se "solidário" a Putin; mas seus militantes sempre defenderam "ucranizar" o Brasil, referindo-se às táticas da extrema direita ucraniana. Bolsonaro gostaria de unir-se à Otan, como o governo da Ucrânia, mas também gostaria de instaurar uma ditadura como a de Putin. Sonha exatamente com o capitalismo sem civilização que vem ganhando espaço, mas não tem coragem de desafiar os Estados Unidos. Como Steve Bannon diante do banheiro, Jair ficou paralisado pela dúvida e sujou as próprias calças.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | **TER. Joel Pinheiro da Fonseca** | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Sávio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

PT tem dificuldade de renovação e vê apenas dois sucessores de Lula

Continuação da pág. A4

Professora de direito, ela já advogava para movimentos sociais, como Ocupe Estelita e Maracatuzeiros.

Hoje, diz que quer contribuir para a renovação política dentro do partido. Na sua opinião, Lula é a figura que melhor representa o desejo de renovação interno do PT.

Liana afirma que sua própria eleição demonstra que é possível ter espaço dentro do partido.

"Tenho que me adaptar à forma de organização dele, ao mesmo tempo que luto para que o partido se alinhe ao desejo de Lula de renovação", diz.

Alguns nomes já relativamente antigos na estrutura partidária também reivindicam o rótulo de novo.

É o caso do secretário de comunicação da sigla, Jilmar Tatto, hoje sem mandato, que é pré-candidato a deputado federal, e que brinca ao comentar o debate sobre renovação. "Eu sou a renovação. Eu sou o novo."

Elogiando a atual direção do PT, da qual faz parte, Jilmar diz que a transformação já aconteceu no partido.

"Onde está a velha guarda? O Zé Dirceu? O Genoino? Esse povo não comanda mais o partido", diz, em referência a dois ex-presidentes da legenda que, atualmente, participam da militância interna.

Jilmar diz que, sob sua gestão, a comunicação do PT melhorou da água para o vinho, e que o atual comando petista tirou o partido do ostracismo.

Ele também minimiza a possibilidade de renovação partidária saída das urnas. Segundo ele, deve-se buscar a ampliação dos quadros do partido, mantendo quem já está. "É mais ampliação do que renovação. O resto é discurso. Não caia nessa."

Também um dos nomes em ascensão dentro do partido, apesar de estar no quinto mandato de deputado federal, Reginaldo Lopes (MG), 48, líder da bancada na Câmara, cita também como parte da renovação governadores do PT que encerram agora em 2022 o ciclo da reeleição, com possibilidade, os três, de disputar vaga no Senado —Camilo Santana (CE), Rui Costa (BA) e Wellington Dias (PI).

"O PT está com uma safra de governadores muito interessante", afirma.

Filho de produtores rurais, o deputado estadual Edegar Pretto, 50, foi escolhido candidato ao Governo do Rio Grande do Sul graças ao estímulo dos ex-governadores Olívio Dutra e Tarso Genro.

Líderes do PT no estado, os dois descartaram concorrer, defendendo a ascensão de novos nomes do partido.

Defensor da produção de alimentos saudáveis, da agricultura familiar e membro do Comitê Brasil ElesPorElas (HeForShe), da ONU Mulheres, Edegar aposta na renovação partidária.

"Não é fácil. Às vezes leva a cabeça e não leva o corpo junto", afirma ele, em metáfora com a estrutura do partido.

Ex-presidente do PT, também deputado federal e integrante da executiva nacional do partido, Rui Falcão, 78, integra hoje corrente minoritária que se declara contrária a uma chapa de Lula com o ex-tucano Geraldo Alckmin.

Ele defende um processo de fortalecimento do coletivo partidário como forma de reduzir a dependência desse ou daquele nome.

"O que me preocupa não é renovação, isso sempre ocorre e é positivo, o que me preocupa é que a gente possa perder a identidade e se igualar a outros partidos. Por isso é preciso combater o pragmatismo e fortalecer estruturas partidárias, a formação política, favorecer os processos coletivos, e não ficar acreditando só no poder de lideranças individuais."

Outros nomes da nova safra citados por petistas são as deputadas federais Marília Arraes (PE), 37, e Natália Bonavides (RN), 33, e o senador recém-filiado Fabiano Contarato (ES), 55.

"

O que me preocupa não é renovação, isso sempre ocorre e é positivo, o que me preocupa é que a gente possa perder a identidade e se igualar a outros partidos. Por isso é preciso combater o pragmatismo e fortalecer as estruturas partidárias, a formação política, favorecer os processos coletivos, e não ficar acreditando só no poder de lideranças individuais

Rui Falcão
deputado federal

Jair Bolsonaro durante evento do banco BTG Pactual Anderson Riedel - 23.fev.22/Divulgação Presidência

Pito de Bolsonaro em mercado revela eixo de sua campanha

Presidente inflou feitos econômicos, reavivou pauta ideológica e atribuiu a Lula ameaça antidemocrática

ANÁLISE

Ranier Bragon e Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O sermão que Jair Bolsonaro (PL) deu no evento com expoentes do mercado financeiro e do mundo empresarial, na última quarta-feira (23), expôs de forma didática e resumida o que deve ser a tônica de sua campanha à reeleição.

Em tom de cobrança e novamente insinuando possibilidade de ruptura democrática caso as urnas lhe sejam desfavoráveis, o presidente inflou feitos econômicos e a qualidade de sua equipe de ministros, reavivou a pauta ideológica e apontou em Lula (PT) o risco do autoritarismo que, na realidade, pautou boa parte de sua própria gestão.

Tudo na tentativa de passar a imagem de que só ele é a opção eleitoral que manterá o país nos trilhos da economia e da democracia.

A tática usada é a mesma colocada em prática desde 2018, o que inclui acusar adversários de fazer aquilo que ele próprio pratica.

Bolsonaro, por exemplo, disse que o "outro lado" antecipou a campanha, afirmando não ter cedido a isso, apesar de suas motociatas e demais eventos, assim como o próprio discurso no evento do banco BTG Pactual.

Além dos temas econômicos, objeto do encontro, ele disse que a volta do PT ao poder significa o fortalecimento do MST, recolhimento de armas "das mãos dos cidadãos de bem", desmilitarização das polícias militares, extinção dos colégios militares, liberação das drogas, legalização do aborto e reaproximação a ditaduras de esquerda, como Cuba.

"O outro lado defende exatamente tudo isso daí", resumiu o pacote misturando verdades a meias-verdades e mentiras, tudo costurado com tom altamente ideológico.

Um dos pontos altos de sua inflamada fala foi a afirmação de que o país só não se tornou um regime mais fechado porque ele resistiu, o que não encontra amparo nos fatos.

As principais ameaças de ruptura democrática partiram justamente dele e de seus apoiadores mais inflamados —e uma delas ele voltou a repetir, reconhecendo não haver provas de fraude nas urnas eletrônicas, mas também afirmando que não há provas de que não há.

"Peguem meus ministros, um a um, comparem com os outros que os antecederam, veja o perfil", prosseguiu, em mais um momento em que as palavras não encontram amparo em fatos, tendo em vista a profusão de trocas e de ministros com gestões desastrosas, sem contar que boa parte de sua equipe é formada pelo mesmo centrão que esteve nos governos do PT.

Bolsonaro reclamou também claramente do Judiciário, a quem acusa de jogar "fora das quatro linhas" ao ameaçar tolher o Telegram, sua rede social preferida hoje, e por prender aliados como Daniel Silveira e Roberto Jefferson.

A escolha do palco para discurso tão incisivo não é fruto do acaso. Se antes o retorno do PT ao Planalto era algo rechaçado e até temido no mundo econômico, nas últimas semanas cresceram os sinais de que a vitória do ex-presidente já não causa tanta aflição assim no mercado.

Dias antes da fala de Bolsonaro, o banco Credit Suisse divulgou um relatório prevendo vitória de Lula nas urnas e um governo pragmático, mais próximo do que foi seu primeiro mandato, de 2003 a 2006. Luis Stuhlberger, CEO da Verde Asset e considerado um dos maiores gestores de fundos do país, também já afirmou que o mercado estrangeiro não tem percepção negativa sobre o petista.

[...]

Presidente não disse o que ele mesmo fará na economia em um eventual segundo mandato. Nem seu ministro aparenta saber

O próprio presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, indicado pelo atual chefe do Executivo sob a recomendação do ministro Paulo Guedes, admitiu à jornalista Miriam Leitão, da GloboNews, que o temor do mercado com a chance de vitória de Lula diminuiu —em uma declaração que repercutiu negativamente dentro do governo.

O cálculo também é pragmático. Embora o mercado possa não concordar com absolutamente tudo que é defendido pelo petista, há uma avaliação de que Lula na Presidência dará mais previsibilidade do que Bolsonaro, afeito a rompantes populistas— basta lembrar o atropelo na decisão de bancar um programa social de no mínimo R$ 400 em ano eleitoral, ainda que às custas da credibilidade da principal âncora fiscal do país, o teto de gastos.

Em uma tentativa quase desesperada de reverter o quadro, Bolsonaro começou seu discurso listando —em tom de advertência que não passou despercebido— o que seriam medidas empreendidas por um novo governo Lula.

A lista inclui a revogação da autonomia do Banco Central, da qual o presidente já indicou a interlocutores ter se arrependido, a reversão da reforma trabalhista, aprovada por seu antecessor, Michel Temer (MDB), a revogação da reforma da Previdência, pela qual nunca se envolveu diretamente no esforço de obter apoio, e uma intervenção nos preços praticados pela Petrobras nos combustíveis, iniciativa com a qual o próprio Bolsonaro flertou em diversas ocasiões.

O chefe do Executivo só não disse o que ele mesmo fará na economia em um eventual segundo mandato. Nem seu ministro aparenta saber.

Enfraquecido pela falta de apoio de Bolsonaro à agenda de privatizações e reformas, centrais em sua pauta liberal, Guedes tem dito a interlocutores que sua permanência em um novo mandato depende do claro endosso do presidente a essas propostas.

Bolsonaro já não é mais um candidato desconhecido. Não foram poucas as vezes que partiu do próprio Palácio do Planalto o fogo amigo que minou as propostas de Guedes, aprovadas no Congresso em ritmo cada vez mais lento e com custo cada vez maior. Por isso, qualquer promessa será recebida com ceticismo. Ainda assim, nenhuma sinalização foi feita nessa direção até agora —o que, para o mercado, já é uma sinalização.

O prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil (PSD), que vai deixar o cargo Divulgação

11 prefeitos avaliam renúncia por candidatura para governo

Chefes do Executivo municipal devem deixar cargo até abril para serem candidatos

José Matheus Santos e João Pedro Pitombo

SALVADOR Ao menos 11 prefeitos eleitos em 2020 avaliam abrir mão de dois anos e nove meses de mandato até 2024 para tentar a sorte nas urnas e concorrer aos governos de seus respectivos estados nas eleições de outubro.

Para serem candidatos em outubro, eles devem renunciar ao cargo que ocupam hoje até 2 de abril. A data, seis meses antes da eleição, é o limite para desincompatibilização por determinação da legislação eleitoral.

Dentre os que avaliam a renúncia estão prefeitos de seis capitais: Belo Horizonte, Maceió, Aracaju, Florianópolis, Cuiabá e Campo Grande. Também cogitam concorrer a governos estaduais prefeitos de cinco cidades de interior.

Na maior parte dos casos, a indefinição acerca da possível renúncia colocou em compasso de espera tanto aliados dos prefeitos quanto os adversários, que evitam definir suas chapas antes de ter clareza sobre o cenário eleitoral.

A definição mais aguardada é a do prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil (PSD), cuja candidatura ao Governo de Minas Gerais teria potencial de mexer no xadrez da eleição nacional.

Isso porque o prefeito é um dos poucos nomes competitivos da oposição em Minas Gerais que conseguiria aglutinar o apoio de partidos de centro e de esquerda e ainda teria o provável apoio do ex-presidente Lula (PT).

De acordo com aliados, ele está decidido a renunciar ao cargo no final de março e caminha para os últimos dias de mandato na capital mineira. Até a eleição, terá como principal desafio se fazer conhecido e atrair o eleitorado do interior do estado.

Reeleito no primeiro turno em 2020 com a segunda maior votação proporcional entre as capitais brasileiras, Kalil deve enfrentar o governador Romeu Zema (Novo), que tentará a reeleição e tem flertado com o presidente Jair Bolsonaro (PL).

Em Maceió, a indefinição sobre uma possível renúncia do prefeito João Henrique Caldas, conhecido como JHC, deixa todo o cenário eleitoral de Alagoas em aberto.

Com popularidade alta, ele é visto como um forte candidato à sucessão do governador Renan Filho (MDB), de quem é adversário.

JHC tem um acordo com o vice-prefeito Ronaldo Lessa (PDT) e o senador Rodrigo Cunha (PSDB) para manter o tripé da oposição unido contra o grupo de Renan Filho. No momento, o mais provável é que Cunha seja o candidato ao governo. Em meio de mandato, ele tem como suplente a mãe do prefeito JHC.

Ainda assim, aliados afirmam que JHC, que tem 34 anos, vive o dilema entre concorrer em uma eleição onde entraria na condição de favorito ou se manter na Prefeitura de Maceió, onde tem sua primeira experiência no Poder Executivo.

Maceió vive um momento delicado com o desastre ambiental causado pela exploração de salgema pela Braskem, que causou afundamentos que atingem mais de 14 mil famílias.

Em contrapartida, a prefeitura está prestes a fechar um acordo que deve render uma indenização bilionária.

JHC é o único dos 11 prefeitos que cogitam concorrer a governos estaduais em 2022 que está cumprindo o primeiro mandato. Desta forma, teria que herdar o desgaste de deixar o cargo com apenas um ano e três meses na função.

> Vou ser candidato porque estou indignado com a situação em que Pernambuco se encontra. Sabemos do potencial e das oportunidades que podem ser criadas e isso foi engolido por incompetência
>
> **Miguel Coelho**
> prefeito de Petrolina (União Brasil)

O histórico de prefeitos que renunciam em primeiro mandato não ajuda, mesmo em caso de vitórias nas urnas. Em São Paulo, as renúncias dos então prefeitos tucanos José Serra em 2004 e João Doria em 2018 geraram desgaste para ambos na capital.

Em Pernambuco, nada menos que três prefeitos de cidades médias do interior, todos eles bem avaliados, articulam para concorrer ao governo no campo da oposição e tentar enfrentar o domínio do PSB, que há 16 anos governa o estado.

O prefeito de Petrolina, Miguel Coelho (União Brasil), sairá do cargo no dia 30 de março para ser candidato a governador. Ele é filho do senador Fernando Bezerra Coelho (MDB), ex-líder do governo Bolsonaro, e tem apoio do Podemos.

"Vou ser candidato porque estou indignado com a situação em que Pernambuco se encontra. Sabemos do potencial e das oportunidades que podem ser criadas e isso foi engolido por incompetência. O estado está virando campeão em ser pior em tudo", afirmou Coelho.

De estilo reservado, a prefeita de Caruaru, Raquel Lyra (PSDB), ainda não confirmou publicamente se disputará o governo. Interlocutores da tucana dizem que ela deve anunciar a entrada na disputa em março baseada em pesquisas para consumo interno que a colocam como melhor posicionada da oposição.

Filha do ex-governador João Lyra Neto, Raquel está no segundo mandato e é a primeira mulher prefeita de Caruaru, maior município do interior. A candidatura eventual dela serviria como palanque de João Doria à Presidência.

Também cogita concorrer nas eleições deste ano Anderson Ferreira (PL), prefeito de Jaboatão dos Guararapes, cidade da região metropolitana do Recife.

Ligado ao segmento evangélico, Anderson foi reeleito com facilidade em 2020, ainda no primeiro turno. Ele já confirmou à imprensa que deixará o cargo até o início de abril, mas está em dúvida se disputa o governo do estado, servindo como palanque para Bolsonaro, ou o Senado, em uma chapa com Raquel Lyra.

Se ainda há dúvidas em capitais como Maceió e Belo Horizonte, ao menos dois prefeitos de capitais já cravaram que vão concorrer em 2022.

Em Campo Grande, o prefeito Marquinhos Trad (PSD) bateu o martelo e deve deixar o cargo até o fim do prazo de desincompatibilização. Membro de família tradicional na política sul-mato-grossense e irmão do senador Nelsinho Trad (PSD), ele já tem o apoio de Patriota e PSB.

Mas o pleito promete um páreo duro no estado. O governador Reinaldo Azambuja (PSDB) apoiará o secretário de Infraestrutura, Eduardo Riedel (PSDB), enquanto devem se lançar os ex-governadores André Pucinelli (MDB) e Zeca do PT e a deputada federal Rose Modesto, de saída do PSDB para a União Brasil.

Quem também já se definiu para a disputa do governo foi o prefeito de Florianópolis, Gean Loureiro (União Brasil). Ele vai renunciar em março e deverá receber os apoios de PSD e Podemos, PSDB e PP em Santa Catarina.

O estado é tido como um dos redutos bolsonaristas no país, mas Loureiro diz que não pretende ter vínculos com candidatos à Presidência da República na disputa local.

"Não vou ser candidato de um candidato a presidente. Essa experiência acabou acontecendo na eleição passada, quando o governador [Carlos Moisés] foi eleito pelo PSL e poucos meses depois tomou posição contrária a Bolsonaro. Vou ser candidato dos catarinenses", afirma.

O prefeito de Aracaju, Edvaldo Nogueira (PDT), está no grupo dos indecisos. Com a gestão bem avaliada e bem posicionado nas pesquisas, ele só deixará a prefeitura caso seja o candidato de consenso do grupo do governador Belivaldo Chagas (PSD).

"Não é fácil. É uma decisão que requer muita responsabilidade e um apoio muito grande do conjunto de partidos do nosso grupo", afirma Nogueira, que cumpre seu quarto mandato na capital sergipana.

Além de Nogueira, o deputado federal Fábio Mitidieri (PSD) é o outro principal pré-candidato ao governo do grupo liderado pelo governador.

Outro indeciso é o prefeito de Cuiabá, Emanuel Pinheiro (MDB), que pode deixar o cargo para concorrer ao Governo de Mato Grosso.

"Ainda não tomei decisão, mas há uma forte tendência para aceitar essa convocação de várias forças políticas e da sociedade", afirma.

Pinheiro foi alvo de operação do Ministério Público e da Polícia Judiciária Civil de Mato Grosso em outubro de 2021 e é acusado de participar de supostas irregularidades em contratações de servidores temporários da saúde do município.

Na época, ele chegou a ser afastado temporariamente do cargo, ao qual retornou no mês seguinte.

O prefeito nega as acusações e se diz vítima de uma perseguição. Ainda diz acreditar que não sofrerá desgaste por isso em eventual campanha eleitoral.

Caso decida pela candidatura, Pinheiro terá parada dura: vai enfrentar o governador Mauro Mendes (União Brasil), que tentará a reeleição.

Prefeitos de cidades do interior também articulam pré-candidaturas. Em São Paulo, o prefeito de São José dos Campos, Felício Ramuth (PSD), foi lançado para a disputa pelo presidente nacional do partido, Gilberto Kassab.

Em Goiás, o prefeito de Aparecida de Goiânia, Gustavo Mendanha, se articula para ser o candidato de oposição ao governador Ronaldo Caiado (União Brasil). Para isso, desfiliou-se do MDB, partido que vai indicar o vice de Caiado, e negocia uma possível filiação ao PL, Podemos ou Patriota.

Bolsonaro diz não ver impacto eleitoral da guerra na Ucrânia

Klaus Richmond

GUARUJÁ Criticado por adversários por sua aproximação com a Rússia, o presidente Jair Bolsonaro (PL) disse, neste domingo (27), que não vê a guerra na Ucrânia tendo impacto eleitoral no Brasil e afirmou que está trabalhando gradualmente na construção de alianças para o pleito.

Ele deu as declarações em entrevista à imprensa em Guarujá (SP), onde passa o Carnaval. "Não acredito", disse Bolsonaro, sem se estender no tema.

Logo a seguir, começou a falar do papel das Forças Armadas na eleição e disse que os militares foram convidados pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) a integrar uma comissão sobre transparência.

"Está sendo ultimado nos próximos dias, para nós termos conhecimento, se existe, existiu ou pode existir alguma vulnerabilidade [nas urnas]. Pode ser que o ministro [Luís Roberto] Barroso tenha razão, pode ser. Mas, se não tiver, as Forças Armadas vai apresentar o seu relatório e vai sugerir alterações."

O presidente também foi questionado sobre as alianças eleitorais para este ano. Disse que sabe como funciona e "quais interesses" existem.

"Tem muito partido que está bem-intencionado realmente, mas... Vão se acertando. E vão se acertando por estados. Por exemplo: estado da Paraíba. Acabamos de resolver [a aliança]. Era um estado que não tinha acesso quase nenhum."

Na semana passada, o presidente do Republicanos, Marcos Pereira, disse que Bolsonaro está atrapalhando o partido, que tem sido aliado do governo.

Sobre a eleição em São Paulo, disse que está fechado com o ministro Tarcísio Freitas, da Infraestrutura, para a disputa para o governo. "Não fechamos ainda nem o vice nem o senador. Tem algumas propostas por aí."

Bolsonaro disse ainda que 11 ministros devem sair para disputar eleições.

Na entrevista, Bolsonaro voltou a evitar condenar a ação militar russa e disse que o convite para ir à Rússia já tinha sido aceito em novembro. Falou ainda que Vladimir Putin, presidente da Rússia, demonstrou carinho com o Brasil e lhe deu honras militares.

Aliados do presidente têm dito que seus apoiadores ainda não têm um discurso único a respeito da guerra.

O entorno do presidente também avalia que o posicionamento do Brasil não trará impacto eleitoral.

O chefe do Executivo tem sido cobrado por integrantes do mundo político e por comentários em redes sociais a condenar os ataques dos russos.

Seus prováveis adversários na disputa pela Presidência têm criticado tanto a guerra quanto a neutralidade que Bolsonaro tem adotado.

A estadia de Bolsonaro no litoral paulista tem sido marcada por uma rotina intensa de passeios. O político chegou ao Guarujá de helicóptero, ainda na manhã de sábado (26), para ficar hospedado no hotel de trânsito do Forte dos Andradas. Desde o início do mandato, essa é a décima passagem pelo local.

Novamente, ele está acompanhado de grande comitiva. Além do ex-secretário de comunicação da presidência, Fabio Wajngarten, estão presentes o deputado federal Helio Lopes (PSL-RJ) e os assessores especiais Mosart Aragão e Max Guilherme.

Os dois últimos publicam vídeos de passeios pelo Guarujá. No primeiro deles, a bordo de um jet-ski, é possível ver Bolsonaro sendo recepcionado por grupos de apoiadores em lanchas próximas a Praia Grande, município vizinho. Todos, inclusive o presidente, estavam sem máscara de proteção.

Ainda no sábado, ele saiu para jantar em um restaurante no bairro Vila Maia, próximo a praia de Pitangueiras. Na saída do local, fez selfies e provocou novas aglomerações ao lado de apoiadores que o aguardavam na porta.

Leia mais em Mundo, na pág. A13

Plenária da Assembleia Nacional Constituinte, em 1934, no Rio de Janeiro

Forma de eleição ao Legislativo completa 90 anos sob disputa

Sistema usado para definir deputados e vereadores abriu espaço para oposição

Renata Galf

SÃO PAULO Hoje, nas eleições para o Legislativo, com exceção do Senado, o eleitor pode estar ajudando a eleger não o candidato a quem deu seu voto, mas outro nome mais bem votado deste mesmo partido.

Isso ocorre porque o Brasil adota o sistema eleitoral proporcional, em que as cadeiras na Câmara dos Deputados, nas Assembleias Legislativas e nas Câmaras Municipais são distribuídas não simplesmente com base em quais candidatos receberam mais votos, mas sim de modo proporcional à votação total de cada partido.

A introdução desse tipo de sistema no país acaba de completar 90 anos. Em fevereiro de 1932, Getúlio Vargas decretou um novo Código Eleitoral que, além da representação proporcional, trazia outras inovações como a criação da Justiça Eleitoral e a introdução do voto feminino.

"Porque a eleição exige um número menor de votos neste tipo de sistema político, ele tende a favorecer minorias", explica Andréa Freitas, que é professora de ciência política da Unicamp e coordenadora do Núcleo de Estudos das Instituições Políticas e Eleições do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento).

"Ele não é um sistema completamente fechado só para os grandes partidos, como é o caso de sistemas majoritários como o dos Estados Unidos."

O sistema proporcional aprovado em 1932, contudo, além de considerado complexo, ainda não era totalmente proporcional. Feitos os cálculos dos eleitos pelos quocientes eleitoral e partidário, a distribuição das sobras das cadeiras era feita apenas com base nos mais votados.

A Constituição de 1891, a primeira promulgada após a proclamação da República, determinava que a Câmara seria composta "mediante o sufrágio direto, garantida a representação da minoria".

Por minorias, à época, entendia-se os grupos de oposição ao governo, as minorias políticas. Apesar da previsão constitucional, a realidade foi outra.

> O nosso sistema funcionaria melhor se as pessoas tivessem clareza das escolhas que elas estão fazendo

> Porque a eleição exige um número menor de votos neste tipo de sistema político, ele tende a favorecer minorias
>
> **Andréa Freitas**
> professora de ciência política da Unicamp

> Com o sistema proporcional, isso significa que há um mecanismo institucional, ou seja, uma regra que permite às oposições serem representadas, mesmo elas ganhando poucos votos
>
> **Paolo Ricci**
> professor de ciência política da USP

Ao longo da Primeira República (1889-1930), a tônica eleitoral era marcada pela hegemonia dos partidos republicanos estaduais e pela política dos governadores, em que as elites locais garantiam apoio ao governo federal e vice-versa.

Nesse período, para além da discussão sobre combate a fraudes eleitorais generalizadas, também se fazia presente o debate a respeito de mudanças nas leis, de modo a permitir que a oposição ganhasse assentos no Parlamento.

Em 1916, por exemplo, a legislação previu o voto cumulativo, o que permitia ao eleitor concentrar em um mesmo candidato todos os votos de que dispunha, ao invés de distribuí-los entre diferentes candidatos. A regra poderia favorecer a oposição, na medida em que ela apresentasse apenas um candidato, o que permitiria concentrar votos.

Outras regras, até anteriores à República, chegaram a ser implementadas, contudo sem que se convertessem em garantia de acesso das oposições a assentos no Legislativo.

Em 1868, o político e romancista José de Alencar, conhecido por clássicos da literatura como "Iracema", alertava para a necessidade de representação das minorias no livro "O Systema Representativo".

Já em 1893, o político gaúcho Assis Brasil defendia, em "A Democracia Representativa", a adoção do sistema que, de fato, quase 40 anos mais tarde seria implementado.

Assis Brasil foi nomeado por Vargas como um dos membros da comissão que reformaria as regras eleitorais do país. O jurista foi um dos integrantes da chamada Revolução de 1930, movimento que depôs a Primeira República e que tinha como bandeira a moralização das eleições.

Se antes da reforma eleitoral os partidos com mais votos nas urnas raramente viam seus candidatos derrotados, o cenário pós-32 é outro, aponta o pesquisador e professor de ciência política Paolo Ricci, da USP.

Ricci é organizador do livro "O Autoritarismo Eleitoral dos Anos 30 e o Código Eleitoral de 1932", que reúne artigos de pesquisadores de diferentes instituições.

"Um caso clássico de São Paulo é o PRP (Partido Republicano Paulista), que dominou a cena partidária da Primeira República", diz. "Com o sistema proporcional, isso significa que há um mecanismo institucional, ou seja, uma regra que permite às oposições serem representadas, mesmo elas ganhando poucos votos."

Ao calcular as taxas de sucesso dos partidos vitoriosos nos pleitos da Primeira República e da década de 1930, Ricci aponta que houve diferenças consideráveis. Tal taxa vem da quantidade de candidatos do partido mais bem votado em cada estado que foram eleitos.

Enquanto a média da Primeira República foi de 95,2%, nas eleições dos anos 1930, ela passou para 77,2%.

"Isso mostra que nos anos 1930 os partidos mais bem-sucedidos não conseguem eleger todos os candidatos que concorrem ao pleito, diferentemente da Primeira República."

Em São Paulo, o valor percentual das derrotas do PRP vai de 4,8%, entre 1899 e 1930, para 22% e 35%, respectivamente, em 1933 e 1934.

Ao mesmo tempo em que Vargas parece acenar para uma postura democrática com introdução de uma regra que dá espaço à oposição, especialistas apontam que é preciso analisar com mais cuidado as motivações do grupo que tinha ascendido ao poder com o golpe de 1930.

Com os estados nas mãos de interventores, que tinham sido nomeados pelo próprio Vargas, o gaúcho buscou tirar vantagem na reorganização das forças políticas e no alistamento de eleitores.

Ainda assim, de acordo com o cientista político e professor da USP Glauco Peres, que assina artigo em conjunto com Ricci sobre o tema, é preciso levar em conta que, nas décadas anteriores, era esse grupo que estava na oposição e não havia garantias de que venceriam as oligarquias locais.

"No fundo, apesar de ter acesso ao governo, eles não tinham braço, não tinham uma organização forte o suficiente para disputar com as oligarquias anteriores", diz Peres.

"Criar a legislação proporcional era uma forma de que, nos lugares onde eles fossem minoria, eles ganhassem assentos também."

"Essa proposição era conservadora, do ponto de vista de quem estava no governo, porque reconhecia nos adversários, que eram as elites de Minas e São Paulo em particular, um potencial enorme para permanecer no poder."

O levantamento dos pesquisadores mostra, ainda assim, que as eleições de 1933 e 1934 viram um aumento no número de partidos em todos os estados em comparação ao período anterior.

Na Primeira República, entre 1899 e 1930, o número médio de siglas disputando vagas para a Câmara dos Deputados foi de 1,9%. Esse valor subiu para 4,9% em 1933, e para 6% no ano seguinte.

Pelos dados coletados nos boletins eleitorais do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), foram contabilizados 109 partidos em 1933 e 128 partidos em 1934. Naquele momento, o Brasil ainda não possuía partidos nacionais, as agremiações tinham atuação estadual, daí o número tão grande.

Para Ricci, a variação é consequência direta da introdução da proporcional, pois com a possibilidade de os partidos conseguirem acessar cadeiras na Câmara, também a disputa entre as correntes políticas nos estados aumentou.

Como explica a cientista política Freitas (Unicamp), o aumento de partidos é marca do sistema representativo.

Segundo a professora, entretanto, o número elevado foge do padrão visto em outros países que adotam o sistema. Com mais de 30 agremiações, o número excessivo no país é alvo de constantes críticas.

Como a depender do total de votos de cada partido também pode acontecer que um candidato pior posicionado, mas de um partido mais bem votado seja eleito, muitos partidos buscam campeões de voto ou puxadores de votos.

Freitas ressalta que seria importante a população ter conhecimento sobre como o voto é convertido em cadeiras. "O nosso sistema funcionaria melhor se as pessoas tivessem clareza das escolhas que elas estão fazendo", analisa. "Você está dando uma cadeira primeiro ao partido e não ao candidato."

Ao longo dos últimos anos, o Congresso já tentou mais de uma vez abandonar o sistema proporcional.

No ano passado, por 423 votos a 35, o modelo chamado distritão foi rejeitado pelo plenário da Câmara pela terceira vez — as duas vezes anteriores ocorreram em 2015 e 2017.

No distritão, seriam eleitos para a Câmara, Assembleias e Câmaras Municipais os candidatos mais bem votados.

Entre os pontos negativos do modelo, segundo especialistas, está o fato de que ele favoreceria que pessoas mais conhecidas, como celebridades, sejam eleitas. Além disso, enfraqueceria os partidos.

Outra diferença entre os dois modelos é que, com o sistema majoritário, os votos dados em candidatos não eleitos são desperdiçados, enquanto, no proporcional, eles podem ajudar a eleger outros concorrentes do mesmo partido.

Para Peres, não se tem clareza sobre quais problemas as propostas que têm sido colocadas buscam resolver.

"Quando se diz que a gente tem baixa representatividade do sistema político, isso passa pelos partidos também. Então a gente poderia imaginar alterações que mudem a maneira como os partidos funcionam sem alterar o código eleitoral", diz.

Como funciona o sistema proporcional hoje

A QUAIS CARGOS SE APLICA

- Câmara dos Deputados
- Assembleias Legislativas
- Câmaras dos Vereadores

COMO É CALCULADO

Quociente eleitoral
Após a apuração dos votos, primeiramente, é calculado o número mínimo de votos que um partido tem que ter para ter direito a pelo menos uma cadeira

Quociente eleitoral = votos válidos totais dividido pelo total de cadeiras

Quociente partidário
Sabendo o equivalente de votos mínimo para obter uma cadeira, são calculadas as cadeiras a que cada partido tem direito. O número é obtido pela soma dos votos obtidos por todos os candidatos de um partido (ou federação partidária), que é então dividida pelo quociente eleitoral

Quociente partidário = votos válidos do partido são divididos pelo quociente eleitoral

QUEM É ELEITO

- Apenas os candidatos de partidos que atingiram o quociente eleitoral obtêm cadeiras
- Os candidatos eleitos de cada partido são aqueles que tiveram mais votos, dentro de cada partido, até atingir o quociente partidário
- Para evitar que candidatos com votação inexpressiva sejam eleitos, puxados por campeões de voto, desde as últimas eleições nacionais, cada candidato precisa ter obtido sozinho pelo menos 10% do quociente eleitoral para ser eleito
- Depois disso, se sobrarem cadeiras, elas também são distribuídas de modo proporcional entre os partidos

SISTEMA MAJORITÁRIO

A quais cargos se aplica

- Presidência da República
- Governos estaduais
- Prefeituras
- Senado

Quem é eleito
Os candidatos mais votados

mundo guerra na ucrânia

Homem passa diante de um prédio destruído por bombardeio russo em Vasilkiv, perto de Kiev; pressão militar de Vladimir Putin se intensificou neste domingo (27) Daniel Leal/AFP

Ucrânia aceita negociar com Rússia ante aumento de pressão por Putin

Após rejeitar oferta inicial, Zelenski concorda com encontro que Moscou vê como rendição

Igor Gielow

MOSCOU O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, aceitou neste domingo (27) negociar um acordo para interromper a guerra lançada pela Rússia contra seu país na quinta (24). A depender das condições do Kremlin, ele pode estar assinando sua rendição ante um aumento da pressão militar de Vladimir Putin.

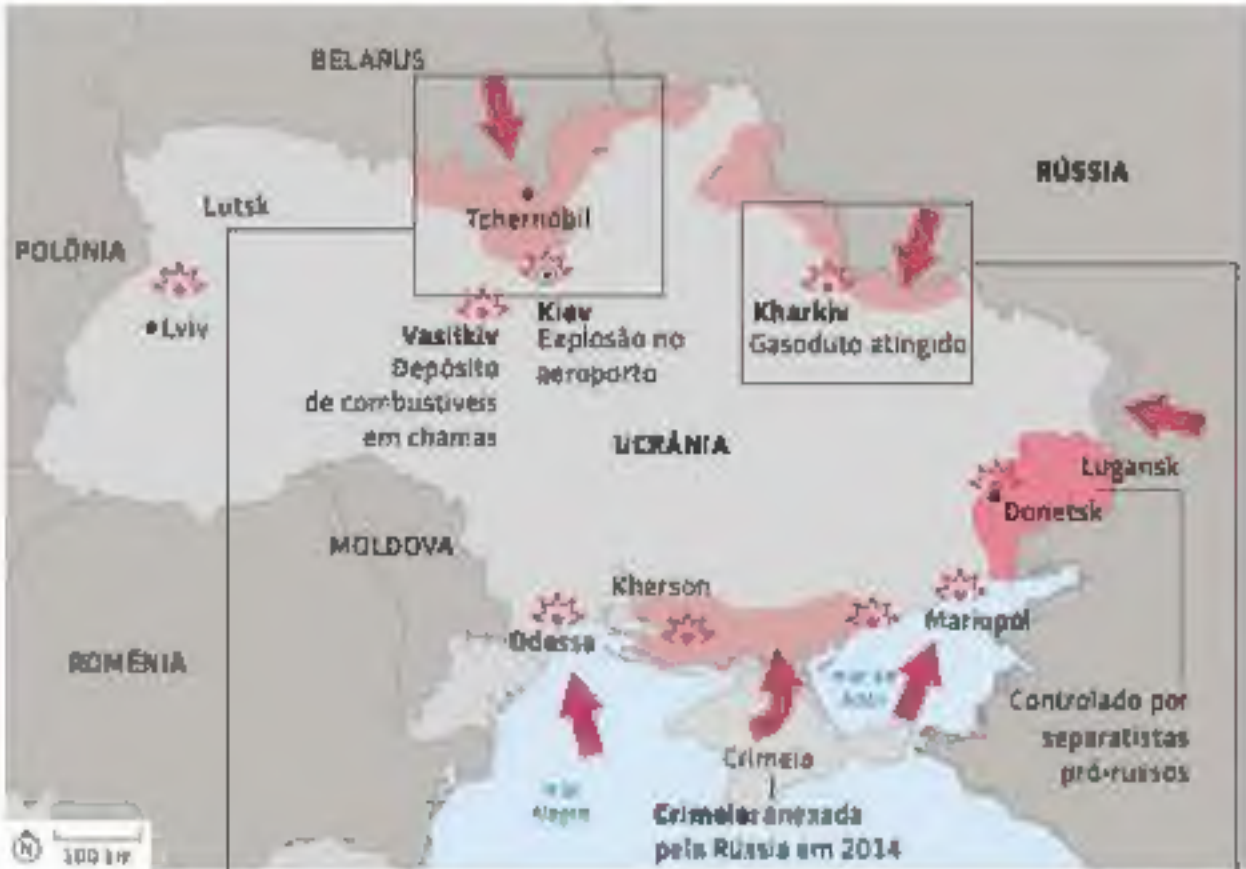
Forças russas entraram na segunda maior cidade da Ucrânia, Kharkiv, e iniciaram uma batalha nas suas ruas após uma noite de intensos combates. Em Kiev, a pressão continua com bombardeios, mas não há sinais de uma ofensiva total.

A movimentação veio logo após o Ocidente ter elevado o grau de punição a Moscou, ao anunciar o início da desconexão de alguns bancos russos do sistema internacional de transferências financeiras. Putin reagiu, colocando suas forças nucleares em alerta.

No fim da manhã (madrugada no Brasil), o Kremlin anunciou que uma delegação havia sido enviada para Gomel, cidade na Belarus a 40 km da fronteira ucraniana. "Estaremos prontos para começar negociações", disse o porta-voz de Putin, Dmitri Peskov.

Inicialmente, o governo de Zelenski rejeitou a iniciativa, presumivelmente porque o que Moscou quer é uma rendição. Em um pronunciamento, o presidente disse que seria possível conversar na Belarus se os russos não tivessem usado a ditadura aliada como uma das bases para seu ataque —justamente contra Kiev, a menos de 200 km da fronteira sul belarussa.

Por volta das 15h (10h em Brasília), contudo, a Presidência ucraniana disse que aceita ir a Gomel nesta segunda (28), demonstrando uma mudança de tom do líder. Em uma fala no fim da tarde, Zelenski tratou de baixar as expectativas, dizendo que não esperava uma solução no encontro. "Deixe-os tentar", afirmou.

O ucraniano havia tido um sábado de sucesso midiático no Ocidente, deixando seu passado de comediante e político inábil no poder para trás ao fazer discursos desafiadores em Kiev. Questionado pela CNN se considerava o movimento de Zelenski correto, o secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg, disse "confiar no julgamento do presidente".

Peskov não elaborou acerca do que a delegação vai exigir. Quando falou sobre o assunto, na sexta (25), havia citado que a ideia era negociar "a neutralidade da Ucrânia". Este é o ponto principal das demandas feitas ao Ocidente por seu chefe, enquanto juntava quase 200 mil soldados em torno do vizinho: evitar que Kiev adira à Otan (aliança militar ocidental) e, por tabela, à União Europeia.

Já o chanceler ucraniano, Dmitro Kuleba, afirmou que Moscou aceitou o encontro sem precondições, o que seria resultado da resistência imposta pelo país aos invasores.

Putin, por sua vez, apareceu rapidamente pela primeira vez em dois dias, em pronunciamento televisivo sobre o Dia das Forças Especiais. "Presto especial tributo àqueles que estão desempenhando heroicamente seus deveres militares durante a operação especial para assistir as repúblicas populares do Donbass", afirmou.

O eufemismo para a guerra virou obrigatório para a mídia russa, agora proibida em falar "invasão" ou "agressão". Refere-se ao "casus belli" arrumado por Putin para, nas suas palavras, desmilitarizar e desnazificar a Ucrânia: o reconhecimento como países de duas áreas controladas por rebeldes pró-Rússia desde 2014 no Donbass (leste do país), que ato contínuo pediram ajuda militar a Moscou.

Ela veio, como os meses de preparação acabaram provando, na forma de invasão por diversos pontos da Ucrânia. Kiev está cercada por dois pontos, a noroeste e a nordeste.

"Eles podem estar sofrendo, sim, com a resistência ucraniana, mas essa abertura do canal de rendição parece contar outra história. Podem querer evitar massacre de civis na capital, que acabaria com o que sobrou de imagem externa da Rússia, mas também para facilitar a instalação de um governo pró-Kremlin", diz o cientista político Konstantin Frolov.

Por outro lado, disse, há rumores em Moscou de que Putin poderá escalar a ação militar de forma dramática, uma vez que sua abordagem até aqui não dobrou Zelenski.

Aí entra a eventual queda de Kharkiv, que os ucranianos dizem ter evitado ao longo do domingo. Já na noite de sábado (26) houve movimento grande de blindados, tanques e obuseiros autotransportados pela fronteira na região de Belgorod, prenunciando cerco e invasão. Um gasoduto na região foi explodido, mas não há ainda uma avaliação do impacto do ataque.

"Estamos resistindo ao inimigo", disse a conta de Facebook da prefeitura local.

Se Kharkiv e seus 1,4 milhão de habitantes acabarem em mãos russas, isso pode facilitar o reforço das operações em Kiev, a oeste, e cortará linha importante com as forças ucranianas que operam nas antigas fronteiras da chamada linha de contato, que a separava dos rebeldes do Donbass.

Nas áreas separatistas, os ucranianos mantêm sua campanha de bombardeios. Nesta noite, atingiram outro depósito de combustível, na cidade de Rovenki. A TV russa também mostrou imagem de vários danos em áreas residenciais da localidade, embora não haja notícia de vítimas.

Faz parte da guerra de propaganda, claro, mas sofrimento civil, ainda que manipulável, é sofrimento. Do lado ucraniano, além do trauma dos dias sob fogo e um número ainda incerto, na casa das centenas, de mortos, há a questão dos refugiados.

Segundo a ONU, já são 368 mil pessoas que saíram do país, a maioria para a Polônia. O Alto Comissariado para Refugiados da organização estima que até quatro milhões de ucranianos podem fugir, quase 10% da população.

Na capital, a madrugada foi de ataques em torno da cidade. Um grande depósito de petróleo de uma base aérea de Vasilkiv, a sudeste de Kiev, foi atingido, pintando o céu noturno de laranja à distância.

"A noite foi brutal. Hoje, não há uma única coisa no país que os ocupantes não consideram um alvo aceitável. Eles lutam contra jardins de infância, prédios residenciais, até ambulâncias", disse Zelenski, em um vídeo no Instagram.

Em Moscou, a acusação foi negada pelo porta-voz do Ministério da Defesa, general Igor Konachenkov. Ele diz que os ataques são apenas contra alvos militares "com armas de precisão, mísseis de cruzeiro, fazendo o melhor para proteger a vida de civis".

Um toque de recolher está em vigor na capital, cuja defesa de áreas centrais parece entregue a milícias e civis, que receberam ao menos 18 mil fuzis, liberando militares para a linha de frente. Há descoordenação aparente, com relatos de civis confundidos com russos e baleados.

Quarto dia de incursões da Rússia sobre a Ucrânia

Forças russas avançam sobre Kiev, Kharkiv e Tchernóbil

Ataques relatados
Relatos de avanços russos
Áreas ocupadas por tropas russas

BELARUS
RÚSSIA
POLÔNIA
Lutsk
Lviv
Tchernóbil
Vasilkiv Depósito de combustíveis em chamas
Kiev Explosão no aeroporto
Kharkiv Gasoduto atingido
UCRÂNIA
MOLDOVA
ROMÊNIA
Lugansk
Donetsk
Kherson
Odessa
Mariupol
Controlado por separatistas pró-russos
Crimeia
Crimeia: anexada pela Rússia em 2014
100 km

Sumi
RÚSSIA
Belgorod
Okhtirka
Kharkiv
Chuguiv
UCRÂNIA
10 km

Fontes: Graphic News e The New York Times

Lançamento de míssil intercontinental Iars, com capacidade de levar várias ogivas nucleares ao alvo, feito pela Rússia no dia 19 passado Ministério da Defesa da Rússia - 19.fev.2022/Reuters

Putin põe forças nucleares em alerta, e Europa oferece caças para Kiev

Escalada de russo ocorre antes de reunião Moscou-Kiev, e Otan a chama de irresponsável

Igor Gielow

MOSCOU O presidente da Rússia, Vladimir Putin, determinou neste domingo (27) que as forças nucleares do país entrem em alerta de combate devido às críticas feitas por países da Otan (aliança militar ocidental) à guerra que ele move contra a Ucrânia.

Ato contínuo, a União Europeia respondeu dizendo que aceitou o pedido da Ucrânia para financiar o fornecimento de aviões de combate de países do bloco. Kiev perdeu um número grande, ainda que incerto, de caças na ofensiva de Moscou até o momento.

"Autoridades dos países líderes da Otan permitem declarações agressivas contra o nosso país, então eu ordeno o ministro da Defesa e o chefe do Estado-Maior [das Forças Armadas] a colocar as forças de dissuasão do Exército russo para o modo especial de combate", declarou o presidente, de acordo com a agência estatal russa Tass.

Não é claro o que "modo especial de combate" significa, mas é a primeira vez que tal tipo de alerta acontece. No seu pronunciamento em que anunciou a guerra, na quinta (24), Putin afirmou que qualquer interferência estrangeira na ação levaria a "consequências nunca antes vistas".

Desde o começo da crise, há quatro meses, EUA e aliados da Otan repetiram diversas vezes que apoiariam a Ucrânia e enviariam armas, mas não tropa. Equipamento sofisticado não foi vocalizado.

Afinal, o risco de uma Terceira Guerra Mundial num embate desses foi colocado mais de uma vez pelo próprio presidente Joe Biden.

A embaixadora dos EUA na ONU, Linda Thomas-Greenfield, disse à rede CBS que "isso significa que o presidente Putin continua a escalar essa guerra de uma forma que é totalmente inaceitável, e nós temos de desviá-lo dessas ações da forma mais forte possível".

Já a Otan criticou duramente Putin, mantendo sua usual bovinice na prática.

> Autoridades dos países líderes da Otan permitem declarações agressivas contra o nosso país, então eu ordeno o ministro da Defesa e o chefe do Estado-Maior [das Forças Armadas] a colocar as forças de dissuasão do Exército russo para o modo especial de combate
>
> **Vladimir Putin**
> Presidente da Rússia

Seu secretário-geral, o norueguês Jens Stoltenberg, disse à CNN que a determinação é "retórica perigosa e irresponsável" por parte do russo.

Mas a reação potencialmente mais importante veio do chefe da diplomacia da União Europeia, Josep Borrell. Ele disse, sem detalhar, que países do bloco poderiam fornecer, com uma compensação de Bruxelas, aviões de combate à Ucrânia — sua aviação e defesa antiaérea estiveram na mira prioritária da Rússia nos últimos dias.

Os únicos países que possuem aviões (modelos soviéticos MiG-29 e Su-25) para os quais há pilotos ucranianos habilitados são a Polônia, a Bulgária e a Eslováquia. Mesmo que seja só retórica, será lido em Moscou como uma interferência direta de países da Otan no conflito — até aqui, a Europa estava sendo criticada por fornecer apenas armas antitanque a Kiev.

Ao mesmo tempo, Estados Unidos e França disseram que seus cidadãos devem deixar a Rússia se possível.

Naturalmente, não falam em guerra nuclear, no caso americano citando o fechamento de espaço aéreo europeu a empresas russas.

No sábado anterior, dia 19, Putin convidou seu aliado belarusso Aleksandr Lukachenko para acompanhar um exercício em que testou a capacidade de combate e preparo de suas forças nucleares. Comandou o disparo de mísseis com capacidade nuclear de aviões, submarinos e solo.

Compare os arsenais nucleares

País	Ogivas operacionais	Ogivas estocadas	Ogivas aposentadas
Rússia	1.600	2.897	1.760
EUA	1.650 + 100*	1.950	1.900
China**	-	350	-
França	280	10	-
Reino Unido	125	105	-
Paquistão**	-	165	-
Índia**	-	160	-
Israel***	-	90	-
Coreia do Norte**	-	45	-

Glossário

Ogiva estratégica
Mais potente, para destruição de grandes alvos militares ou civis, como cidades

Ogiva tática
Menos potente, para uso contra movimento de tropas e bases menores

Ogivas operacionais
Prontas para uso em silos, lançadores móveis, submarinos ou bombardeiros

Ogivas estocadas
Guardadas em base próximas de seus meios de emprego

Ogivas aposentadas
Prontas para serem desmontadas, mas que podem ser reaproveitadas

*EUA declaram 100 ogivas táticas operacionais
**Estimativa
***Oficialmente, Israel não reconhece ter a bomba
Fonte: Federação dos Cientistas Americanos

A manobra e a ameaça feita na quinta (24) serviam a dois propósitos. Primeiro, tentar riscar uma linha para que o Ocidente não se envolva num assunto que considera seu — embora sua demanda majoritária seja exatamente evitar que estruturas como a Otan (aliança militar ocidental) e a União Europeia sigam se expandido rumo a seu entorno, abarcando Kiev.

Isso pode sinalizar algo complicado: a expectativa de que as negociações para tentar acabar a guerra com os ucranianos falhem e ele escale a violência de seu assalto.

Segundo, Putin precisa reforçar para o seu público doméstico a noção de que a guerra, que na mídia russa só pode ser chamada por ordem do governo de "operação militar especial", é uma reação a uma ameaça percebida de que o Ocidente é o adversário real do país.

Essa vem sendo sua tônica, de forma progressiva, desde que denunciou a expansão da Otan num discurso feito em Munique, em 2007.

Dois picos práticos desse arco narrativo foram atingidos: quando foi à guerra contra a Geórgia em 2008 para evitar a entrada da ex-república soviética na aliança e quando anexou a península da Crimeia e fomentou a guerra civil no leste da Ucrânia pelos mesmos motivos em 2014.

O anúncio deste domingo segue a mesma lógica — ao menos é o que se espera, como disse um analista político que pediu para não ser identificado e disse estar genuinamente amedrontado com o rumo da crise. Como a lógica dizia que Putin não atacaria de fato a Ucrânia, tudo parece estar na mesa às vezes.

Só que uma guerra nuclear não é um embate convencional. Sua escalada é vista como quase inevitável, e no fim do caminho há o apocalipse, o fim da civilização.

Continua na pág. A11

Guerra faz Alemanha triplicar gasto militar e romper tradição

Traumatizado por conflitos que protagonizou, país cria fundo inédito para reequipar suas Forças Armadas

Igor Gielow

MOSCOU A guerra na Ucrânia fez a Alemanha abandonar décadas de políticas de contenção militar e anunciar neste domingo (27), que irá triplicar seu orçamento de defesa neste ano para reequipar suas Forças Armadas.

Segundo o primeiro-ministro Olaf Scholz, o país deverá gastar € 100 bilhões (R$ 582 bi) a mais em 2022, teoricamente tudo de uma vez, a partir de um fundo especial que realocará verbas do orçamento.

"Nós temos de investir mais na segurança de nosso país para proteger nossa liberdade e nossa democracia", afirmou no Bundestag (Parlamento), sob ovação. "Não pode haver outra resposta à agressão de [presidente russo Vladimir] Putin."

O orçamento militar alemão neste ano era de € 50,9 bilhões (R$ 296 bi). No ano passado, segundo dados da Otan (aliança militar ocidental), o país havia gastado € 53,2 bilhões (R$ 309 bi) no setor. Em relação ao Produto Interno Bruto aferido em 2021, é um salto de 1,5% para 2,8%, o maior da história recente.

Não são apenas números. Há uma enorme implicação geopolítica na decisão de Scholz, que reverte as políticas majoritariamente pacifistas da Alemanha após o trauma nacional de ter protagonizado e perdido duas guerras mundiais (1914-18 e 1939-45) —e lidado com o estigma de ter sido o lar do nazismo, a mais aberrante ideologia "mainstream" do século 20.

De acordo com Scholz, o aumento no fundo se aplica somente a este exercício fiscal. Mas os termos da solução, se houver, da crise com a Rússia podem mudar isso.

Vladimir Putin então terá conseguido o que nenhum presidente americano fez desde o pós-guerra —Donald Trump era especialmente crítico da falta de investimento alemão em defesa.

No sábado (26), o governo alemão já havia quebrado outra prática, a de não fornecer armamentos letais a países em conflito aberto, com o anúncio do envio de 1.000 mísseis antitanque Javelin e 500 sistemas antiaéreos portáteis Stinger, ambos modelos dos EUA.

Vários outros países europeus estão fazendo envios semelhantes para ajudar no esforço de guerra ucraniano. A vontade de Kiev de integrar a Otan e a União Europeia é motivo central para a ação de Putin, que por meses concentrou tropas e lançou um ultimato no Ocidente para cessar a expansão do seu clube militar.

A Otan, com EUA à frente, não irá lutar pela Ucrânia, contudo. O motivo é simples: o risco de uma Terceira Guerra Mundial entre potências nucleares. Mas a tensão estabelecida na Europa é, como disse o secretário-geral da Otan, o norueguês Jens Stoltenberg, o novo normal.

A decisão alemã certamente causará dissenso na própria base de Scholz, que tem as alas esquerdistas do seu Partido Social Democrata e no aliado Verde como pacifistas. Hoje, no ranking do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, de Londres, a Alemanha tem o sétimo maior orçamento militar do mundo.

Salvo medidas semelhantes de outros países do topo da lista, passará neste ano a ter o terceiro, atrás do indiscutível líder EUA (US$ 754 bilhões em 2021, R$ 3,8 trilhões) e China (US$ 207 bilhões, R$ 1,06 trilhão).

A Rússia no ano passado foi o quinto, com US$ 62,2 bilhões (R$ 312 bi), atrás ainda de Reino Unido (US$ 71,6 bilhões, R$ 369 bi) e Índia (US$ 65,1 bilhões, R$ 336 bi).

O próprio instituto estima que, considerando o critério de paridade de poder de compra militar, ou seja, o quanto os russos gastam para adquirir o mesmo equipamento que o resto do mundo, o valor relativo sobe para US$ 178 bilhões (R$ 918 bilhões).

Hoje, os alemães são grandes exportadores de sistemas de armas importantes, como submarinos e tanques, e têm participação em projetos como o do caça europeu Eurofighter. Mas, internamente sempre adotaram políticas pacifistas, e participaram de uma missão de combate no pós-guerra pela primeira vez na guerra do Kosovo, em 1999.

Tiveram uma participação expressiva na missão liderada pelos EUA no Afeganistão, onde viram 150 mil soldados irem e voltarem ao longo de 20 anos —59 morreram por lá. Mas ainda assim, o tema é um tabu nacional.

A própria construção da União Europeia, um projeto visando acabar com as guerras dentro do continente, primariamente unindo Berlim a Paris, passava pelo pressuposto de que a Alemanha seria o motor econômico do bloco —como é.

A França tem uma musculatura militar e indústria de defesa mais incisiva, só tendo como rival interno o Reino Unido, que de todo modo é parceiro na Otan, mas deixou a UE. Ambos os países detêm armas nucleares próprias, enquanto a Alemanha possui talvez 20 bombas B-61 sob guarda e operação americana na base de Büchel.

A outra consideração do movimento é o enterro da boa relação que Putin tinha com Berlim. Foi amigo de Gerhard Schröder, o chanceler que antecedeu a longeva Angela Merkel, que deixou a cadeira para Scholz no ano passado.

Merkel não era próxima de Putin, mas manteve uma política de acomodação e manutenção dos negócios energéticos com gás natural russo, como o agora suspenso gasoduto Nord Stream 2. Fazia, com a França, um contraponto de diálogo com Moscou, enquanto Washington e Londres mantinham uma linha mais agressiva.

A guerra enterrou isso. Mesmo a Turquia, o mais rebelde membro da Otan, que mantém fortes laços militares e econômicos com Putin apesar de também tê-lo como rival, vem pressionando o russo. O gabinete do presidente Recep Tayyip Erdogan pediu neste domingo que Moscou para com a "guerra na Ucrânia", usando a terminologia vetada pelo Kremlin.

Outro aliado, este mais próximo, também já havia criticado Putin: o primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán.

Sobram com o Kremlin países laterais como a Venezuela e a gigante China, que tem se mantido abaixo do radar nesta crise. Aliada de Putin, ela evitou condenar a Rússia e fez um discurso genérico sobre garantias de integridade territorial da Ucrânia.

Neste domingo (27), seu embaixador em Moscou publicou um tuíte criticando os EUA por suas sanções e lembrando que 81% das principais guerras depois de 1945 foram iniciadas por Washington. Mas não passou disso, mantendo a habitual discrição.

Com a ameaça ocidental de restringir o acesso de Moscou às suas reservas internacionais por meio de limitação de transferências, é bastante provável que Putin recorra a Xi Jinping, que conta com um sistema próprio de retirados.

> Temos de investir mais na segurança de nosso país para proteger nossa liberdade e nossa democracia
>
> **Olaf Scholz**
> chanceler da Alemanha

Mulher segura cartaz em ato em Berlim: 'Parem Putin antes que o mundo fique em chamas' Christian Mang/Reuters

Continuação da pag. A10

Tanto é assim que as potências com assento no Conselho de Segurança da ONU (Rússia, EUA, França, Reino Unido e China), todas detentoras da bomba, assinaram um documento em janeiro se comprometendo a nunca iniciar um conflito com essas armas.

Agora, no entanto, Putin parece estar reagindo retoricamente ao cerco político-econômico do Ocidente contra seu governo.

No sábado (27), ele viu vários países anunciando que vão limitar sua capacidade de fazer transações internacionais e ameaçarem impedir a Rússia de acessar seus US$ 643 bilhões em reservas internacionais, guardadas como colchão justamente para um aumento na severidade de sanções a que o país já tem sido submetido desde 2014.

Neste domingo, além de Moscou ver aliados como Hungria e Turquia criticarem Putin, a Alemanha anunciou que vai triplicar seu gasto militar neste ano para conter o que o premiê Olaf Scholz chamou de agressão do russo.

A Rússia tem o maior arsenal nuclear do mundo, e do ponto de vista operacional empata em capacidades com os Estados Unidos. Ambos os países chegaram a concentrar 70 mil ogivas em 1990, no ocaso da Guerra Fria encerrada no ano seguinte com a dissolução da União Soviética.

Todo dia, por determinação do tratado Novo Start, ambos os países têm 1.600 ogivas estratégicas, aquelas para uso em uma guerra total, para destruição em larga escala, prontas para uso em submarinos, bombardeiros e mísseis lançados do solo.

No exercício do dia 19, Putin fez questão de lançar também um míssil hipersônico, arma que é vista como vital nas guerras do futuro, por atingir seus alvos manobrando no caminho, desviando de defesas antiaéreas.

Europa fechará espaço aéreo para aviões russos

REUTERS E AFP A União Europeia anunciou neste domingo (27) que fechará o espaço aéreo do bloco para aeronaves russas, incluindo jatos particulares, uma medida sem precedentes destinada a pressionar o presidente Vladimir Putin a encerrar a invasão da Ucrânia.

A informação foi dada pela presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen.

"Primeiro, estamos fechando o espaço aéreo da União Europeia para aeronaves de propriedade russa, registradas ou controladas pela Rússia. Elas não poderão pousar, decolar ou sobrevoar o território da UE", disse. "Este é um momento decisivo para a nossa União."

Em seu pronunciamento, Von der Leyen declarou ainda que a UE vai proibir a mídia estatal russa no bloco, que sanções serão aplicadas também à Belarus, ditadura vizinha e aliada a Moscou, e que a UE financiará pela primeira vez a compra e entrega de armas à Ucrânia.

Antes da decisão formal do bloco, ao menos 18 países da Europa já tinham anunciado o fechamento do espaço aéreo, além do Canadá.

As medidas afetam voos operados pelas companhias russas Aeroflot e S7.

O primeiro-ministro belga, Alexander De Croo, foi duro ao justificar a medida.

"A Bélgica decidiu fechar o seu espaço aéreo para todas as companhias aéreas russas. Os céus europeus são abertos para aqueles que conectam pessoas, não para aqueles que buscam agredir brutalmente", escreveu o premiê nas redes sociais.

No Canadá, o anúncio foi feito por Valerie Glazer, diretora de comunicações do Ministério dos Transportes.

"O governo proíbe a operação no espaço aéreo canadense de aeronaves pertencentes, fretadas ou operadas por interesses russos", disse Glazer. Ela explicou que não há voos diretos entre Rússia e Canadá, mas vários voos russos passam diariamente pelo espaço aéreo canadense.

Com as restrições, forma-se uma zona ampla de veto ao tráfego aéreo russo na Europa, o que implica enormes desvios de rota para os aviões.

> Aeronaves de propriedade russa, registradas ou controladas pela Rússia, não poderão pousar, decolar ou sobrevoar o território da UE
>
> **Ursula von der Leyen**
> presidente da Comissão Europeia

Putin em visita a um centro de construção espacial em Moscou Sergei Guneyev - 27.fev.2022/Sputnik/AFP

Para Putin, perda de influência russa sobre Ucrânia é inadmissível

Presidente busca deixar legado de restauração do poder do Kremlin nas ex-repúblicas soviéticas do entorno do país

ANÁLISE

Jaime Spitzcovsky

SÃO PAULO Desde a chegada à presidência, há mais de duas décadas, Vladimir Putin se arvora em comandante de uma missão de dimensões imperiais: recuperar o poder do Kremlin, após anos de irrefreável declínio. E, de olho em sua biografia, o dirigente russo sinaliza como inadmissível entrar para a história na condição de responsável por permitir à Ucrânia escapar da órbita de influência de Moscou.

Portanto, no cálculo a levá-lo a deslanchar a guerra, desponta também a preocupação com os contornos históricos de seu domínio no Kremlin. Putin certamente avalia a perda geopolítica da Ucrânia, com a aproximação do país a estruturas modeladas pelos Estados Unidos, como a principal derrota de seu projeto nacionalista.

E, em sua agenda, reconquistar a influência sobre Kiev representa pedra angular desde 2014, quando da chegada ao poder de partidos ucranianos pró-Washington.

"A Rússia tem sido uma grande potência ao longo de séculos e permanece como tal. Sempre teve e ainda tem legítimas zonas de interesse", sustentou Putin em um de seus primeiros pronunciamentos públicos, no final dos anos 1990. Ensaiava os primeiros passos na política moscovita o dono de trajetória no aparato de segurança coroada com o comando da FSB, uma das agências sucessoras da KGB.

Referindo-se a uma dimensão externa de seu mapa de recuperação do poder estatal russo, prosseguiu Putin: "Não devemos baixar a guarda nesse campo, nem devemos permitir que nossa opinião seja ignorada".

A 16 de agosto de 1999, a Duma, câmara baixa do Parlamento russo, se reuniu para ouvir o discurso de uma figura até então obscura no cenário político local e para votar sua indicação ao cargo de primeiro-ministro. A Rússia atravessava as turbulências da era Boris Ieltsin.

O então presidente despontava como o responsável por oito anos antes, comandar a dissolução da União Soviética, abalar as estruturas bolcheviques e, na política externa, buscar aproximação com a Casa Branca. Protagonizou cenas históricas como desabridas gargalhadas com o norte-americano, Bill Clinton, em entrevista coletiva em Nova York, em 1995.

Ieltsin, se bem-sucedido no desmonte da URSS e na ampliação de liberdades democráticas em um país com tradições ditatoriais de tempos czarista e bolchevique, colheu fracassos acachapantes nos planos externo e doméstico. Ordenou o bombardeio de um Parlamento dominado pela oposição e não conseguiu obter apoio robusto ocidental para a recuperação da decrépita economia russa, epicentro de uma crise com reverberações globais em 1998.

O ieltsinismo passara a reinar seis anos antes, com o colapso da URSS e a renúncia de Mikhail Gorbatchov, o arquiteto da perestroika. A era de reformas soviéticas, entre os anos 1985 e 1991, concedeu liberdades inéditas à população, em áreas como liberdade de expressão e prática religiosa, mas também levou a superpotência nuclear a viver sua mais intensa crise econômica desde o fim da Segunda Guerra Mundial, evidenciada pela chegada de ajuda humanitária internacional.

Ao articular as primeiras palavras de seu discurso na Duma, no final dos anos 1990, Vladimir Putin já buscava sinalizar o projeto de ruptura com o esmaecimento do poder estatal e com as turbulências das eras Gorbatchov e Ieltsin. O ex-espião falava em recuperar "a lei e a ordem".

A passagem pela Duma correspondia a um ritual pouco. Putin chegava ao governo a partir de articulação sustentada por um setor da sociedade russa denominado "siloviki" (sil, em russo, significa força). Integrantes do aparelho estatal de segurança, como a antiga KGB e Forças Armadas. A ofensiva buscava estancar a sangria de poder do Kremlin.

Putin, como ensaiado, obteve apoio dos deputados e virou primeiro-ministro, o quinto ocupante do cargo em 17 meses, em meio ao modus operandi mercurial do ieltsinismo. Próximo passo do projeto restaurador, Ieltsin renunciou à presidência a 31 de dezembro de 1999 e escancarou o caminho para o começo da era putinista.

De início, o novo ocupante do trono atacou dois focos fundamentais da erosão do poder estatal, fortalecidos durante o período anterior. Primeiro, os chamados oligarcas, figurões bilionários da economia pós-soviética, cujas fortunas haviam sido amealhadas, em boa medida, graças a relevantes e, à época, indispensáveis conexões políticas.

Oligarcas, nos tempos de Ieltsin, passaram a influenciar também rumos do Kremlin. Putin sufocou ambições políticas dos bilionários, e os responsáveis por ousados desafios às novas diretrizes, como Mikhail Khodorkovsky e Boris Berezovsky, enfrentaram cárcere ou exílio.

O ex-diretor da FSB atacou outro polo alternativo de poder: as lideranças regionais. O exemplo mais radical desta tendência correspondia ao separatismo da Tchetchênia, região habitada por uma maioria de muçulmanos.

As Forças armadas russas deslancharam então uma sangrenta guerra contra os separatistas, a segunda em menos de cinco anos. E, na primeira, Moscou amargou a derrota, incapaz de dobrar as aspirações independentistas de uma área com aproximadamente de 1 milhão de habitantes.

As ações lideradas no Cáucaso por um Putin recém-chegado ao poder resultaram em vitória para o Kremlin, após conflito devastador na Tchetchênia. O projeto restaurador do líder acumulava seus primeiros triunfos.

Superados os desafios iniciais, Putin focou em administrar a recuperação econômica baseada em altas nas cotações de petróleo e do gás natural e em consolidar seu poder político, injetando autoritarismo nas frágeis estruturas pós-soviéticas.

E, anos depois, eclodiram desafios no chamado "exterior próximo", como o Kremlin costuma se referir às ex-repúblicas soviéticas no entorno de suas fronteiras. Países como Ucrânia e Geórgia aumentaram demandas por adesão à Otan, a aliança militar liderada pelos EUA.

E Putin, o czar do projeto restaurador, não admite ver sua biografia esculpida pela perda das chamadas áreas de influência, em particular de um país com a importância política, estratégica, econômica e histórica da Ucrânia.

Polícia russa prende mais 2.000 pessoas

A polícia russa deteve ao menos 2.000 pessoas durante protestos contra a guerra na Ucrânia neste domingo (27). Os manifestantes foram às ruas em 44 cidades, segundo a ONG de monitoramento de violência estatal OVD-Info. Desde o início da invasão do vizinho, na quinta (24), a entidade contabilizou mais de 5.100 prisões em todos os cantos do país. Na Rússia, protestos só são permitidos com autorização de prefeituras. O movimento contra a guerra enfrenta dificuldades nas ruas, dada a repressão.

Putin encurralado entre tragédias

Presidente terá que lidar com o pântano desconectado do sistema financeiro

Mathias Alencastro

Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

A guerra na Ucrânia chegou à sua primeira encruzilhada. A expectativa de Moscou, que invadiu com mais de 150 mil homens, era que Kiev caísse rapidamente e que um governo fantoche assumisse numa questão de dias. Mas surgiram obstáculos.

O primeiro foi o duplo movimento de resistência ucraniana e engajamento ocidental. Apesar das previsões que o condenavam a um fim melancólico, Volodimir Zelenski, o ator convertido em presidente, soube divulgar na perfeição a situação de seu país e de seu povo com vídeos que viralizaram pela combinação insólita de tom marcial, medo existencial e um jeitinho de série televisiva.

Em algumas horas, os formadores de opinião ocidentais, estimulados pela euforia nas redes sociais, construíram coletivamente uma novela épica que tem como protagonista o "Churchill ucraniano" Zelenski, se encontrou no seu novo papel, e o público, ainda em transição pandêmica, abraçou o conforto da ficção em vez da dura realidade — a chegada de tanques russos a Kiev em menos de três dias de combate. Os EUA, em comparação, demoraram vinte dias para ocupar Bagdá.

O fato é que a chama da resistência obrigou o bloco ocidental, inicialmente paralisado pelas divisões entre os seus membros, a reagir.

Italianos e belgas deixaram de lado a baixaria de barganhar exceções para suas exportações de artigos de luxo nas negociações sobre sanções. A Alemanha basicamente reescreveu toda a sua política externa no espaço de dois dias. O Reino Unido aceitou romper com os oligarcas russos que alimentavam a sua economia. Os americanos, que desertaram Kiev na primeira oportunidade, agora se vendem como líderes e jogaram a carta de um ataque ao Banco Central russo.

Os mais assanhados falam até em armar os militares e civis ucranianos.

No final, quando ninguém acreditava, os ocidentais desencadearam o que pode vir a ser o bloqueio geoeconômico mais sofisticado da história moderna. O comandante de um Exército invencível deixou um comediante munido de um smartphone escrever a história da sua guerra.

Vladimir Putin ainda tem chances reais de realizar a sua fantasia e incorporar a Ucrânia em um arranjo imperial sob os aplausos do que resta dos seus aliados. Mas depois terá de explicar aos russos e aos povos subjugados o que ele pretende fazer desse pântano desconectado do sistema financeiro.

Incrivelmente, esse é o melhor cenário. No pior, ele terá de lidar com o arrastamento do conflito e a explosão da dissidência interna. Ameaçado, Putin poderá tentar expandir a guerra além-fronteiras.

O que é certo é que, diante do avanço da destruição de Kiev, o Putin valentão contra o imperialismo americano, que ainda mora em alguns corações, será definitivamente substituído pelo Putin senhor de Guerra de Grozni e Aleppo, que bombardeia os povos até a submissão.

Quando isso acontecer, ninguém vai mais lembrar dos planos maquiavélicos da Otan, das maldades de Biden ou das artimanhas de Zelenski. Porque a morte é um fardo que um homem carrega sozinho. E a loucura da guerra deixou Putin encurralado entre duas tragédias.

SEG. Mathias Alencastro | QUI. **Lúcia Guimarães** SEX. Tatiana Prazeres SÁB. Jaime Spitzcovsky

Bolsonaro diz que falou por 2 horas com líder russo e depois se desdiz

Presidente afirmou que Brasil adotará posicionamento neutro em relação aos ataques de Putin

Klaus Richmond
Carlos Petrocilo

SANTOS E SÃO PAULO O presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou, neste domingo (27), que telefonou para Vladimir Putin, chefe de estado da Rússia, e ambos trocaram ideias por duas horas. No momento em que o país europeu deflagra ataques à Ucrânia, Bolsonaro declarou que o tema da conversa era "reservado".

No entanto, horas depois, ele mesmo negou em uma rede social a existência da conversa, dizendo que o último contato com Putin havia sido em reunião por sua visita a Moscou, no dia 16. Interlocutores consultados no Itamaraty já haviam declarado que não houve nenhuma ligação telefônica entre Bolsonaro e Putin nos últimos dias.

Em entrevista coletiva neste domingo, em um hotel em Guarujá (SP), Bolsonaro afirmou que o Brasil deverá adotar uma postura de neutralidade em meio aos conflitos entre os países europeus.

"Nós não podemos interferir. Nós queremos a paz, mas não podemos trazer consequências para cá", declarou Bolsonaro.

Apesar do suposto tom de neutralidade, Bolsonaro discordou da palavra massacre dita por uma jornalista durante a entrevista e, ainda, ironizou pelo fato de Volodimir Zelenski atuar como ator e comediante antes de ser alçado à presidência da Ucrânia.

Presidente Jair Bolsonaro durante entrevista coletiva no hotel Forte dos Andradas, em Guarujá, litoral de São Paulo Reprodução

> Você está exagerando a palavra massacre. Não há interesse por parte de um chefe de Estado praticar um massacre
>
> **Jair Bolsonaro**
> presidente da República

"Você está exagerando a palavra massacre. Não há interesse por parte de um chefe de estado praticar um massacre por onde quer que seja, está se empenhando em duas regiões do sul da Ucrânia", diz o presidente do Brasil. "[O povo ucraniano] confiou num comediante o destino de uma nação. Eu vou esperar o relatório para emitir minha opinião [se condeno ou não Putin]."

Cobrado internamente por assessores e aliados, Bolsonaro se manifestou pela primeira vez sobre os conflitos, que começaram na quinta-feira (24), somente neste domingo. Uma semana antes de a Rússia invadir a Ucrânia, Bolsonaro fez questão de fazer uma visita a Putin, sob a justificativa da necessidade de ampliar laços comerciais.

Bolsonaro, que tentará a reeleição nas eleições deste ano, deixou claro neste domingo que as suas preocupações com as consequências econômicas da guerra promovida por Putin.

"O mundo todo está conectado que o que acontece há 10 mil km tem influência no Brasil. Temos que ter responsabilidade em termos de negócios com a Rússia. O Brasil depende de fertilizantes", diz Bolsonaro. "Estive falando há pouco com o presidente Putin, tratamos dos fertilizantes do nosso comércio, ele falou da Ucrânia, mas me reservo a não entrar em detalhes da forma como vocês [jornalistas] gostariam."

Na sequência, o presidente também falou sobre a posição do Brasil durante a Assembleia Geral da ONU na qual deverá debater novas sanções contra a Rússia.

"Não tem nenhuma sanção ou condenação ao presidente Putin", afirmou Bolsonaro. "O voto do Brasil não está definido e não está atrelado a qualquer potência. Nosso voto é livre. A nossa posição com o ministro Carlos França é de equilíbrio. E nós não podemos interferir. Nós queremos a paz, mas não podemos trazer consequências para cá."

O embaixador Ronaldo Costa Filho, representante do Brasil junto às Nações Unidas, disse que é preciso cautela antes de cada punição. Segundo ele, não se pode ignorar que algumas das medidas debatidas "aumentam os riscos de um confronto mais amplo e direto entre a OTAN e a Rússia".

Brasileiros são barrados na fronteira da Ucrânia com a Polônia

Flávia Mantovani

SÃO PAULO Exaustos após quatro dias sem dormir nem tomar banho, um grupo de três brasileiros percorria a fronteira oeste da Ucrânia na noite deste domingo (27), tentando achar uma saída.

Os jogadores de futebol Edson Fernando e Talles Brener e a namorada de Talles, Jessika Ariani, estavam desde a quinta-feira (24) em um posto fronteiriço tentando passar para a Polônia, sem sucesso.

"O frio era tanto que nossa boca está toda cortada, as mãos queimadas. Ficamos 24 horas na fila, sem dormir. Está sendo horrível", diz Jessika, 28.

Eles levaram 16 horas para percorrer de van os 80 quilômetros da cidade de Lviv até a fronteira. Deixados pelo motorista, que por ser ucraniano não poderia atravessar, eles tentaram carona na fila de carros, mas ninguém os ajudou. "Chegamos a oferecer US$ 300 para andar 1 km, mas ninguém nem abria o vidro para a gente. Fomos entrando em desespero."

Segundo Jessika, os militares ucranianos deixam passar mulheres e crianças, mas não estão autorizando homens, mesmo estrangeiros, a atravessar. Há relatos de que motoristas de ônibus e alguns lojistas não aceitam clientes de fora, só ucranianos.

O grupo foi socorrido por outra brasileira, Clara Magalhães, que veio da Alemanha de carro para ajudar refugiados na região. Depois de três dias tentando, ela conseguiu atravessar para o lado ucraniano, com uma bandeira do Brasil no veículo lotado de doações. Além dos três brasileiros, que ela não conhecia antes, deu carona para um ucraniano e um nigeriano.

"A fronteira está um caos. Os militares estão agressivos, impacientes, usam cassetetes, armas com balas de borracha. O pessoal está sem água, com fome, com frio. Se continuar assim, eles vão acabar derrubando as grades e invadindo."

Clara dirigiu até a Eslováquia, mas a fila de carros chegava a 50 quilômetros. O grupo passou por seis pontos de fronteira até chegar à Hungria, onde esperavam conseguir passar enquanto conversavam com a reportagem.

> Os guardas começaram a empurrar todos, até minha sobrinha com o bebê. Eles estavam com muito frio e fizeram uma fogueira para se aquecer ali perto, mas ela queimou a perna
>
> **Águida Magalhães**
> Tia de Vitória Magalhães, brasileira que foi barrada na fronteira

O Itamaraty informou que até a noite de domingo cerca de 80 brasileiros conseguiram sair da Ucrânia pelas fronteiras com o apoio da embaixada, e outros cem ainda tentam deixar o país. "Nos primeiros dias, ante a falta de condições de segurança, estamos implementando a evacuação segura e ordenada", diz a nota.

Até agora, os esforços têm se concentrado principalmente na fronteira da Romênia. O presidente Jair Bolsonaro (PL) informou nas redes sociais que 39 pessoas —37 brasileiros e dois uruguaios— chegaram a Bucareste após deixar Kiev. Entre elas, estão os jogadores do Shakhtar Donestky, time da primeira divisão, e seus familiares.

"A Embaixada estabeleceu um posto avançado na fronteira com a Moldova (caminho entre Kiev e Romênia), para recepcionar os brasileiros que porventura cheguem desgarrados por aquela região fronteiriça", escreveu.

Bolsonaro afirmou ainda que duas aeronaves da Força Aérea Brasileira poderão transportar os que quiserem voltar ao Brasil.

Neste domingo, a embaixada na Ucrânia divulgou em um comunicado que não aconselha tentar passar a pé ou de carro pelos postos de fronteira entre Lviv e a Polônia. No sábado, eles haviam anunciado que receberam "inúmeros relatos de enormes aglomerações, atrasos que chegam a durar dias, comportamento agressivo, falta de hospedagem e necessidades básicas" no local.

Mas os brasileiros que já estão lá se dizem desassistidos pelas embaixadas na Ucrânia e na Polônia. Em vídeos postados nas redes sociais e na conversa com a Folha, eles afirmam que não conseguem contato com a embaixada em Kiev, e que a representação brasileira na Polônia tem respondido que nada pode fazer por quem está do outro lado.

Questionado pela Folha, o ministério afirma que vai enviar uma missão com oito funcionários à Polônia para ajudar os brasileiros.

Uma das situações mais críticas em Lviv é dos jogadores Guilherme Smith, Cristian Dal Bello e Juninho Reis, além da esposa dele, Vitória Magalhães, e do filho de três anos.

Depois de caminharem mais de 30 quilômetros, eles foram barrados na saída da Ucrânia. "Os guardas começaram a empurrá-los, empurraram até minha sobrinha com a criança. Nem abriram o passaporte, não quiseram saber", diz Águida Magalhães, tia de Vitória.

No caminho, Guilherme feriu o pé e Vitória queimou a perna em uma fogueira que o grupo fez para se aquecer.

Eles acabaram voltando a Lviv, onde receberam atendimento médico e aguardam uma solução. "Não tem como voltar para trás, não tem como ir para a frente", disse Vitória, em um vídeo. "Precisamos de ajuda para sair daqui."

TODA MÍDIA | Nelson de Sá

nelson.sa@grupofolha.com.br

Pressões de EUA, UE e Rússia aceleram fratura da internet

No sem-fim de sanções paralelas à Rússia, pois segundo o Wall Street Journal não podem fazê-lo com gás e petróleo, EUA, Alemanha e outros começaram a cercar as empresas de mídia e tecnologia.

Na sexta, o democrata Mark Warner, que preside a comissão de inteligência do Senado, enviou cartas para Alphabet (Google, YouTube), Meta (Facebook, Instagram, WhatsApp), Twitter e outras plataformas, exigindo ações contra veículos russos como RT e as agências Tass e Sputnik.

Alphabet, Meta e Twitter responderam pouco depois, com a suspensão do impulsionamento pago das contas citadas e outras. Também cortaram a monetização, a publicidade veiculada nas mesmas.

Em resposta, a Rússia restringiu o Facebook e o Twitter, que atravessaram o domingo quase inacessíveis no país, segundo os relatos dos próprios jornalistas russos.

Também no domingo, a alemã Ursula von der Leyen, que preside a Comissão Europeia, acrescentou que a União Europeia está "desenvolvendo ferramentas para banir" veículos russos, impedir o acesso aos mesmos via internet.

Moscou, de sua parte, já havia barrado a alemã DW, como resposta ao banimento anterior da mesma RT por Berlim.

A escalada, que vem dificultando aos usuários acompanhar não só os veículos citados, mas vários outros, dos dois lados, ameaça a própria internet, alertou o WSJ em extensa reportagem destacada com certo alarme pelo principal agregador de notícias de tecnologia, Techmeme.

Em suma, publica o jornal, "analistas afirmam que o conflito [com a Rússia] pode acelerar a fratura da internet, que até pouco tempo atrás estava dividida [somente] entre a China e o resto do mundo".

Salientou, como parte do mesmo movimento, a exclusão do hoje gigante TikTok e de outras plataformas chinesas pelo governo da Índia.

TELEGRAM RESISTE Algumas plataformas não cedem, caso do Telegram, originalmente russo, agora baseado nos Emirados. Seu fundador, Pavel Durov, também recebeu a carta de Mark Warner e estaria sofrendo pressão da Rússia, mas negou qualquer medida restritiva, como noticiou o Kommersant, jornal que, ao longo do domingo, só foi possível acessar via Telegram.

EMERGÊNCIA? Cada vez mais atento à edição de conteúdo, o Twitter alertou os usuários para os comboios de caminhões que se dirigem a Washington, em protesto contra restrições da Covid, como o que parou o governo canadense; cita a Reuters, com a foto e a notícia de que o Departamento de Defesa já convocou 700 soldados da Guarda Nacional e 50 'veículos táticos'

entrevista da 2ª guerra na ucrânia

Guerra na Ucrânia reflete doutrina anti-EUA e anti-Europa de Dugin

Pesquisador aponta como ideias do reacionário conselheiro informal do presidente Vladimir Putin aparecem no conflito atual

Uirá Machado

SÃO PAULO A Rússia também tem o seu Olavo de Carvalho. Trata-se do filósofo Aleksandr Dugin, 60, conselheiro informal do presidente Vladimir Putin e criador de uma doutrina segundo a qual os Estados Unidos e a Europa representam a encarnação do mal e, por isso, devem ser contidos.

"As ideias de Dugin envolvem a destruição de qualquer superpotência e a criação de um mundo em que existam múltiplos centros de poder", afirma Benjamin Teitelbaum, professor de relações internacionais da Universidade do Colorado (EUA).

Teitelbaum pesquisa a ideologia de grupos nacionalistas, populistas e neofascistas. No livro "Guerra pela Eternidade: o Retorno do Tradicionalismo e a Ascensão da Direita Populista" (Unicamp, 2020), ele investiga o pensamento de Dugin, Olavo e do americano Steve Bannon.

De acordo com Teitelbaum, o que une os três é uma filosofia reacionária chamada Tradicionalismo, que ele grava com T maiúsculo. Como o nome sugere, essa corrente se opõe à modernidade.

"[O tradicionalista] olha para instituições modernas como inerentemente corruptas. Pode ser a universidade, a mídia, a burocracia estatal, em suma, o que quer que tenha surgido em decorrência do iluminismo, por assim dizer, deve ser posto sob suspeita", afirma o pesquisador.

No caso específico de Dugin, a essas ideias se soma um desrespeito pelas fronteiras políticas, que, na sua visão, separam populações que pertencem a uma mesma nação.

"E o que vemos Putin fazer?", pergunta Teitelbaum. Ele responde: "Está buscando anexar peças da comunidade russa que não são partes formais da nação política".

No livro "Guerra pela Eternidade", o sr. fala sobre como o tradicionalismo foi abraçado por diversos pensadores da extrema direita. Seria possível sintetizar o que é essa ideologia para Dugin? No Tradicionalismo de Dugin, os EUA e a Europa são retratados como uma espécie de mal metafísico que vai se espalhar pelo mundo se não for contido. Para ele, há uma dimensão espiritual em parar os EUA, porque é preciso parar a secularização, o individualismo, a democracia, os direitos humanos universais, o progresso. Diria que isso é o principal.

Acrescentaria que Dugin, assim como muitos tradicionalistas, incluindo Olavo de Carvalho [1947-2022], olha para as instituições modernas como inerentemente corruptas. Pode ser a universidade, a mídia, a burocracia estatal, em suma, o que quer que tenha surgido em decorrência do iluminismo, por assim dizer, deve ser posto sob suspeita.

E com essas ideias interage um desrespeito pela ordem internacional e pelos Estados no que diz respeito a suas fronteiras. Para ele, existe um mapa mais tradicional, melhor, que mostra como deveria ser [a divisão dos países].

O sr. também descreve no livro como Dugin quer mudar a geopolítica global. Quanto das digitais dele é possível ver na invasão da Ucrânia? A doutrina de Dugin se alinha quase perfeitamente à visão de Putin sobre a Eurásia. Isso não quer dizer, porém, que Putin tenha sentando e lido todos os seus livros. Mas a elite militar da Rússia está imersa em seu pensamento há um bom tempo.

As ideias de Dugin envolvem a destruição de qualquer superpotência e a criação de um mundo em que existam múltiplos centros de poder. Para ele, trata-se de eliminar a universalidade da democracia liberal. Trata-se de lidar com o progresso e o Iluminismo como apenas uma de múltiplas ideias, não como o futuro universal do mundo.

É por isso que ele quer que a Rússia se afirme. E ele não quer que a Rússia se afirme só em áreas de influência privilegiada, que basicamente é a zona da antiga União Soviética. Ele também quer fazer com que a Rússia seja uma sociedade mais inteira e completa.

Em que sentido? Ele olha para fronteiras políticas, para instituições modernas e leis internacionais e diz: "Quem liga para isso?". O que importa para ele é priorizar a nação, ou a comunidade. Isto é, a nação que extrapola os limites da nação política.

E o que vemos Putin fazer? Sim, está criando um amortecedor entre ele e o Ocidente. Mas, assim como na Ossétia do Sul, ele também está buscando anexar peças da comunidade russa que não são partes formais da nação política.

Então não se trata de uma jogada puramente geopolítica? Sim, embora existam aspectos geopolíticos nisso. Ao priorizar etnia, nação ou aliados culturais em vez da política, ele também está delineando uma nova filosofia geopolítica internacional com valores diferentes.

Não se trata de olhar para a economia ou para manobras políticas e militares. Trata-se de cumprir um destino da cultura, da espiritualidade. Não é simples de resumir, mas se entende que as tropas russas estão honrando um laço étnico-religioso com a Ucrânia.

É como se dissessem: "As comunidades no leste da Ucrânia são nossas. O Estado no mapa não é real, vamos resgatar nossos filhos perdidos".

Lendo seu livro, é impossível não ver como a ação russa na Ossétia do Sul em 2008 se repete quase da mesma forma agora. E Dugin teve papel importante naquela ocasião. Tem chance de ser coincidência? Dugin estava em ambos os lugares. Estimulou a guerra nos dois lugares. E a filosofia por trás da movimentação russa nos dois casos é a filosofia que ele defende há muito tempo. Não só na mídia mas também no treinamento da liderança militar da Rússia. Então não é coincidência.

Mas receio que estejamos vendo algo pior agora.

O sr. quer dizer que ele pode não parar na Ucrânia? Eu não confiaria em ninguém que, neste momento, diga quais são os limites para Putin. Os limites para ele são os que forem fixados pelas outras potências. Ou seja, ele vai parar onde for parado.

Mas o que eu quis dizer é que não houve na Geórgia a sensação de ocupação total. Houve avanços militares e anexação de territórios periféricos, mas não o que a Rússia parece querer fazer agora: uma ocupação de longo prazo e a criação de um Estado como Belarus, isto é, independente de Moscou no papel, mas não na prática.

No caso da Ucrânia, uma das justificativas para o ataque é o combate a grupos neonazistas. Faz sentido? Isso é besteira. Claro que existem grupos nazistas, grupos de extrema direita no leste da Ucrânia, mas eles também existem entre separatistas russos.

Mas sob a perspectiva do Tradicionalismo? Não. Mas não é que que o Tradicionalismo celebre os nazistas. [O italiano] Julius Evola [1898-1974], que é o principal político Tradicionalista, colaborou com o governo fascista na Itália, mas no fundo nazistas e fascistas eram muito modernos para ele, muito materialistas. Mas creio que o Tradicionalismo não tenha nenhuma crítica particular ao nazismo.

Por mais que a ação de Putin reflita a visão de grupos reacionários, parece claro que a extrema direita não o apoia de maneira uniforme. Por quê? A cobertura da mídia de extrema direita retrata uma batalha entre Putin e [Joe] Biden [presidente dos EUA]. Ou seja, um conservador, cristão e nacionalista em oposição a um globalista secular identificado com a esquerda.

E é surpreendente que praticamente todos os principais partidos de extrema direita da Europa tenham condenado Putin. Talvez os eventos no front sejam muito chocantes para conservadores "mainstream", então a Rússia vai ficando isolada. Veja por exemplo os comentários de Ernesto Araújo [ex-ministro das Relações Exteriores do Brasil].

Ele é apontado como um dos alunos mais leais de Olavo de Carvalho. Como o sr. explica o fato de ele condenar a Rússia? Tem a ver com a aliança Rússia-China. Para muitos Tradicionalistas, exceto Dugin, a China emergiu como o principal inimigo. Eles consideram que os males da China comunista estão enraizados. Ela pode não ser capitalista, mas é secular e globalista.

Olavo disse isso no debate com Dugin. Esse é o ponto crucial que os separa. Ele via Rússia-China como uma unidade.

Quais as principais semelhanças e diferenças entre Olavo de Carvalho, Dugin e Bannon? Os três veem a história mundial como uma batalha entre espiritualidade e materialismo, um mundo de diferenças versus um mundo globalizado homogêneo. A questão é: quem tem qual papel nessa dinâmica?

Para Dugin, é EUA versus Rússia, com Eurásia, China, podendo incluir Irã e Turquia.

Para Olavo e Bannon, é quase o oposto. Para eles, as áreas rurais dos EUA e do Brasil preservaram a espiritualidade do mundo, enquanto a China representa o antitradicional.

Bannon tentou trazer Dugin para essa conversa porque, para Bannon, considerando que Putin é um nacionalista cristão, ele poderia ser atraído para a união Brasil-EUA contra a China.

Olavo de Carvalho teve uma influência direta no governo Bolsonaro, inclusive indicando nomes para ministérios. Dugin age de forma semelhante? Não dessa mesma forma, embora ele tenha tido papel relevante em negociações internacionais, como quando a Turquia abateu um avião russo na Síria. E isso sem ter cargo oficial.

Mas uma semelhança com a atuação de Olavo é que, durante o conflito na Geórgia, Dugin falava com uma linguagem específica, com termos como quinta coluna e Nova Rússia. Em seguida, a mídia estatal amplificava suas declarações e logo Putin repetia as mesmas palavras.

No caso de Putin, é possível saber o que vem antes para ele, se o Tradicionalismo de Dugin ou se um ímpeto autoritário, por assim dizer? Essa é a questão. Não tenho ideia. O problema é que existe tanta sobreposição entre Tradicionalismo, autoritarismo e populismo que é muito difícil saber onde está a verdadeira motivação.

Putin manda sinais contraditórios. Nos seus discursos, ele abre falando dos laços espirituais entre russos e ucranianos. Mas o resto da fala trata de preocupações como capacidade militar, economia, retorno sobre investimento material que foi feito na Ucrânia na época da União Soviética.

Um outro jeito de olhar é pela história pessoal de Putin, no sentido de que o conservadorismo cultural é uma de muitas ideologias que ele experimentou. Houve uma época em que ele parecia dedicado a se reformular e a reformular a Rússia nos moldes da democracia liberal europeia.

A sua fé cristã ortodoxa, seus ataques a minorias e a imigrantes, isso tudo veio depois. E foi bom para ele, pois galvanizou sentimentos nacionalistas na Rússia e trouxe aliados nacionalistas na Europa.

Então parece que ele estava apenas usando ideologias que poderiam servir melhor às ambições do Estado russo. O conservadorismo serviu muito bem.

A Rússia tem perdido muito "soft power" nessa guerra. Para Putin e Dugin, isso é um problema? Sim. Em certo sentido, "soft power" é a refutação do poder formal moderno, que é a política representativa, o voto. "Soft power" é caos, é irracional. O que não importa para eles é a opinião popular.

Muito do interesse deles em "soft power" é promover descontentamento em outras populações em relação a questões domésticas. Tem uma seção assustadora no livro de Dugin "Os Fundamentos da Geopolítica" em que ele diz que o modo de ferir os EUA é estimulando grupos sectários.

Movimentos de brancos racistas, movimentos como os Panteras Negras, políticas identitárias. Essa é uma questão doméstica, mas a ideia para Dugin é achar uma fenda na sociedade e agravá-la. Com as mídias sociais, pode-se fazer isso com mais facilidade.

Divulgação

Benjamin Teitelbaum, 39

Formado em música pela Universidade Bethany (EUA), é professor de etnomusicologia e relações internacionais na Universidade do Colorado (EUA). É autor de "Lions of the North: Sounds of the New Nordic Right Nationalism" (Oxford, 2017; leões do norte: sons do novo nacionalismo nórdico de direita) e "Guerra pela Eternidade: o Retorno do Tradicionalismo e a Ascensão da Direita Populista" (Unicamp, 2020)

> Não quer dizer que Putin tenha lido todos os seus livros, mas a elite militar da Rússia está imersa no pensamento de Dugin há um bom tempo

> Tem uma seção assustadora num livro de Dugin em que ele diz que o modo de ferir os EUA é estimulando grupos sectários. A ideia é achar uma fenda na sociedade e agravá-la

mercado

Ocidente deslancha guerra financeira contra a Rússia

Comissão Europeia confirma bloqueio de reservas; medida pode gerar pânico

Vinicius Torres Freire

SÃO PAULO O governo russo não vai poder usar as reservas financeiras que mantém nos Estados Unidos, na União Europeia, no Reino Unido e no Canadá, segundo confirmou neste domingo (27) a Comissão Europeia. Isto é: o Banco Central da Rússia não vai poder "sacar" recursos ou vender ativos financeiros que mantém nesses países: depósitos e títulos de dívida pública ou privada.

Das sanções anunciadas até agora pelo "Ocidente" contra a economia russa, é a mais grave. É na prática um calote. É um ato de guerra. Mal comparando, mas não muito, é como se, em tempos mais antigos, um país invadisse seu inimigo e saqueasse quase todas as suas reservas em ouro (o padrão ou lastro dos pagamentos internacionais antigos).

De imediato, pode ocorrer uma grande desvalorização da moeda russa e disparada nas taxas de juros. Na sexta-feira, o dólar era vendido a 84 rublos. Horas antes da abertura do mercado em Moscou, a cotação em alguns bancos era de até um dólar por 150 rublos.

As consequências para a Rússia vão muito além — leia mais abaixo neste texto. Para a economia mundial também.

Se algum país pode ter suas reservas congeladas ou confiscadas por um outro (como os EUA), todos vão pensar muito antes de colocar seus ovos de ouro nessa cesta. Quer dizer: vários deles podem querer criar um sistema financeiro e de reservas alternativo. É o que China e Rússia já vinham pensando em fazer antes da guerra. No final de 2021, a China tinha cerca de US$ 3,3 trilhões em reservas, a maior do mundo. Disso, pelo menos US$ 1 trilhão estava emprestado para o governo dos EUA (estava em títulos da dívida americana). O Brasil tem US$ 244 bilhões em títulos americanos).

Em termos mais precisos, o "Ocidente" vai bloquear o acesso do Banco Central da Rússia (BCR) às reservas internacionais do país, embora ainda não tenham sido divulgados detalhes técnicos e documentos legais das sanções. Reservas internacionais são uma poupança financeira de um governo em moedas "fortes" aceitas no mercado internacional (dólar, euro, libra, iene, aos poucos o renminbi chinês). Em geral, são compostas na maior parte de aplicações em títulos da dívida americanos ou europeus (são "empréstimos" para esses governos).

Quando um país fica com poucas reservas ou sem acesso a tais recursos, diminui ou acaba a confiança de que possa fazer pagamentos internacionais (como importações de mercadorias, pagamentos de dívidas). O governo fica também com pouca ou nenhuma capacidade de intervir no câmbio: isto é, de comprar moeda local com moeda "forte" a fim de evitar desvalorizações exageradas, disparadas de juros, pânicos e quebras decorrentes desse tumulto.

Fazer comércio com tal país depauperado de reservas ou investir por lá é, pois, um risco. Se as reservas são escassas ou também tal país não tem outro meio de conseguir moeda forte, pode ser que não seja possível tirar dinheiro de lá ou se tire menos (por causa da desvalorização). Pode ser que um banco russo fique sem dólares ou euros para pagar compromissos externos, sob risco de quebrar (não teria ajuda do governo). São casos limite, que já aconteceram no Brasil dos anos 1980, aliás. Mas o exemplo dá uma ideia do tamanho do problema.

No final de janeiro, a Rússia tinha o equivalente a US$ 630 bilhões em moedas "fortes" ou ativos financeiros geralmente aceitos. É terceira ou quarta maior reserva do mundo (as do Brasil eram US$ 358 bi).

Cerca de 38% do total estava aplicado em títulos de dívidas de governos estrangeiros, 24% eram depósitos no exterior, 21,7% em ouro e pouco mais de 10% em títulos de dívida que não eram de governo. São reservas enormes, mas é preciso ter acesso a elas.

O ouro está na Rússia. Em junho de 2021, dado mais recente do BC da Rússia, 13,8% do total dos ativos financeiros estava na China, 12,2% na França, 10% no Japão, 9,5% na Alemanha, 6,6% nos EUA, 4,5% no Reino Unido, para citar as maiores fatias.

Em termos de moedas dos ativos, 32,3% estavam em euro, 16,4% em dólares, 6,5% em libras. Na média, os países mantinham 59% dos haveres em ativos denominados em dólares e 20,5% em euros, no terceiro trimestre de 2021, segundo o FMI. A Rússia é um caso excepcional e jase precavia. Note-se que pelo menos um terço dos recursos da Rússia em "moeda forte" estavam nos países que vão boicotá-la (a Comissão Europeia dizia no domingo que era quase metade) pelo menos em junho de 2021.

É possível que o governo russo tenha transferido seus haveres para outros países ou para instituições neutras, desde meados do ano passado. De resto, ainda entra "moeda forte". A Rússia tem um grande superávit externo (no balanço de pagamentos): entre os ganhos de comércio exterior e o fluxo de capitais e rendas, teve um saldo recorde de US$ 120 bilhões no ano passado, basicamente devido a exportações. Apenas em janeiro, entraram US$ 19 bilhões.

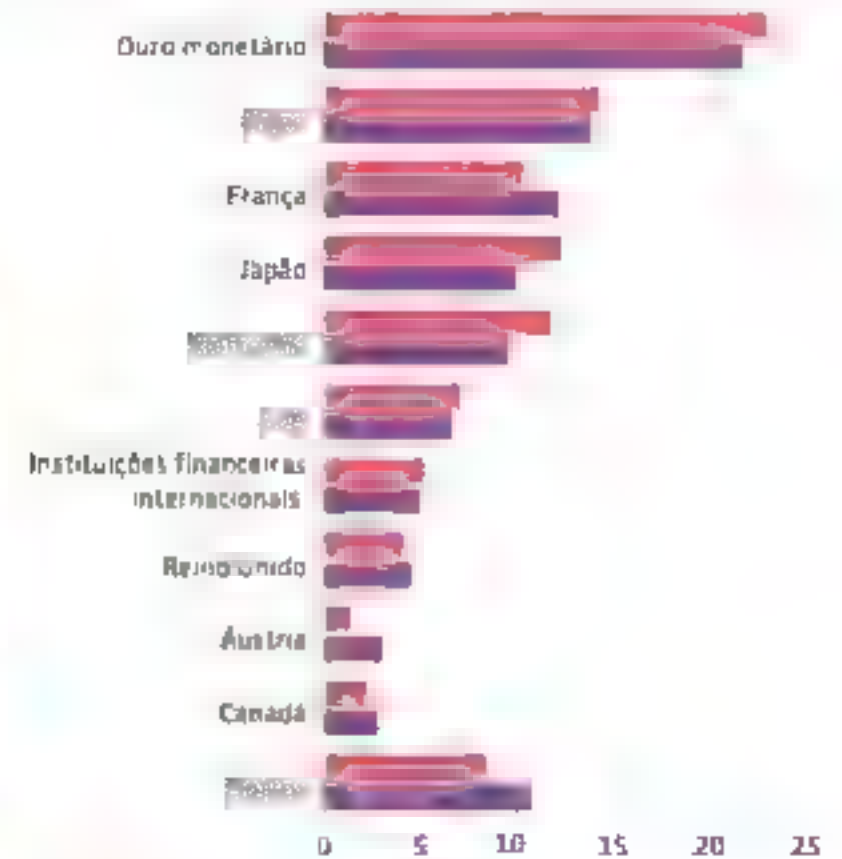
Por fim, a Rússia pode ter ajuda da China, por meios normais ou com operações heterodoxas entre os dois países. Mas isso é mera especulação.

Isto é, a Rússia pode se virar, em uma situação de emergência, para o básico do básico, no curtíssimo prazo: apagar parte do incêndio. Pelo menos até sexta-feira, de resto, o país ainda podia fazer e receber pagamentos relativos à produção e comércio de energia, de produtos agrícolas etc.

Mas o problema vai além. Como se disse, a Rússia vai se tornar um pária financeiro internacional, como Irã ou Venezuela. O investidor não coloca dinheiro em um país se não sabe se vai poder tirá-lo de lá (desinvestir, remeter lucros). Pode haver ainda mais congelamento de recursos russos. Ninguém sabe até onde vai a desvalorização da moeda. Várias empresas cortavam laços com a Rússia no domingo. A asfixia financeira vai arruinar lentamente a economia russa (que já vai sofrer um grande impacto imediato, um meteoro financeiro). A Rússia se tornou um negócio de altíssimo risco.

Russos esperam em fila para sacar dinheiro em São Petersburgo: dólar, que era vendido a 84 rublos na sexta, já estava a 150 rublos em alguns bancos Anton Vaganov/Reuters

Composição das reservas russas

Distribuição geográfica (em %)

Composição geral das reservas russas em 31 de janeiro de 2022 (em bilhões de dólares)

Fonte: Banco Central da Rússia

Compare as reservas

CHINA
No final de 2021, tinha cerca de **US$ 3,3 trilhões** em reservas, a maior do mundo. Pelo menos US$ 1 trilhão estava emprestado para o governo dos EUA (em títulos da dívida americana)

RUSSIA
No final de janeiro, a Rússia tinha o equivalente a **US$ 630 bilhões** em moedas "fortes" ou ativos financeiros geralmente aceitos. Quase US$ 498 bilhões eram reservas cambiais

BRASIL
O Brasil tem **US$ 358 bilhões**, dos quais US$ 244 bilhões em títulos americanos

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Cartas na mesa

Ainda é incerto o tamanho do potencial de mercado que o Brasil terá caso avance na aprovação da lei dos jogos de azar liberando jogo do bicho, bingo e cassino. Para Magno José Sousa, presidente do IJL (Instituto Jogo Legal), que defende a abertura do mercado, há espaço para cerca de 600 bingos, 7 cassinos grandes e 12 menores. Pelas regras do projeto de lei sobre os jogos de azar aprovado pela Câmara na semana passada, haveria condições para mais.

DEU ZEBRA O texto, que ainda será analisado pelo Senado e para virar lei depende de sanção do presidente Bolsonaro, considera a possibilidade de o país ter 33 cassinos e 1.420 bingos licenciados, estabelecidos conforme a população de cada estado ou município. Esses números podem subir por causa da liberação de navios com estrutura para jogos e instalação em hotéis.

PALPITE "O que a lei define é um parâmetro pela população, mas o número de fato vai depender das características do mercado e se vai haver interesse no investimento. Nem toda cidade com a população mínima comporta um bingo. O importante é tirar o jogo da ilegalidade, regulamentar e depurar isso", afirma Sousa.

MILHAR DA SORTE No caso do jogo do bicho, Sousa estima que o número deve ficar mais próximo ao previsto no projeto, perto dos 300. Na opinião dele, a legalização terá condições de evitar a lavagem de dinheiro com mecanismos para controlar o uso de cédulas e identificar todos os apostadores com registro dos prêmios acima de R$ 10 mil.

FICHAS Ele defende a expansão das máquinas de caça-níquel no projeto. "Essas máquinas não vão sumir da noite para o dia. Se elas não forem liberados nos pequenos estabelecimentos, podem acabar migrando para estruturas criminosas, milícias e organizações criminosas", afirma.

CARTEIRA Na tentativa de impulsionar suas frentes digitais, o Bradesco vai abrir uma etapa mais agressiva de expansão do Bitz, sua empresa de conta digital que completa 18 meses. Depois de fechar 2021 com 4,2 milhões de clientes, a meta para 2022 é chegar aos 8 milhões até o fim do ano, segundo a instituição.

CONCENTRAÇÃO O CEO do Bitz, Curt Zimmermann, prevê um período de acirramento na competição e abre uma terceira campanha publicitária após o Carnaval, com um mês de exibição da marca. A empresa avalia que se conseguir quase dobrar o patamar de clientes, fica mais robusta para alcançar novos mercados.

BLINDADO Os efeitos negativos da guerra na Ucrânia devem afetar as empresas brasileiras de turismo com mais força só nos próximos meses. Por enquanto, o setor se sente relativamente protegido porque o inverno no hemisfério norte torna esta época do ano menos atraente aos viajantes.

PASSAPORTE Segundo a CVC, os destinos dentro do Brasil são mais demandados no verão. Pelas estimativas da Cia Eco, o passageiro vai evitar o leste europeu, mas a expectativa otimista é que seja mantido o movimento de retomada das viagens para outros destinos neste momento da pandemia que começa a dar sinais de reaquecimento turístico.

SALA DE EMBARQUE "Haverá uma queda de demanda para a região. Isso é o previsível", afirma Denise Santiago, diretora da agência. Para Sergio José Maciura, dono da Dnipró, especializada em viagens para a Ucrânia, o fluxo geral de turistas na Europa acabará saindo prejudicado.

TERMÔMETRO A ômicron adiou o retorno ao trabalho presencial de mais de 40% das empresas, aponta levantamento da Ticket com trabalhadores das companhias clientes de seus serviços. Aproximadamente 19% aderiram ao home office de forma permanente. José Ricardo Amaro, diretor de RH da Ticket, vê um processo de consolidação dos modelos de trabalho híbrido e remoto.

RECEITA De acordo com a pesquisa, os trabalhadores estão divididos sobre a retomada do presencial. O levantamento com 200 entrevistados aponta que 27% ainda dizem se sentir inseguros em relação ao contágio pela Covid. Aproximadamente 75% dos entrevistados afirmaram que estão com a imunização completa.

CLIQUE Levantamento do Google sobre as principais dúvidas dos internautas no Carnaval mostra que o funcionamento dos serviços bancários foi o foco neste ano. "Pix vai funcionar no Carnaval" foi a segunda pergunta mais feita na última semana. Segundo o Google, as questões sobre o Carnaval começaram a subir em meados de janeiro.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

INDICADORES

JUROS
Jan., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

	Mínimo	Máximo
Cheque especial	7,73	8,00
Empréstimo pessoal	4,05	8,26

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA
Competência janeiro

Autônomo e facultativo

Valor mín.	R$ 1.212,00	20%	R$ 242,40
Valor máx.	R$ 7.087,22	20%	R$ 1.417,44

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do salário mínimo. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 15.fev

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ 1.212	5%	R$ 60,60

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.212,00	7,5%
De R$ 1.212,01 até R$ 2.427,35	9%
De R$ 2.427,36 até R$ 3.641,03	12%
De R$ 3.641,04 até R$ 7.087,22	14%

O prazo para recolhimento das contribuições de empregado vence em 18.fev. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Dedução, em R$
Até 1.903,98	Isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS
Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.256,53	Valor em R$
Empregado	98,48
Empregador	259,25

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico vence em 7.fev. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso de Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salários maiores, de 12% a 14%, aplicadas sobre cada faixa de salário até o teto do INSS

Movimento em posto de combustíveis em Santo André, na Grande São Paulo Rivaldo Gomes 21.fev.2022/Folhapress

Guerra e ano eleitoral são testes para a política de preços da Petrobras

Apesar da alta nas cotações do petróleo, que ganhou força com o conflito na Ucrânia, empresa já passa de 40 dias sem reajustes

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO A disparada da cotação do petróleo provocada pelo início da guerra da Ucrânia, a poucos meses do início da campanha eleitoral é vista como um teste sobre a resistência da Petrobras com sua política de preços dos combustíveis.

De acordo com cálculos da Abicom (Associação Brasileira das Importadoras de Combustíveis), a estatal já vem praticando preços abaixo das cotações internacionais desde o fim do ano passado. Na segunda semana de fevereiro, a diferença chegou a superar os R$ 0,40 por litro na gasolina e bateu R$ 0,50 por litro no diesel.

Nas últimas semanas, a valorização do real frente ao dólar deu um alívio, mas com o início da guerra, os indicadores usados pela estatal para definir seus preços voltaram a subir, pressionando por novos reajustes.

Os últimos reajustes nos preços da gasolina e do diesel foram feitos no dia 12 de janeiro, o que leva o mercado a apostar em uma mudança de postura no ano eleitoral, com reajustes menos frequentes e mais tempo abaixo das cotações internacionais.

Na quinta-feira (24), após o início dos ataques russos à Ucrânia, o petróleo Brent chegou a tocar os US$ 105 (cerca de R$ 540) por barril pela primeira vez desde 2014. No mesmo dia, a direção da Petrobras disse que observaria o mercado antes de decidir por qualquer mudança nos preços.

As declarações sobre o tema foram dadas em eventos públicos para detalhar o lucro recorde de R$ 106,6 bilhões registrado pela empresa em 2021, resultado impulsionado pela escalada dos preços do petróleo e dos combustíveis durante o ano.

Em 2021, a Petrobras vendeu sua cesta de derivados de petróleo pelo maior preço médio já registrado em balanço, R$ 416,40 por barril, 15,6% superior ao praticado em 2018, ano da greve dos caminhoneiros, já descontado a inflação do período.

Os impactos da alta na inflação e no poder de compra dos brasileiros levaram o presidente Jair Bolsonaro (PL) a começar a pressionar a empresa — ele chegou a dizer que gostaria de privatizar a estatal para se livrar das críticas.

Para o analista Daniel Cobucci, do BB Investimentos, o choque nos preços do petróleo provocado pela guerra tende a ser favorável à empresa, mas até um determinado ponto em que a pressão contra reajustes possa interferir na gestão da companhia.

"É interessante para a Petrobras ver seu principal produto ter cotações mais elevadas, mas entendemos que acima de um determinado limite isso pode gerar consequências negativas como reação à manutenção da política de paridade internacional", escreveu, em relatório divulgado na sexta (25).

A história recente da Petrobras tem exemplos de intervenções na política de preços dos combustíveis em anos eleitorais.

Em 2002, o então candidato da situação à Presidência da República, José Serra (PSDB) reclamou publicamente dos efeitos negativos de reajustes no gás de cozinha sobre sua campanha, levando a estatal a segurar novos aumentos.

Em 2014, o ex-ministro da Fazenda Guido Mantega, que presidia o conselho de administração da empresa, negou insistentes pedidos da direção para autorizar aumentos, o que só foi feito após a vitória de Dilma Rousseff (PT) no segundo turno.

Esta semana, o início do conflito na Ucrânia gerou na equipe econômica do governo receio de que a escalada do petróleo intensifique a busca do presidente Jair Bolsonaro (PL) e do Congresso por "medidas heroicas" para tentar segurar os preços dos combustíveis mas que, na prática, não funcionam. Com o início antecipado da campanha, o tema já vem sendo debatido por candidatos de oposição, que querem colar em Bolsonaro a responsabilidade pelos elevados preços. O Congresso, por sua vez, debate mudanças legais para tentar reduzir os preços ou suavizar variações.

> A manutenção de altos preços dos derivados tem impacto na inflação e na capacidade do poder de compra das pessoas. Isso vai aparecer no debate eleitoral
>
> **Santos**
> pesquisador do Ineep e da UFRJ

O pesquisador do Ineep (Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás e Biocombustíveis) e do Núcleo Desenvolvimento, Trabalho e Ambiente da UFRJ Mahatma Santos, diz que o represamento atual de preços já pode ser um indicador de mudanças na política.

"2022 vai ser um ano desafiador para essa atual estratégia, em função das eleições", diz ele. "A manutenção de altos preços dos derivados tem impacto na inflação e na capacidade do poder de compra das pessoas. Isso vai aparecer no debate eleitoral."

O Ineep espera reajustes menos frequentes no ano, para minimizar os impactos na campanha. Mas diz acreditar que a Petrobras tentará manter a estratégia de gerar valor ao acionista e distribuir fortes dividendos, como fez em 2021.

Questionada, a Petrobras afirmou que mantém "compromisso com a prática de preços competitivos e em equilíbrio com o mercado, acompanhando as variações para cima e para baixo, ao mesmo tempo em que evita o repasse imediato para os preços internos das volatilidades externas e da taxa de câmbio causadas por eventos conjunturais".

De acordo com a petroleira, esse equilíbrio é fundamental para garantir "que o mercado siga sendo suprido em bases econômicas e sem riscos de desabastecimento".

Na quinta, em conferência para detalhar o balanço, o diretor de Comercialização e Logística da empresa, Cláudio Mastella, disse que a valorização do real frente ao dólar nas últimas semanas compensou a alta do preço do petróleo, permitindo à empresa manter os mesmos preços desde janeiro.

Sobre o cenário atual, a empresa diz que precisa observar a evolução do quadro antes de decidir por reajustes. "Nesse cenário, vamos continuar observando [a evolução das cotações] minuto a minuto", resumiu o presidente da Petrobras, Joaquim Silva e Luna.

Tempo de renovação

Esta coluna, uma das publicadas há mais tempo na Folha, passa a ser online a partir de março

Marcia Dessen

Planejadora financeira CFP ("Certified Financial Planner"), autora de "Finanças Pessoais: O Que Fazer com Meu Dinheiro"

Edite se aposentou. Sua renda agora será proveniente das pensões, pública e privada, às quais tem direito e, a renda necessária para complementar o orçamento familiar virá da carteira de ativos financeiros que acumulou durante os anos de trabalho.

Alguma coisa mudou em relação ao seu nível de tolerância ao risco. Enquanto trabalhava e recebia regularmente um salário, aceitava a flutuação dos preços dos ativos e não se preocupava com perdas aqui e acolá.

Sua renda depende agora dessa carteira de ativos, que deve ser preservada pelo maior tempo possível para assegurar o padrão de vida que deseja manter. Começou a se incomodar com coisas que antes não a incomodavam.

Mudou a classificação do perfil de risco no banco e fará ajustes nos fundos que fazem parte de sua carteira; está prestando mais atenção à liquidez dos ativos, carências e prazos de vencimento. Analisou a oportunidade de reduzir a carga tributária e decidiu alterar o regime de tributação dos planos de previdência.

A mudança na vida de Alice exigiu revisão de suas finanças e dos seus investimentos à sua nova realidade.

Tempo de renovação nesta coluna também. Em abril de 2010, quando escrevi o primeiro artigo desta coluna de finanças pessoais, compartilhei a minha história pessoal, contando como e por que comecei a fazer planejamento financeiro para lidar com as dificuldades impostas pelo Plano Collor a mim e a todos os brasileiros. Foi uma forma de pedir licença para conversarmos sobre um dos últimos tabus de nossa sociedade: falar de dinheiro.

Fiquei empolgada com o convite da Folha e me questionava como conseguiria escrever toda semana, de onde viriam as ideias, a inspiração. Eu tinha um bom acervo de temas, é verdade, mas a inspiração veio de todos os que compartilharam suas histórias de vida, dúvidas, incertezas, preocupações e sugestões. Agradeço a cada um de vocês.

Muitos se identificaram com os personagens dos artigos da coluna que permitiram que outras pessoas, com o mesmo problema ou situação, tivessem a percepção de que eu estava falando com eles, mostrando um caminho, alertando para situações que merecem cuidado e atenção.

Alguns me escrevem dizendo que colecionam meus artigos, recortados e guardados para serem relidos, compartilhados com parentes e amigos, contribuindo para ampliar a educação financeira das pessoas do nosso entorno. Esse é o meu propósito.

Tempo de renovação. Para quem gosta do jornal impresso, uma despedida, não estarei mais neste espaço a partir de março. Mas minha coluna continua no site da Folha, toda segunda-feira, como de costume.

Muda a forma, do impresso para o online, mas uma coisa não muda, o meu compromisso com a pessoa, com o consumidor final, o comprador de produtos e serviços financeiros oferecidos, muitas vezes, de forma equivocada.

Quando falo sobre produtos financeiros, procuro não fazer julgamento de valor, embora confesse ser bem difícil, às vezes.

Não existe produto bom ou ruim para todos. Existe o produto adequado para cada um de nós, respeitando diversos aspectos muito individuais. Um bom produto vendido para a pessoa errada resulta em um péssimo negócio, para ambas as partes.

Sempre aberta a receber elogios, sugestões e críticas, por que não, incentivo para melhorar, sempre. Fiquem bem, cuidem de si e dos outros. Nos vemos na semana que vem no site da Folha.

marcia.dessen@gmail.com

DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos | TER. Michael França, **Cecilia Machado** | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Lei de Dados está sendo usada contra transparência

LGPD tornou-se a ferramenta preferida dos gestores que querem ocultar suas atividades

Ronaldo Lemos

Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

Pouco antes de morrer, o grande jornalista e então diretor da organização Transparência Brasil, Claudio Weber Abramo, escreveu um artigo seminal na **Folha** chamado "Risco de Retrocesso na Proteção de Dados Pessoais".

Abramo foi pioneiro na prática do chamado "jornalismo de dados" no Brasil. Ele acreditava, com razão, que o futuro do jornalismo passava pela análise detalhada dos dados produzidos pela administração pública. Há até um prêmio para essa prática, que hoje leva seu nome.

Seu medo era que a LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados), aprovada também em 2018, pudesse desconstruir todo o esforço feito ao longo de anos para promover a transparência no setor público.

O temor de Abramo, infelizmente, se concretizou. Atualmente, a LGPD tornou-se a ferramenta preferida dos gestores que querem ocultar suas atividades, promover retrocessos e suprimir o acesso a dados que são públicos, necessários para a realização de políticas públicas, ou de fundamento constitucional.

Por exemplo, na semana passada, o Ministério da Educação pela primeira vez passou a suprimir a divulgação de vários dados essenciais do Enem, justamente aqueles que nos últimos anos vinham permitindo a realização de várias políticas educacionais eficazes no país.

Já a Presidência chegou a negar o acesso a informações sobre a agenda de visitantes do Palácio do Planalto. E, mais recentemente, houve debate sobre proibir a divulgação de dados de candidatos eleitorais e de pessoas que prestam serviços para campanhas políticas.

Qual foi a justificativa para todos esses casos? A LGPD. Essa justificativa, diga-se, é incorreta e perversa. A LGPD não foi criada para e nem tem o efeito de suprimir a divulgação de dados públicos. Ao contrário, a própria lei reconhece a realização de políticas públicas como uma de suas exceções. Nem poderia ser diferente.

A LGPD deve ser sempre utilizada em sintonia com a Constituição e outras leis. Mais do que isso, há uma confusão conceitual entre sigilo e proteção de dados. A proteção de dados não serve para impedir sua utilização (é exatamente o contrário), o sigilo sim.

O Brasil por muito tempo viveu no obscurantismo com relação à administração pública. Foi só a partir de 2011 que aconteceu uma virada notável. O país fundou internacionalmente a chamada Parceria do Governo Aberto (Open Government Partnership), iniciativa que rapidamente obteve a adesão de 78 países, incluindo os Estados Unidos. Seu objetivo foi gerar compromissos de reforma legal e administrativa entre os membros para promover transparência no setor público e o acesso crescente a dados desse setor.

Foi na esteira dessa iniciativa que o Brasil, em novembro de 2011, aprovou tardiamente sua Lei de Acesso à Informação. O México, por exemplo, já tinha uma lei dessa natureza desde 2003. Tudo isso está hoje sob ataque por causa dessa aplicação perversa da LGPD.

Não só Claudio Abramo tinha razão como enxergou o futuro. Em 2018, escreveu: "As consequências da omissão [de dados] não serão triviais. Informações que, a duras penas, passaram a ser divulgadas devido a iniciativas de transparência ativa, estimuladas por políticas de acesso à informação, deixarão de sê-lo, pretextando-se 'defesa da privacidade'".

READER

Já era Trabalhar para a Lei Geral de Proteção de Dados ser aprovada

Já é Trabalhar para a LGPD ser aplicada

Já vem Trabalhar para a LGPD não ser aplicada para suprimir acesso a dados públicos

Brasileira atua em agência dos EUA contra exploração de trabalhadores

'Quero que outros não passem pelo que passei', diz Natalícia Tracy, que foi babá após emigrar

Rafael Balago

WASHINGTON Há cinco meses, o governo Biden nomeou uma brasileira para uma função importante: ajudar com que trabalhadores, especialmente imigrantes, escapem de armadilhas, como ficarem presos em jornadas extenuantes e mal-pagas por não saberem como pedir ajuda.

Natalícia Tracy, 50, é conselheira sênior para a Agência de Saúde e Segurança Ocupacional (Osha, na sigla em inglês) do Departamento do Trabalho (equivalente a ministério). No cargo, ela tem buscado unir esforços entre os vários setores do governo americano para aumentar a fiscalização sobre exploração laboral.

"Por exemplo: o USDA (Departamento de Agricultura) vai investigar a qualidade de um alimento. Mas eles chegam ao local de produção e tem um monte de gente trabalhando em condições precárias. Eles podem avisar a Osha, para que a gente investigue", explicou ela, em entrevista à Folha.

Há também parcerias com as autoridades de imigração, como criar protocolos mais precisos sobre como lidar com situações ligadas à exploração. Ela aponta que cerca de 40% dos casos envolvendo tráfico de pessoas para os EUA ainda têm relação com trabalho.

Outra de suas missões é criar meios de estimular as pessoas que estejam sendo exploradas a fazerem denúncias.

"Muitos trabalhadores, principalmente sem documentos [de imigração], têm grande receio de buscar informações e contar o que está acontecendo com eles. O acesso à língua é uma barreira. E mesmo quem tem acesso à comunidade muitas vezes tem medo de falar. Você não sabe em quem confiar. Muitas vezes a pessoa sabe que o que está vivendo não é certo, mas não entende a gravidade da situação. Então parte do meu trabalho é expandir as redes de informação", disse.

"Estamos criando novas iniciativas para que os trabalhadores saibam que o Departamento do Trabalho está aqui para apoiá-los, independentemente do status migratório. Não nos interessa de onde veio, como veio, quanto tempo estão aqui. Todos têm o mesmo direito", diz.

"Se a lei começar a excluir pessoas, ela não funciona, né? Estamos trabalhando para deixar claro que todo trabalhador tem valor. A gente humanizar todos os trabalhadores é o primeiro passo para criar uma sociedade justa", defende.

Natalícia viveu por si mesma várias das dificuldades que busca combater. Ela veio para os EUA em 1989, aos 19 anos, trabalhar como babá e empregada de uma família brasileira em Boston. Acabou sendo submetida a longas jornadas, com salário muito baixo e restrições para usar o telefone e se comunicar com o mundo lá fora.

"De acordo com as leis trabalhistas dos Estados Unidos, eu estava num trabalho considerado escravo", afirmou ela

Natalícia Tracy, conselheira sênior para a Agência de Saúde e Segurança Ocupacional Brazilian Times

> Muitas vezes a pessoa sabe que o que está vivendo não é certo, mas não entende a gravidade da situação
>
> **Natalícia Tracy**
> conselheira em agência do Departamento do Trabalho dos EUA

em 2016 à BBC News Brasil. Ela dormia numa varanda fechada, onde o chão era de cimento. Muitas vezes não sobrava comida após cozinhar para os patrões.

"Eu tive um começo muito difícil aqui. Não só pelo processo de adaptação, mas pelas condições de trabalho que me foram oferecidas. Quando nós, já passamos por uma situação, a gente sabe o que é. Muito da minha energia para trabalhar e ajudar outras pessoas vem disso: não desejo para ninguém nada das coisas que eu tive que superar", comenta.

A família que a contratou acabou voltando ao Brasil, mas ela ficou nos EUA, onde se casou com um americano e decidiu estudar. Terminou o ensino médio e em seguida criou uma robusta carreira acadêmica. Em 2016, obteve doutorado em sociologia pela Boston University, com uma tese sobre as relações entre raça, imigração e trabalho.

Como professora da Universidade de Massachussets em Boston, deu aulas sobre temas como trabalho e globalização e o tráfico de pessoas. Fez estudos em parceria com outras universidades, como Harvard, e escreveu vários publicações sobre a área.

Ao mesmo tempo em que estudava, Natalícia foi se firmando como uma liderança por direitos trabalhistas em Boston, que concentra uma grande quantidade de brasileiros, parte deles sem documentos. Teve cargos como diretora-executiva do Centro do Trabalhador Brasileiro e ajudou a fundar a Coalizão pelos Trabalhadores Domésticos de Massachussets.

Em 2014, ela ajudou a articular a aprovação de uma lei estadual para ampliar os direitos aos trabalhadores domésticos, como a exigência de que tenham contratos por escrito e dias de descanso, mesmo que sejam pessoas sem documentos. Sua atuação também contribuiu para aprovação de novas leis trabalhistas no estado de Connecticut.

Com este trabalho, acabou se aproximando da política. Ela chegou a se reunir com o então presidente Barack Obama e a senadora Elizabeth Warren, ambos democratas.

Ela avalia que o convite da Casa Branca para o cargo atual veio na hora certa. "Esta posição me dá a oportunidade de amplificar as vozes de pessoas como eu. No Departamento, tem eu de pessoas como eu". Sinto uma responsabilidade enorme, por poder fazer coisas de alcance nacional, mas também acho importante que as pessoas me vejam neste cargo, porque isso mostra que por mais que você tenha dificuldade, não é impossível avançar."

Natalícia costuma vir ao Brasil ao menos uma vez por ano, visitar sua mãe, com quem fala com muito carinho.

"Meu pai faleceu há cinco anos, e minha mãe, para mim, é uma fonte de energia e inspiração. Todas as coisas que eu superei foram por causa da fundação, dos valores, das palavras, que ela me deu", comenta.

Maior evento de tecnologia móvel discute o futuro na Espanha

Raphael Hernandes

SÃO PAULO Após um hiato no primeiro ano de pandemia e uma versão reduzida no ano passado, o MWC (Mobile World Congress) volta a Barcelona entre esta segunda (28) e 3 de março.

Trata-se de um dos maiores e mais importantes eventos de tecnologia do mundo no setor de telecomunicações.

O evento obrigará uso de máscaras e outras medidas de segurança num momento em que os casos de Covid na Catalunha (região espanhola onde fica Barcelona) estão em baixa, após salto causado pela ômicron. São esperados 50 mil participantes presenciais.

O evento acontece desde 1987 e, em sua última edição antes da pandemia (2019), reuniu 109 mil pessoas, de acordo a organização. Após a desistência de grandes empresas, como Amazon, Sony e LG, foi cancelado em 2020.

Em 2021, a GSMA, entidade que congrega as teles e organiza o MWC, optou por fazer versões menores do evento em um modelo híbrido, online e presencial. Em Barcelona, cerca de 20 mil pessoas participaram, diz a organizadora.

Segundo a GSMA, a expectativa para este ano é que 85% dos espaços da exposição estejam ocupados e que pessoas de 150 países compareçam.

A escala pode ser comparada à CES, feira de tecnologia voltada a produtos ao consumidor realizada em dezembro em Las Vegas (EUA). O evento recebeu 40 mil pessoas.

Nem as autoridades locais nem a organização da feira divulgaram números que permitam analisar o impacto do evento presencial na disseminação de Covid.

Segundo a agência Reuters, 70 pessoas da Coreia do Sul que participaram da CES tiveram teste positivo na sequência. Questionada sobre os impactos sanitários do evento, a GSMA não respondeu.

Os participantes deverão apresentar certificado de vacinação ou recuperação da Covid, ou então testes feitos até 72h antes do acesso ao evento. Além disso, todos deverão usar máscara PFF2 no local.

Os participantes terão direito a um seguro que cobrirá eventuais despesas relacionadas a uma infecção, como pagamento de hotel para isolamento e gastos médicos.

Nesta edição, o principal tema em discussão durante o MWC será o metaverso.

A palavra entrou na moda no ano passado e está na boca de todas as grandes empresas do setor, em boa parte puxadas pelo Facebook (que agora se chama "Meta" em alusão ao metaverso).

Trata-se de uma nova forma de consumir conteúdo digital e interagir com a internet. Em vez de só na tela, as coisas passam também a serem vistas por realidade virtual e realidade aumentada —criando uma espécie de universo virtual. Um pouco dessas ideias já existem, mas a indústria está com todas as apostas voltadas ao crescimento desse tipo de tecnologia.

Como não poderia ser diferente em um evento de telefonia, o 5G será um dos principais temas. Discussões sobre o seu sucessor, 6G, começam a dar as caras.

A quinta geração de conexões de redes móveis tem proximidade com o metaverso: por suas velocidades mais altas e por seu maior número de dispositivos conectados simultaneamente passará a infraestrutura necessária para tornar as visões das empresas de tecnologia em realidade.

Ações da Petrobras saltam com valorização do petróleo

Risco político promete volatilidade; barril do Brent pode atingir US$ 125 no ano

Lucas Bombana

Ações da Petrobras e Ibovespa em 12 meses

Fontes: Economatica e CMA

Na esteira da recuperação do petróleo no mercado internacional, as ações da Petrobras vêm em uma firme trajetória de valorização na Bolsa de Valores.

Na janela de 12 meses encerrada na sexta-feira (25), as ações preferenciais da estatal petroleira acumularam uma alta de 80,4% na B3, enquanto as ordinárias chegam a avançar 95%.

O índice amplo de ações do Ibovespa sobe cerca de 0,8% no mesmo intervalo.

Para analistas de investimento, o aumento no preço da commodity, que ganhou novo impulso com a invasão da Ucrânia pela Rússia, com a cotação ultrapassando a marca de US$ 100 (R$ 515,63) o barril, tende a seguir favorecendo os resultados da empresa nos próximos balanços trimestrais.

E, consequentemente, o bolso dos investidores. Junto com o lucro recorde anual de R$ 106,6 bilhões anunciado na quarta-feira (23), a Petrobras informou que irá pagar R$ 37,3 bilhões em dividendos referentes ao quarto trimestre, levando para R$ 101,4 bilhões o valor pago aos acionistas pelo resultado de 2021.

Análises de mercado apontam que os números apresentados se devem em grande medida à forte geração de caixa da empresa, com o preço médio da commodity ao redor de US$ 80 (R$ 412,50) no último trimestre do ano passado.

Com a disparada recente da matéria-prima, analistas preveem um impacto positivo para os resultados da Petrobras, com a estatal provavelmente anunciando novos reajustes dos combustíveis —o último anúncio nesse sentido ocorreu no dia 12 de janeiro.

"Ainda vemos o estatuto social da Petrobras protegendo a empresa de subsidiar combustíveis como no passado, sendo o repasse da escalada internacional no preço do Brent uma questão de tempo", afirmam os analistas da XP, em relatório.

A Petrobras disse na quinta-feira (24) que irá aguardar a evolução do cenário internacional antes de decidir por novos repasses de preço.

Se a escalada das tensões entre Rússia e Ucrânia persistir por mais algum tempo, projeções de mercado indicam que a commodity pode experimentar níveis ainda mais elevados, colocando uma pressão adicional sobre a estatal.

Os analistas do banco americano Goldman Sachs não descartam o barril do petróleo Brent testando a barreira dos US$ 125 (R$ 644,53) nos próximos meses, a depender da evolução do cenário na Ucrânia.

"A incerteza a respeito de potenciais sanções [à Rússia] começa a criar um choque de oferta em potencial. E até que as incertezas sobre a rápida escalada dos conflitos na região sejam resolvidas, a tendência é que o preço do petróleo siga em alta", afirmam os especialistas.

Além da dinâmica própria do setor, a reestruturação pela qual a Petrobras passou nos últimos anos, com a venda de ativos não essenciais e um foco maior no pré-sal, tornou a operação bem mais eficiente e rentável do que era em gestões passadas, afirma Lucas Ribeiro, analista de ações da Kinitro Capital.

A Petrobras é uma empresa que negocia sob múltiplos muito descontados frente aos pares na Bolsa, que está gerando muito fluxo de caixa e com o pagamento de dividendos extraordinários

Renan Vieira
sócio e diretor de investimentos da gestora Taruá Capital

"As mudanças foram muito drásticas, com uma forte redução do endividamento", diz Ribeiro, que afirma que a Petrobras é uma aposta importante nos fundos da Kinitro.

Sócio da gestora Finacap Investimentos, Alexandre Brito acrescenta que a busca por novas fontes renováveis de energia e a redução nos financiamentos para o aumento da produção de petróleo, combinadas com uma demanda que se mantém aquecida, já tem e deve seguir contribuindo para sustentar os preços altos do petróleo em escala global.

"Continuamos com uma visão bastante construtiva para a Petrobras no médio e longo prazo", afirma Brito, que conta ter na empresa a principal posição dos fundos de ações da Finacap, representando entre 10% e 15% do total nos portfólios.

Sócio-fundador da casa de análise Nord Research, Bruce Barbosa reconhece que, em comparação aos principais pares internacionais, a Petrobras negocia sob múltiplos que podem ser considerados bastante baratos.

No entanto, esse desconto imposto pelos investidores, assinala o especialista, deve-se justamente ao fato de a estatal estar sujeita ao risco de ser usada para fins políticos e eleitoreiros.

"Acho que existe um risco grande de o governo usar a Petrobras para financiar uma redução no preço do petróleo", afirma Barbosa, que faz menção à PEC dos Combustíveis no Congresso.

Por conta disso, ele diz que prefere as ações da petroleira de capital privado PetroRio dentro do setor de óleo e gás na Bolsa brasileira.

"Até por ser muito menor, com cerca de 1% do volume de produção em relação à Petrobras, a PetroRio tem um potencial de crescimento muito maior", diz.

"Continuamos com uma visão positiva em relação à Petrobras, dado seu novo patamar de lucratividade, o que nos leva a projetar um retorno via dividendos [dividend yields] entre 15% e 25% [sobre o valor de mercado] por ano para a companhia", afirmam os analistas do UBS BB.

Contudo, eles dizem também que uma eventual mudança do acionista controlador pode limitar a expectativa de lucro no médio e longo prazo, "uma vez que o direcionamento da companhia pode mudar de uma alocação de capital eficiente para uma estratégia mais dedicada ao desenvolvimento do país".

"A Petrobras é uma empresa que negocia sob múltiplos muito descontados frente aos pares na Bolsa, que está gerando muito fluxo de caixa e com o pagamento de dividendos extraordinários. Por conta disso, temos conforto de ter Petrobras na carteira dos fundos, apesar de ser uma estatal", diz Renan Vieira, sócio e diretor de investimentos da gestora Taruá Capital.

Mesmo que o preço do petróleo passe por algum ajuste e volte para níveis ao redor de US$ 80, ainda assim, a avaliação do especialista é que o investimento na empresa continua sendo um bom negócio, frente ao atual momento operacional em que a companhia se encontra.

De toda forma, o gestor reconhece que a defasagem de preços com o mercado internacional, que ele calcula atualmente próxima de 15%, gera algum desconforto sobre a política da estatal entre os investidores.

"As ações da Petrobras devem ter muita volatilidade ao longo do ano, mas com um valuation descontado e pagando altos dividendos que chamam a atenção do investidor e atraem compra", afirma Vieira.

Mortes por infarto em mulheres jovens crescem durante a pandemia

Para cardiologistas, parte dos óbitos pode estar ligada ao aumento de fatores de risco cardíaco

Cláudia Collucci

SÃO PAULO A morte por infarto agudo do miocárdio da médica Ana Carolina Borges Gorga, 30, no mês passado durante plantão em um hospital de Cubatão (litoral paulista) acendeu o alerta para a escalada desses óbitos em mulheres jovens durante a pandemia de Covid-19.

Um levantamento inédito da SBC (Sociedade Brasileira de Cardiologia), a partir dos dados do Portal da Transparência da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil), mostra que entre 20 e 29 anos, foram 161 mortes em 2021, contra 132 em 2020 e 131 em 2019 —um aumento de 22%.

Entre mulheres de 30 a 39 anos, a alta foi de 27% em relação a 2020 (638 contra 494). Em 2019, foram 464 óbitos. Entre 40 e 49 anos, o salto foi de 25,3% (2.050 mortes contra 1.636). Em 2019, foram 1.541 óbitos.

Os dados foram extraídos a partir das certidões de óbito registradas nos cartórios. As informações oficiais do SIM (Sistema de Informações sobre Mortalidade), do Ministério da Saúde, de 2021, ainda não estão disponíveis.

O aumento de mortes por infarto também é observado entre homens jovens no período. Por exemplo, na faixa etária dos 20 aos 29 anos, passou de 351 para 440, entre 2019 e 2021. Dos 30 aos 39, passou de 1.106 para 1.531. E entre 40 e 49 anos, de 3.513 para 4.243.

Um estudo apresentado em encontro do Colégio Americano de Cardiologia mostra que, nos EUA, o número de infartos se estabilizou entre os americanos mais velhos, mas a incidência entre adultos jovens se amplia 2% ao ano.

O mesmo movimento começa a ser observado no Brasil. A explicação seria o aumento de hábitos não saudáveis, como sedentarismo, excesso de peso, tabagismo e estresse —que pioraram durante a pandemia de Covid-19.

A preocupação dos médicos é que, em relação às mulheres jovens, ainda há muita dificuldade no reconhecimento dos sinais de infarto, que são confundidos com crise de ansiedade, por exemplo. Tanto por elas próprias e seus familiares quanto nas salas de emergência dos hospitais.

Foi o que aconteceu com a auxiliar de enfermagem Bianca de Souza da Silva, 36, do Rio de Janeiro. Ela sofreu um infarto no dia 29 de julho de 2020, dois meses depois de ter tido a forma leve da Covid. "Comecei a sentir calafrios, sudorese e muita dor no peito. Meu marido pensou que fosse crise de ansiedade porque eu já tive anos atrás. Mas eu sentia que era algo diferente."

Como não tinha nenhum fator de risco cardíaco, a equipe médica que a atendeu na emergência também suspeitou de ansiedade e a medicou com ansiolítico. "Dizia, doutora, eu tô infartando, tô infartando. E ela respondia: esse remédio vai te acalmar. Quando saiu o resultado do exame de sangue, só me lembro de ouvir o pessoal gritando CTI, CTI, ela infartou, ela infartou. Fiquei uma semana na UTI."

Segundo o cardiologista intervencionista Esmeraldi Ferreira, coordenador do setor de hemodinâmica do Hospital Universitário Pedro Ernesto, no Rio, para onde Bianca foi transferida para fazer uma angioplastia, é muito comum que os sintomas do infarto em mulheres jovens sejam negligenciados por elas e pelos companheiros, levando a uma demora na busca por atendimento.

"Esse tempo mais demorado leva a mais perda de músculo cardíaco, e o resultado tende a ser pior porque já tem uma formação de trombo mais acentuada", explica.

A cardiologista Gláucia Maria Moraes de Oliveira, professora da Uerj (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), também reforça que essa demora no reconhecimento do infarto em mulheres jovens também ocorre nos setores de emergência dos hospitais.

"Há estudos que mostram que os médicos ainda têm dificuldade de perceber esses sintomas. Acham que as mulheres estão estressadas, ansiosas, as medicam e logo as despacham. Há alguns trabalhos mostrando que as médicas mulheres parecem estar mais atentas em reconhecer esses sintomas, e a taxa de sobrevivência das pacientes acaba sendo maior."

Historicamente, há aumento de casos e mortes por infarto e doenças cardiovasculares em mulheres acima dos 50 anos e isso já é esperado devido à menopausa. Nessa fase da vida da mulher, existe uma perda da proteção que o hormônio estrogênio dá ao coração. Entre outras funções, esse hormônio estimula a dilatação dos vasos, facilitando o fluxo sanguíneo.

Para cardiologistas, o aumento dessa juvenilização das mortes cardíacas por infarto também pode estar ligada à Covid-19, uma vez que pesquisas já mostraram que a pandemia tem aumentado o risco de doenças cardiovasculares. Tanto pelos efeitos da infecção no coração quanto pela piora dos hábitos de vida.

É também a justificativa de Bianca Silva na falta explicação clínica para ter infartado aos 35 anos e agora carregar no coração dois stents. "Meu colesterol é baixo, não tenho sobrepeso, me alimento bem, não sou sedentária, não tenho hipertensão ou diabetes, não tenho histórico familiar de doença cardíaca. Só pode ter sido a Covid", diz ela, que teve a forma moderada da doença dois meses antes do infarto.

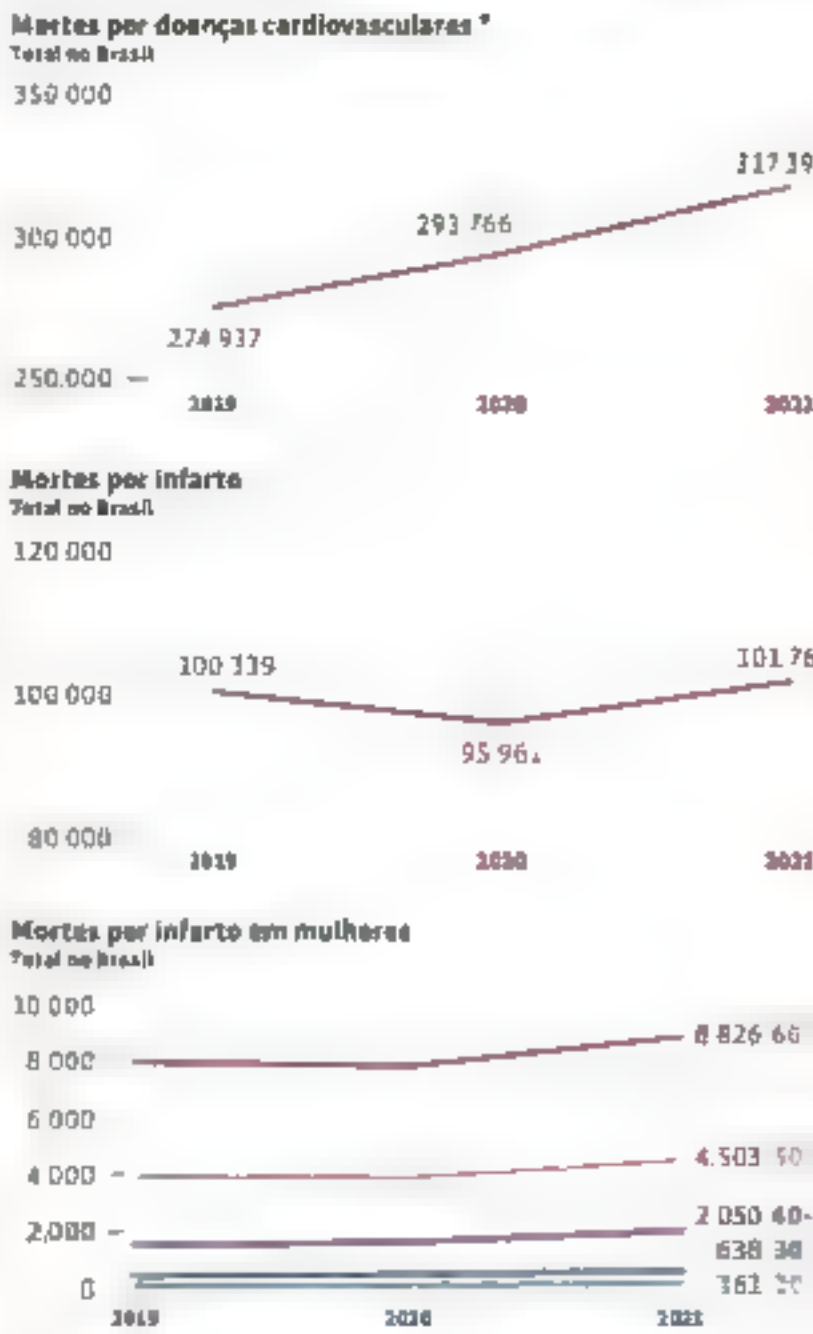
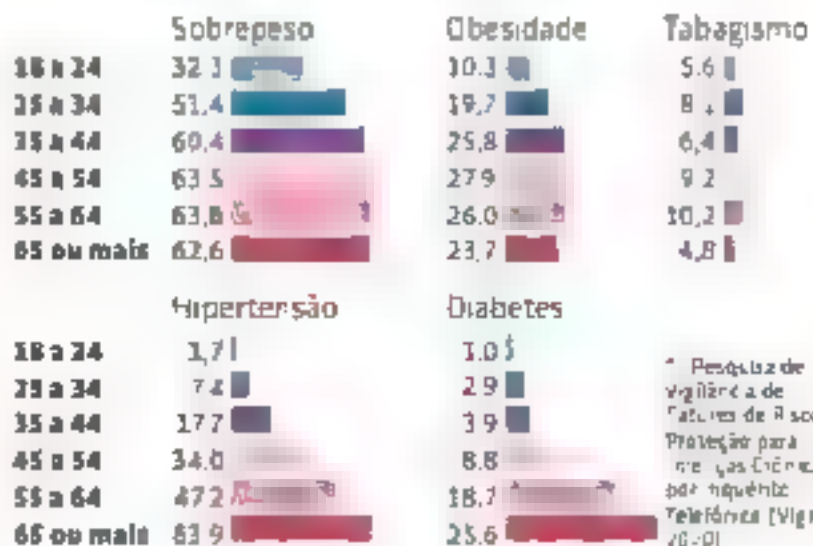
Para a cardiologista Maria Cristina de Almeida, que coordena o departamento de doença coronariana da Sociedade Brasileira de Cardiologia, independentemente dos efeitos sabidos da Covid-19 no coração, é muito mais provável que esse aumento de mortes por infartos em mulheres jovens esteja relacionado ao estilo de vida, que piorou durante a crise sanitária.

"Elas estão estressadas, mais sedentárias, fumando muito, com obesidade, deprimidas e isso tudo afeta o coração. Sem falar da associação entre tabagismo e o uso de anticoncepcional oral. É um veneno. Com a pandemia, a situação piorou ainda mais."

Dados da Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel, 2020), 65% das mulheres entre 18 e 45 anos estão com excesso de peso, e cerca de um quinto delas, obesas. Cerca de 27% têm hipertensão. Já a taxa de diabetes, outra doença que aumenta o risco cardiovascular, dobrou entre mulheres de 24 a 35 anos.

A faxineira Adriana de Souza Ferreira, 41, infartou em agosto de 2020. "Minha vida era muito corrida, estressada, me alimentava mal, fumava muito, estava com sobrepeso, não praticava exercício. Só vivia correndo de lá para cá. Na pandemia, piorou, tudo ficou ainda mais difícil", conta.

Ferreira diz ainda que nem suspeitou que as dores nas costas, no peito e nos braços pudessem ser sintomas de um ataque cardíaco.

"Quem imagina infartar com 40 anos? Achei que fosse dor muscular. Mas foi piorando, chamaram ambulância e, a caminho do hospital, sofri uma parada cardíaca. Chegando ao hospital, sofri outra."

Segundo a cardiologista Gláucia de Oliveira, a tendência de aumento de mortes de mulheres jovens por infarto e outras doenças cardiovasculares já era observada antes da pandemia não só no Brasil como nos Estados Unidos também. "Com a pandemia, os filhos em casa, a carga de trabalho triplicou. A ansiedade, a depressão, os determinantes sociais são muito mais prevalentes na mulher."

Segundo Almeida, da SBC, em geral, a mulher não pensa que pode sofrer ou até morrer de doenças cardiovasculares.

"Ela é mais fiel ao ginecologista do que ao cardiologista. Ela não sabe que se morre muito mais de doença cardiovascular do que de câncer ginecológico."

No Brasil, mais de 300 mulheres de todas as idades morrem por dia vítimas de infarto. Se somados outros problemas cardiovasculares, como o AVC, o número de mortes chega a ser seis vezes maior do que as causadas por câncer de mama.

A médica lembra um problema ginecológico muito comum entre as mulheres jovens, a síndrome dos ovários policísticos, também aumenta o risco cardiovascular.

Em geral, a síndrome vem acompanhada de obesidade, alteração do metabolismo da glicose, e hipertensão. Mulheres jovens que tiveram pré-eclâmpsia, diabetes gestacional, abortos de repetição ou que tiveram bebês prematuros também têm um risco maior.

De acordo com a cardiologista Gláucia de Oliveira, da Uerj, atualmente há uma "árdua" tentativa de parceria dos cardiologistas com as sociedades de ginecologia e obstetrícia.

"É preciso que eles chamem atenção das mulheres para esse aumento enorme do tabagismo, da obesidade, da glicose sérica e do sedentarismo. Além disso tudo, elas ganham 'de grátis' a hipertensão. Se a gente não fizer nada, cada vez mais mulheres jovens vão morrer."

Adriana Ferreira, mãe de dois filhos, diz que nunca foi alertada para esses riscos. "Foi um susto muito grande. Agora parei de fumar, tô comendo coisas mais saudáveis, verduras, me alimento melhor, com fruta, legumes, faço pelo menos uma hora de caminhada, tomo meus remédios direitinho."

Gláucia Oliveira também lembra que uma parte dos infartos em mulheres jovens não está relacionada a doenças obstrutivas das coronárias. Uma das causas é a dissecação espontânea da coronária. É uma condição rara, que afeta, em geral, pessoas mais jovens, sem fatores de risco cardíacos. Pode ser causada por diversos fatores, como uso de contraceptivos associados ao tabagismo.

Aumentam mortes por infarto em mulheres jovens

* Portal da Transparência da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil)

Prevalência de fatores de risco cardíacos em mulheres**
em 2020, em %

** Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel, 2020)

> Com a pandemia, os filhos em casa, a carga de trabalho triplicou. A ansiedade, a depressão, os determinantes sociais são muito mais prevalentes na mulher
>
> **Gláucia de Oliveira**
> cardiologista

Covid impactou cuidados e buscas sobre diabetes, diz estudo

Ana Bottallo

SÃO PAULO A pandemia da Covid-19 trouxe muitos efeitos na saúde da população. Um deles é a piora nos cuidados com a saúde e a alimentação, embora os dados sobre hábitos de vida durante a pandemia estejam ainda em atraso.

Agora, uma nova pesquisa mostra que as buscas por informações sobre diabetes em geral, incluindo prevenção, cuidados e sintomas, caíram nos dois últimos anos, coincidente com a pandemia.

O levantamento, feito pela SA365 Health+Life, apontou um crescimento nos últimos cinco anos de dados sobre diabetes na internet e nas redes sociais, com base em termos populares no Google Trends, postagens no Twitter, Facebook e Instagram e visualizações de vídeos no YouTube.

Porém, apesar de alguns períodos de alta procura, como nas datas próximas ao dia Mundial do Diabetes, em 14 de novembro, os anos de 2020 e 2021 registraram uma leve redução nas buscas em relação aos três anos anteriores.

"Esse leve decréscimo pode ser creditado à pandemia. Com a Covid-19 em evidência, as campanhas de conscientização para o diabetes foram deixadas de lado, assim como a procura dos pacientes por atendimento médico, com medo de contrair o coronavírus", diz Breno Soutto, responsável pela pesquisa, completando que a grande maioria das pessoas deixou de fazer exames de rotina no período.

A tendência de aumento que vinha se desenhando anteriormente, no entanto, deve aproximar as buscas agora aos níveis verificados antes da pandemia, principalmente considerando que os novos casos de diabetes em todo o mundo cresceram 16% nos últimos dois anos, de acordo com o Atlas Diabetes 2021.

No Brasil, país que ocupa a quinta posição de maior incidência da doença no mundo, há 16,8 milhões de adultos convivendo com a doença.

Segundo o estudo, cujo período analisado foi de agosto de 2016 a agosto de 2021, os assuntos que geram mais compartilhamento e engajamento em relação à doença são hábitos de alimentação e prática de exercícios físicos, rotina de cuidados, prevenção, incluindo diagnóstico, complicações e tratamento, sedentarismo e sobrepeso, consolo, troca de experiências e rede de apoio e tratamentos alternativos e aplicativos.

Foram ainda identificados oito perfis de usuários que procuram informações sobre diabetes no país: médicos, nutricionistas, fisioterapeutas, treinadores pessoais, pacientes, cuidadores, familiares e veículos de mídia tradicional.

Segundo Soutto, cada plataforma possui um tipo de conteúdo que gera mais engajamento, mas os médicos são os principais responsáveis por trazer educação e informação, tendo como o principal e mais influente o oncologista e colunista da Folha Drauzio Varella, somando mais de 2 milhões de visualizações em diferentes vídeos sobre o tema.

De acordo com dados do Google Trends, porém, os usuários não fazem uma distinção inicial entre os termos diabetes e diabetes mellitus, apontando que a procura por informações sobre a doença não é restrita apenas àqueles diagnosticados com a forma da doença de origem genética.

A análise da separação por tipo de diabetes aponta que há pouca diferença entre usuários que procuram termos como "diabetes tipo 1", "diabetes tipo 2" ou "diabetes tipo 3".

Para o epidemiologista e professor da Faculdade de Medicina da USP Paulo Lotufo, o impacto da pandemia em motivar busca por informações sobre diabetes, se houver, seria por eventual aumento do peso no período. "A única coisa que podemos especular seria o aumento de diabetes pelo aumento do peso [causado] pela redução da atividade física e maior ingestão de alimentos calóricos, principalmente ultraprocessados", diz.

Para Gabriel Laudares, analista de marketing e comunicação do SA365, uma das lacunas nos dados sobre diabetes encontradas pela pesquisa é de informação com validade, seja de empresas que atuam no ramo da saúde, seja de hospitais e laboratórios que fazem o diagnóstico.

"No contexto pandêmico, muitas pessoas podem ter descoberto serem pré-diabéticas, principalmente por causa da piora na alimentação e na prática de atividade física já constatadas durante o período, e essas pessoas buscam tomar alguma decisão mais norteadora sobre como agir, um terreno em que essas empresas podem ocupar", diz.

Segundo um estudo alemão publicado na revista da Sociedade Americana de Diabetes, a incidência de diabetes tipo 1 em crianças e adolescentes durante a pandemia, de 2020 a 2021, foi 15% maior do que a observada de 2011 a 2019.

Blocos desfilam no Rio sem autorização

Apesar de proibição, diversos cortejos têm saído pela cidade desde a noite de sexta (25) e autoridades se silenciam

Júlia Barbon e Ana Luiza Albuquerque

RIO DE JANEIRO Enquanto os blocos de rua clandestinos se espalham pelo Rio de Janeiro, as autoridades silenciam. Apesar da proibição, diversos grupos se reúnem e fazem a festa parados ou em movimento pela cidade desde a noite de sexta (25), mesmo observados por policiais e guardas municipais.

O clima é de improviso, com músicos que se juntam nas ruas e foliões circulando entre um bloco e outro, segundo informações nas redes sociais. Sem estrutura de banheiros, esquema especial de limpeza ou cadastramento de ambulantes, têm deixado as ruas da região central com lixo e xixi.

Apesar disso, o prefeito Eduardo Paes (PSD), que anunciou a proibição em janeiro após uma reunião junto aos organizadores formais dos blocos, não escreveu nem deu nenhuma declaração pública sobre o assunto.

Nesse período, ele usou sua conta no Twitter principalmente para falar sobre a greve que paralisa o sistema do BRT (corredores exclusivos de ônibus no município) e para compartilhar informações sobre a guerra na Ucrânia.

Na manhã deste domingo (27), enquanto um cortejo passava pelo Morro da Conceição, no bairro da Saúde, ele publicou uma foto de sua mesa de trabalho: "Bom dia! Bora trabalhar pelo Rio! Dormir é para os fracos. Bom domingo."

A Secretaria Municipal de Ordem Pública (Seop), responsável por monitorar o Carnaval e pela atuação da Guarda Municipal, também divulgou apenas imagens de patrulhamentos na orla da zona sul da cidade e em pontos turísticos.

Questionada sobre o motivo de não estar havendo dispersões, a pasta enviou vídeos e respondeu que "desmobilizou cinco blocos clandestinos entre ontem e hoje. A Seop destaca que as fiscalizações têm sido feitas com base na conscientização e no diálogo".

O governador Cláudio Castro (PL), a quem a Polícia Militar está subordinada, tampouco falou sobre a folia. Sua última publicação no Twitter foi na sexta-feira, também sobre a guerra na Ucrânia. No Instagram, postou sobre a tragédia das chuvas em Petrópolis.

Procurada, a Polícia Militar apenas afirmou que "segue à disposição dos órgãos municipais para apoiar nas ações de ordenamento em todo o estado". A corporação disse no sábado (26) que mobilizou um efetivo extra de 8.760 policiais.

Na manhã daquele mesmo dia, a reportagem soube de ao menos duas ocasiões em que carros da corporação passaram com as sirenes ligadas e fizeram com que as pessoas se dispersassem.

Nas horas seguintes, porém, os grupos de foliões foram crescendo e se espalhando pela região, fazendo com que a fiscalização se limitasse à presença de viaturas e agentes nos entornos. Blocos parados também acontecem desde a noite de sexta.

Neste sábado, por exemplo, um desfile começou em frente ao prédio do 5º Batalhão da Polícia Militar, na praça da Harmonia. Antes da saída, um policial chegou a filmar a movimentação no local, com centenas de foliões fantasiados, mas não houve intervenção.

Pela noite, após a passagem dos cortejos, o cenário nas ruas era de muitas garrafas e latas no chão e poças de urina nos cantos dos edifícios. Procurada, a Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) afirmou que não montou operação especial para o Carnaval.

"Na eventualidade de foliões e blocos não autorizados ocuparem ruas, a Comlurb realiza a limpeza normalmente, uma vez que a companhia está sempre preparada para qualquer situação relacionada à limpeza urbana na cidade", respondeu.

Folionas aproveitam bloco na região central do Rio; secretário Brenno Carnevale (Ordem Pública) afirmou que atuação está pautada por 'conscientização e diálogo' Eduardo Anizelli/Folhapress

Bloco reúne fantasiados na Pedra do Sal, também na região central do Rio; gestão municipal diz que desmobilizou cinco blocos clandestinos entre ontem e hoje Eduardo Anizelli - 26.fev.22/Folhapress

Como não há uma organização prévia, músicos se juntam e, na base do boca a boca, mais gente vai chegando. É comum que os desfiles que começam num lugar se "desmembrem" em mais de um trajeto, arrastando mais pessoas que migram de um cortejo para outro.

Neste domingo, o bloco que percorre o Morro da Conceição também chegou a ter a presença de uma equipe grande com cães e cassetetes, mas sem ocorrências. É comum que os músicos parem de tocar quando a viatura passa e, logo depois, o som volte.

"Festa privada — só vacinado", dizia um estandarte roxo no meio da multidão que tomava as ladeiras fantasiada e coberta de glitter, ironizando a permissão de eventos privados. Ele também passou em frente a um prédio do Ministério da Guerra, observado por militares.

As únicas regras impostas pelo prefeito Eduardo Paes são: uso de máscara em local fechado (teoricamente com multa de R$ 621) e a apresentação de comprovante de vacinação, o que muitas vezes não tem sido cumprido.

As multas para empresas organizadoras das festas que eventualmente não exigiram o passaporte de imunização variaram entre R$ 3.105 e R$ 6.210 neste início de ano, segundo o município.

O secretário Brenno Carnevale (Ordem Pública) disse nesta sexta à reportagem que não havia previsão de multa para participantes em blocos clandestinos. Porém, se organizadores fossem identificados, afirmou, poderiam sofrer multa administrativa de cerca de R$ 1.000.

No sábado, o secretário reiterou que os cortejos na rua não estão permitidos, ainda que parados. "No entanto, nossa atuação está pautada mais pela conscientização e pelo diálogo", disse.

Sem desfile, Vai-Vai aposta em ensaio turbinado

Isabella Menon

SÃO PAULO Em meio à pandemia de Covid-19, os desfiles das escolas de samba foram adiados para abril. Porém, isso não significa que as quadras tenham ficado às moscas no feriado oficial do Carnaval.

A Vai-Vai, neste domingo (27), recebeu a Leandro de Itaquera, que a escola considera sua "coirmã", para um "ensaio turbinado" na Sé, região central de São Paulo.

Sem sede e com uma nova quadra em construção, a Vai-Vai utiliza a sede do Sindicato dos Bancos para seus ensaios.

A realização de eventos fechados é autorizada pela prefeitura, desde que sejam cumpridos protocolos de segurança, como comprovante da vacina, 70% da ocupação e uso de máscara em todos os momentos que as pessoas não estiverem se alimentando.

Houve controle do comprovante do imunizante na entrada, e funcionários da escola solicitaram que os presentes usassem máscaras.

Assim como em outros eventos que a reportagem esteve presente, a máscara é a medida mais difícil de ser seguida nos eventos. Durante o ensaio, não eram todos que utilizavam o equipamento, porém, no início, havia mais gente com a máscara do que em outros eventos.

Foliões curtem o domingo de Carnaval na Vai-Vai, que se uniu à Leandro de Itaquera para a festa fechada Rivaldo Gomes/Folhapress

Procurada, a assessoria de imprensa da escola admite que o controle do uso de máscara é difícil, uma vez que as pessoas sentem calor quando tocam e dançam.

O formato do evento com a participação de outras escolas tem acontecido desde o início de fevereiro. A Vai-Vai explica que esta é uma forma de garantir maior número de presentes e, consequentemente, um lucro também superior.

Para entrar, o ingresso custava R$ 15 e um quilo de alimento não perecível. A expectativa para este domingo era de receber pelo menos 500 pessoas neste ensaio.

Escolas de samba do Rio barram a Folha em eventos

RIO DE JANEIRO Escolas de samba barraram a Folha em eventos de Carnaval após reportagem publicada no sábado (26) ter apontado que, no baile da Mangueira, de oito pessoas consultadas, sete disseram que não mostraram o comprovante de vacinação.

No mesmo dia, a Viradouro e o Salgueiro proibiram o credenciamento do jornal em eventos em suas quadras durante o feriado.

A assessoria de imprensa da Mangueira afirmou que o comprovante estava sendo cobrado. "Esta é a determinação da escola."

MORTES

colunaobituario@grupofolha.com.br

Foi empresário, escritor e defensor da cultura amazonense

SAUL BENCHIMOL (1934-2022)

SÃO PAULO Um homem com tato para negócios, disposição para vida acadêmica e amante da cultura amazonense. Com o mundo à sua disposição, escolhia sempre sua terra natal.

Saul Benchimol nasceu em Manaus (AM), em 1934, e se formou em direito na Universidade do Amazonas.

Após a graduação, concluiu o mestrado na Universidade do Novo México, nos Estados Unidos, por meio do Fulbright, programa de intercâmbio patrocinado pelo governo americano. Fez ainda pós-graduação em economia em Yale, também nos EUA.

No país, conheceu a americana Rosalie Esther Benchimol, natural de Nova York. Com ela viria a se casar numa sinagoga em Las Vegas. Tiveram quatro filhos.

De volta ao Brasil, além de advogado, tornou-se empresário. Ao lado dos irmãos, fundou a empresa de varejo Bemol e a Fogás, conhecida por vender gás de cozinha em diferentes estados.

Bem-sucedido nos negócios, atuou ainda como professor universitário por 36 anos. Foi fundador do curso de ciências econômicas, administração e ciências contábeis da Ufam (Universidade Federal do Amazonas).

Lecionou na Faculdade de Ciências Contábeis, rebatizada de Faculdade de Estudos Sociais. Foi diretor da unidade em 1964 e 1965.

Foi também fundador do Clube da Madrugada, associação artística e literária criada em Manaus na década de 50. O grupo organizava exposições, feiras de arte, festivais culturais e de cinema, com o objetivo de aproximar a arte da população. Além de Benchimol, entre os integrantes estavam Humberto Paiva e Luiz Bacellar.

Falava sempre que o conhecimento só tinha valor se pudesse ser dividido, pois, assim, era multiplicado. Entre os livros publicados está "A Saga de um Judeu na Amazônia", lançado em 2011.

Benchimol era um amante da Amazônia. Conhecia a geografia e a cultura local. Seus pratos favoritos envolviam peixes da região como tambaqui, pirarucu, tucunaré e jaraqui. Era fissurado pelo lazer amazônico que envolve as águas dos rios. Praticava a pesca esportiva desde a década de 1960.

"Ele era apaixonado por absolutamente tudo de Amazônia. Uma paixão por árvores, por coloração de árvores, por geografia da Amazônia. Simplesmente gostava", conta o filho Jonathan Saul Benchimol.

Saul Benchimol morreu no dia 13 de fevereiro de 2022, aos 87 anos. Ele deixa a esposa, os filhos Débora, Jonathan, Ari, Benjamim e Michelle, dez netos e três bisnetos.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo
tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (até 15h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Por que a guerra?

Parece que sem destruir não conseguimos brigar por alianças e identidade

Maria Homem
Psicanalista e ensaísta, com pós-graduação pela Universidade de Paris 8 e FFLCH-USP. Autora de "Lupa da Alma" e "Coisa de Menina?"

Uma vez a humanidade assistiu atônita a um grande massacre de corpos e coisas. Assistiu porque tinha ferramentas melhores para assistir e matou porque tinha tecnologia melhor para matar. Ela tinha inventado a fotografia e depois o cinema para ampliar seu olho e sua memória. E tinha criado aviões, tanques, submarinos e inéditos gases tóxicos para dizimar mais. Por ar, terra e mar. Pasmem, o nome do jogo era "corrida armamentista". Imagens traziam para dentro das casas pedaços de braços, pernas, troncos e crânios esbugalhados.

O horror da Primeira Grande Guerra foi tal que se pensou: não é possível que tenhamos, nós, seres tão inteligentes, feito uma coisa tão estúpida. Vamos refazer o pacto social, somos uma só espécie humana num único planeta. Formou-se assim, em 1919, a Liga das Nações (base da ONU). Vamos pensar melhor como viver menos mal com todos os outros? A Liga criou em 1922 a Comissão Internacional de Cooperação Intelectual (matriz da Unesco). [Um século depois, neste clima anticooperação, antiintelecto, anticivilização, sento e choro.]

A Comissão chama Einstein para debater um tema relevante para o mundo. Einstein convida Freud para refletir sobre a paz e a guerra e assim dois dos maiores gênios da época trocam cartas que foram publicadas com o título deste coluna.

Einstein elenca uma série de pontos "lógicos" para que nos organizemos em nossas demandas e saibamos negociar com o outro com método. Quem sabe no futuro com algum algoritmo a formular o acordo menos doido para todas as partes.

Freud é mais cético. Ele já tinha teorizado a pulsão de morte e sabe que, grosso modo, civilização é impulso e recalque e, portanto, mal-estar. Mesmo assim, termina sua troca com Einstein se perguntando sobre a possibilidade de encaminhar conflitos e pulsões — tanto destrutivos quanto eróticos e massificantes — pelo simbólico e não pela força. "E quanto tempo teremos que esperar até que o restante da humanidade também se torne pacifista?"

Era 1932 e sabemos o resto da história. Freud conseguiu escapar de sua Viena em 1938 para morrer em Londres e os parentes foram pros campos de extermínio. Einstein e outros grandes cérebros trabalharam direta ou indiretamente para a bomba atômica. O mundo se devastou mais uma vez, numa carnificina ainda pior e com requintes de desvario mental.

Hoje, seja por dinheiro, território, reposicionamento no grupo (nome técnico: geopolítica), por narcisismo grandioso ou ressentimento, a guerra bate à porta. Parece que sem destruir não conseguimos brigar por dinheiro, território, alianças e identidade.

E continuamos evoluindo nas técnicas de destruição. Mas também nas ciências psíquicas. Sabemos que a ambivalência é estrutural e que os conflitos internos são angustiantes: é difícil amar e odiar ao mesmo tempo uma coisa. A gente inveja e odeia o "Ocidente". Faz discursos a favor da nossa tradição enquanto passeia de iate, compra bolsa e manda os filhos estudar fora, tudo no famoso Ocidente. Ou sonha esse sonho proibido e inatingível. A melhor estratégia é expulsar de si uma dessas partes, demonizá-la e odiar até matar.

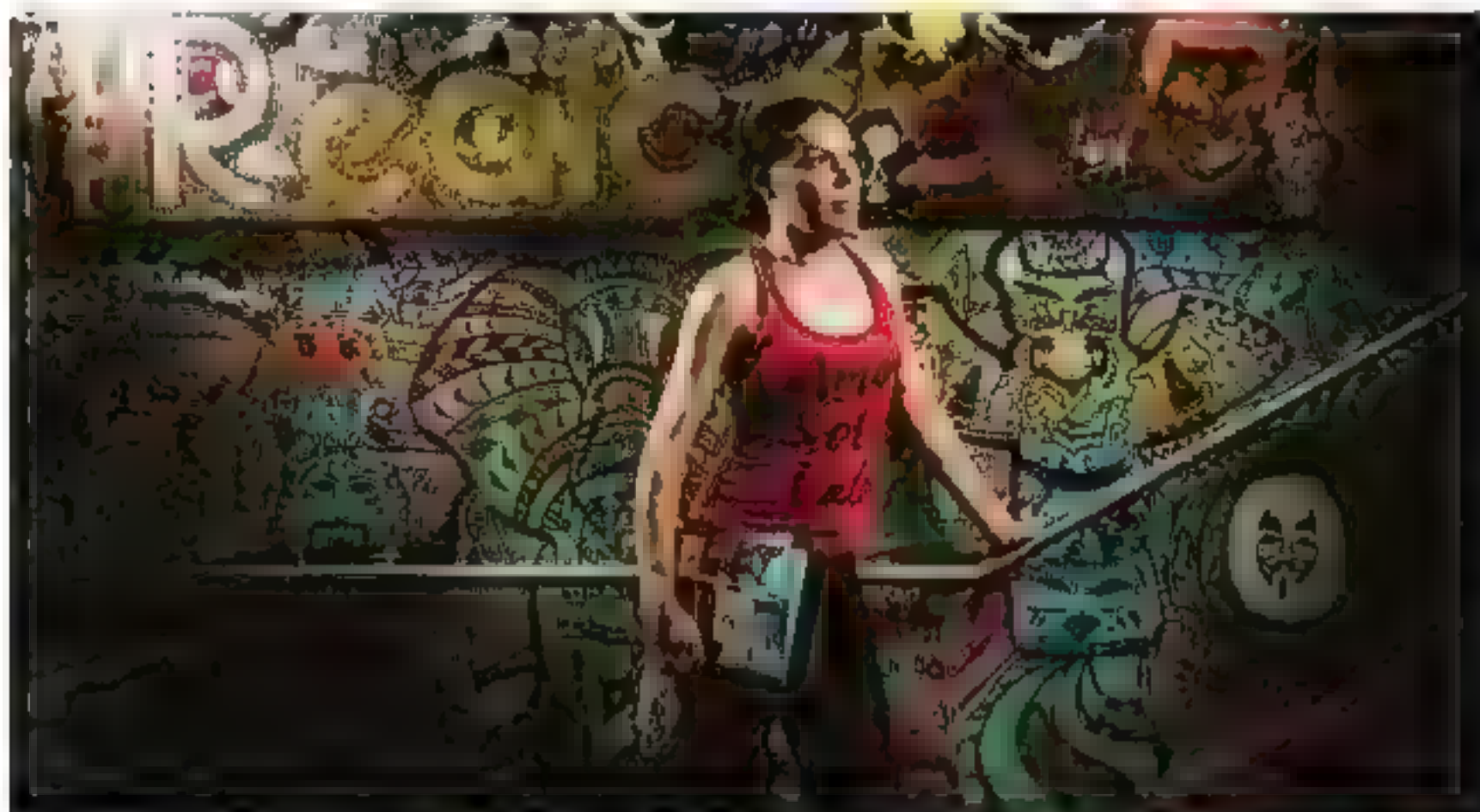
Sabemos que nossa cultura aprofunda o gozo do olhar, tanto na via exibicionista quanto na voyeurista, até a obscena na literal palma da mão de um smartphone, muito inteligente.

Sabemos também que as narrativas falicas — Grande Mãe tal ou Great Nação tal ou Grupo Eleito tal — são construções imaginárias para fazer a maioria trabalhar e morrer para o lucro de alguns. A maioria chama povo, e "alguns" chama elite e o esquema chama nacionalismo, ou imperialismo, a depender da trama.

Sabemos também que está ficando cada vez mais difícil enganar pessoas, sobretudo jovens, para entrar nessa roubada.

Quanto tempo teremos que esperar?

Muito.

DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sergio Rodrigues | SEX. Tab Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Natasha de Jesus, 36, que voltou a estudar, afirma que não sofre preconceito de colegas por ser mulher trans Keiny Andrade/Folhapress

Incêndio em resort paulista começou após uso de fogos

SÃO PAULO A Polícia Civil de Cesário Lange, no interior de São Paulo, já tem conhecimento de que foram utilizados fogos de artifício durante uma apresentação musical no Mavsa Resort, no último dia 21. Logo após o efeito pirotécnico, um incêndio tomou um dos ambientes do empreendimento, deixando ao menos 16 pessoas feridas.

O uso de fogos de artifício foi confirmado por pessoas que prestaram depoimento à polícia. "[Os bailarinos] informaram que o fogo começou logo após o acionamento da pirotecnia", afirmou à Folha o delegado Silvan Renosto, titular da Delegacia de Cesário Lange.

O fogo teve início no espaço conhecido como Dragon Bar. A área ficou destruída.

A **Folha** havia questionado o Mavsa Resort na quarta (23) sobre o possível uso de fogos no local. A assessoria de imprensa escreveu que aguardaria a perícia.

"Nossa prioridade agora é a saúde das pessoas que estão hospitalizadas, então estamos direcionando toda a nossa energia e todos os nossos esforços a eles", acrescentou. Procurada novamente na sexta (25), o Mavsa Resort não respondeu.

O próximo passo da polícia é ouvir os responsáveis por instalar e manusear os dispositivos. **Paulo Eduardo Dias**

SP amplia ações em escolas para proteger alunos trans

Estado faz mapeamento de nome social e oferece atendimento psicológico

VIDA PÚBLICA

Tatiana Cavalcanti

SÃO PAULO Quando decidiu assumir-se mulher trans, aos 13 anos, a estudante Jasmine Silva Correa, hoje com 17, não enfrentou preconceito dos colegas de sala de aula. "Naquele momento, não ouvi piadinhas e nem sofri bullying", conta a aluna do terceiro ano do ensino médio da escola estadual Professor Clodomil Cardoso, que fica em Iguape (SP).

Isso se deve, diz, à abordagem da instituição de ensino sobre o tema, que se naturaliza quando colocado em discussão. "A escola tinha falado tanto que os alunos já perceberam que bullying não é uma coisa legal de fazer com uma trans e nem com ninguém."

Reconhecendo a importância do debate dentro da escola, o Governo de São Paulo decidiu definir uma política pública voltada a alunos LGBTQIA+ ampliando o Conviva SP, programa criado em 2019 que busca identificar vulnerabilidades em cada unidade escolar para a implementação do método de Melhoria de Convivência, além de atrelar ações proativas de segurança.

A iniciativa teve início no último dia 14 em uma escola de Mogi das Cruzes, em reunião que contou com a primeira diretora trans da rede estadual, Paula Beatriz, com a deputada Erica Malunguinho (PSOL), que é mulher trans, e com representantes da Apeoesp (sindicato dos professores do estado) e do Fórum LGBT de Mogi das Cruzes, além de psicólogos e diretores.

"O jovem atualmente, seja por sua orientação sexual ou pela sua identidade de gênero, se reconhece cada vez mais cedo. E a escola precisa aprender a tratar esse estudante, desde o uso correto do pronome até a inclusão no programa pedagógico de forma igualitária", explica Henrique Pimentel, chefe de gabinete da Seduc-SP (Secretaria da Educação do Estado).

Entre as ações, há um projeto voltado para a formação continuada de todos os 240 mil profissionais de educação referente às questões de sexualidade e identidade de gênero, além da continuação do mapeamento do nome social.

Alunos transexuais e travestis da rede estadual ganharam o direito de usar o nome social em 2015.

Natasha de Jesus, 36, passou a usar seu nome social no seu retorno à escola, em 2021. Ela, que ficou quase 15 anos afastada das aulas por receio do preconceito, agora é aluna do último ano do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Lá, encontrou um ambiente bem diferente daquele de quando abandonou os estudos, em 2007.

"Quando comecei a minha transição, abandonei a escola na 7ª série porque não havia respeito. Trabalhei como profissional do sexo por quase 30 anos para sobreviver, mas isso é passado", afirma a estudante que, após concluir o ensino médio, pretende ser técnica em enfermagem.

Natasha diz que teve receio de voltar a estudar e ser hostilizada em meio a tantos adolescentes. "Mas foi o contrário, todos os meus colegas foram acolhedores. Temos até grupos de estudo", conta a primeira aluna transgênero da escola estadual Professor Fidelino Figueiredo, em Santa Cecília, centro de São Paulo.

"Sou respeitada, sou chamada pelo meu nome social e uso o banheiro feminino."

Nem sempre alunos e alunas transgêneros conseguem ter suas integridades física e psicológica garantidas.

No dia 9 de fevereiro, uma estudante trans de uma escola em Mogi das Cruzes, a mesma do evento promovido pelo governo, ficou ferida após apanhar de outros alunos em uma briga generalizada. Vídeo da agressão viralizou e deixou a aluna ainda mais exposta.

Pimentel diz que um trabalho de atendimento psicológico foi realizado com a vítima e com os agressores. Ela está em casa tendo aulas virtuais, enquanto decide se quer voltar a estudar naquela escola. Já os alunos envolvidos na briga foram suspensos, mas já estão de volta à escola.

> O jovem atualmente, seja por sua orientação sexual ou pela sua identidade de gênero, se reconhece cada vez mais cedo. E a escola precisa aprender a tratar esse estudante
>
> **Henrique Pimentel**
> chefe de gabinete da Secretaria da Educação do Estado

Condomínio de luxo em Paraty limita passagem de caiçaras

Após acordo que desagradou, lideranças locais tentam apostar no diálogo

Isabella Menon e Henrique Santana

PARATY (RJ) Buracos cavados a mando do condomínio Laranjeiras nas proximidades do empreendimento, uma das áreas mais cobiçadas do circuito de luxo da Costa Verde em Paraty, viraram mais um capítulo de brigas na tensa relação entre a administração do local e os vizinhos caiçaras.

A ação, dizem moradores, tinha como objetivo impedir que pessoas estacionassem nas ruas da comunidade de Vila Oratório, que faz fronteira com o empreendimento.

O problema é que trabalhar como flanelinha é uma das fontes de renda para muitos caiçaras e não demorou para que a obra culminasse em uma briga, que terminou em agressão física e processo.

O condomínio nega que o objetivo fosse prejudicar e diz que a briga foi um caso isolado em que o síndico foi agredido. Além disso, explica que a obra acontecia em uma área que pertence ao empreendimento e que pessoas queriam utilizá-la sem autorização.

O desentendimento entre as comunidades tradicionais e o condomínio se arrasta há pelo menos 40 anos. A relação é marcada por constrangimentos, ameaças, dependência e restrições de passagem.

A área do empreendimento foi comprada por duas multinacionais, a Brascan e a Adela, em 1972. Um ano antes, havia sido criado o Parque Nacional da Serra da Bocaina, área de preservação entre Rio Janeiro e São Paulo.

Na época, a área que corresponde ao luxuoso condomínio fazia parte do parque. Mas, pouco após a compra do terreno, o presidente na época, Emílio Médici, assinou um decreto que excluiu 30 mil hectares da reserva — dentro desta área está o condomínio, que ocupa 1.130 hectares, sendo 80% de matas protegidas.

Quando as incorporadoras chegaram, nos anos 1970, cerca de 20 famílias de caiçaras viviam em casas de sapê. Elas foram transferidas mediante uma indenização para o terreno em frente a uma das entradas do condomínio, criando assim a Vila Oratório. Mas o clima não era pacífico.

Adriana Mattoso, ex-consultora da ONG SOS Mata Atlântica, dirigiu o documentário "Vento Contra" (1981), sobre a região. Nele, há relatos de que as empresas ameaçavam e pressionavam os moradores a aceitarem a indenização de 20 mil cruzeiros e uma casa com o argumento de que suas antigas residências poderiam ser explodidas.

Barcos na praia do Sono; comunidade depende do turismo e trava conflito com o condomínio Laranjeiras há décadas por passagem Henrique Santana/Folhapress

A transferência dos caiçaras deu lugar ao empreendimento que inclui helipontos, campo de golfe, quadras de tênis, iates, lanchas e mansões.

Pelos cálculos de Zuca Monteiro, corretor do condomínio e também condômino, cada lote pode ter até 500 m². O valor dos imóveis vai de R$ 4 milhões a R$ 28 milhões.

Hoje, o maior problema entre os caiçaras é a restrição da passagem. Condôminos, funcionários e moradores da Vila Oratório podem passar no condomínio a pé para acessar as praias. Mas quem vive mais afastado nas praias do Sono e Ponta Negra, cuja principal fonte de renda é o turismo, não.

Essas comunidades dependem da travessia para chegar até o ponto de ônibus.

Para estes caiçaras e turistas só resta pegar uma van que faz o trajeto entre a marina do condomínio e o ponto de ônibus, das 8h às 18h. Para chegar até a van, a maioria faz o trajeto via lanchas, que dura, em média, de 15 a 25 minutos — há também uma trilha, mas o acesso é difícil para quem precisa carregar malas ou compras do mercado.

Os conflitos pioraram no início dos anos 2000. Em 2009 líderes das comunidades protestaram durante a Flip (Festa Literária Internacional de Paraty). Na época, Chico Buarque endossou a causa.

No mesmo ano, lideranças entraram com processo para tentar resolver a questão no MPF (Ministério Público Federal). Em 2016, um acordo foi firmado, porém, sem a concordância das comunidades, que avaliaram que ele foi feito de forma arbitrária entre a procuradora da época, Monique Cheker, que atuou em Angra dos Reis, e o condomínio.

"Se esse acordo fosse cumprido exatamente como ele foi redigido, os conflitos diminuiriam", afirma Cheker. Ela diz que sugeriu a criação de comissões para o monitoramento das cláusulas.

No acordo, o condomínio se comprometeu a fazer o transporte de passageiros até um cais dentro da propriedade. Porém os problemas não foram cessados e, 11 dias após o acerto, uma moradora da praia do Sono foi processada por andar a pé dentro da área.

Igor Miranda da Silva, o procurador que ocupou o posto de Cheker, pediu anulação do acordo em 2018, sob o entendimento de que ele não solucionou o problema. A ação tramita na Justiça. "Ao invés de auxiliar no cumprimento do acordo, optou-se por ajuizar uma nova medida judicial para resolver um conflito que é social", critica Cheker.

Ao menos 24 caiçaras respondem a processos por terem caminhado dentro do condomínio. Jardson dos Santos, liderança da praia do Sono, tem duas ações, de 2015 e de 2016. Para ele, o processo é uma forma de coação. "É uma liberdade vigiada", diz. "Teve uma época que revistavam até as bolsas das mulheres."

As associações de moradores agora apostam no diálogo. "Não queremos brigar", diz Cauê Villela, presidente da associação de moradores de Ponta Negra. Ele diz que o único interesse das comunidades com o empreendimento é a passagem. "Eu não quero ir na casa deles. Eu quero ir à cidade comprar mantimento, ir numa consulta médica ou fazer um curso."

"O empreendimento foi construído sem levarem em consideração as outras comunidades", diz Villela. "Grande parte do PIB brasileiro está ali. É uma Beverly Hills de um lado e, do outro, temos famílias que não têm banheiro."

> Grande parte do PIB brasileiro está ali. É uma Beverly Hills de um lado e do outro, temos famílias que não têm banheiro
>
> **Cauê Villela**
> presidente da associação de moradores de Ponta Negra

As comunidades sofrem com falta de estrutura. Há meses chegou a internet na praia em que Cauê vive. A energia elétrica veio em 2017.

Procurado, o condomínio Laranjeiras diz ter consciência do papel de empregador para uma "região carente de oportunidades". Ao todo, o complexo gera 1.300 empregos, sendo 44% ocupados por residentes da APA de Cairuçu (Área de Proteção Ambiental), localizada em Paraty.

Sobre a passagem, o condomínio diz que é uma propriedade privada e, por isso, "não há previsão legal de autorização de ingresso de pessoas não autorizadas". "Suas áreas internas lhe pertencem, tal como se fossem áreas comuns de um edifício de apartamentos", informa.

O empreendimento cita o acordo e diz que os horários e características dos veículos de transporte nele firmados são "rigorosamente cumpridos pelo condomínio".

A prefeitura de Paraty diz que, para mediar os conflitos, tem a Subsecretaria de Povos Tradicionais, que faz a interlocução com as comunidades.

Hoje, existe uma discussão sobre a possibilidade de uma estrada que chegue até a praia do Sono. Há quem enxergue que ela facilitaria o acesso e cessaria o conflito com o condomínio. Porém, existe o receio de que as praias sofram com pressão imobiliária. "Ninguém tem estrutura ou dinheiro para concorrer com um cara grande e rico", diz Leila da Conceição, liderança local.

esporte

ESPORTE AO VIVO
Água Santa x São Paulo Paulista, YouTube | **Atalanta x Sampdoria** Italiano, ESPN | **Uberlândia x Guarulhos** Superliga masc. de vôlei, SporTV 2

Ex-diarista muda de vida como a 'menina do xadrez'

Após Mundial, Cibele Florêncio conseguiu novo emprego e bolsa em faculdade

Uirá Machado

SÃO PAULO Cibele Florêncio, 24, sempre foi chamada de Bele, mas no início do ano passou a ser "a menina do xadrez".

Foi consequência quase natural de uma fama inesperada após sua participação no Mundial de Xadrez, com jogos na Polônia de 26 a 30 de dezembro. "Nunca pensei que isso iria acontecer quando eu voltasse", diz Cibele.

"Isso" vai além do apelido. A moradora de Macaíba, cidade de 80 mil habitantes na região metropolitana de Natal, fazia faxina como diarista até o final de 2021.

Na última quarta-feira (23) começou um novo emprego na área de limpeza do Hospital Rio Grande, que também se tornou seu patrocinador.

Depois do Carnaval, frequentará a faculdade de educação física da Uninassau, que lhe deu uma bolsa de estudos.

E desde janeiro administra uma agenda de celebridade, cheia de eventos e entrevistas antes impensáveis para alguém tão tímida. "Tive que aprender a não ter vergonha."

Ela aprendeu a jogar aos 9 anos durante aulas obrigatórias na escola. Teve facilidade para entender o jogo, mas seu talento ficou um tempo escondido sob sua timidez.

Até que veio um torneio para garotas de sua idade. Cibele foi a Natal disputar sua primeira competição de xadrez. Terminou vice-campeã.

Se pudesse, teria se dedicado mais ao xadrez, mas era um hobby incompatível com sua vida. A mãe, vendedora de marmitas, e o padrasto, piscineiro, criaram sete filhos. O sonho só cabia na aula de uma hora.

Em 2014, o projeto de xadrez na escola terminou e Cibele passou a praticar por conta própria, às vezes sozinha, no celular. "Uma hora, uma hora e meia, quando dava. Eu era diarista, então era difícil."

Rotina de treinos irrisória se comparada com a de grandes jogadores, muitos deles com dedicação exclusiva ao xadrez e com cerca de 8 horas por dia de estudos intensivos.

Quando viu "O Gambito da Rainha", série de 2020 da Netflix, identificou-se. "A Beth Harmon é minha inspiração. Meu sonho é conhecer a atriz [Anya Taylor-Joy]", diz, referindo-se à protagonista, uma órfã que toma de assalto o mundo do xadrez na década de 1950.

Assim como Beth na série, Cibele teve dificuldade com a inscrição em torneios. A potiguar contou com Ana Lígia Dantas, 42, e André Borges, 44, seus patrões à época.

"Cibele trabalhava com a gente não fazia muito tempo, nos fins de semana. Um dia, um tio reconheceu Cibele como professora de xadrez numa comunidade carente. Chamou atenção", diz Ana Lígia.

Passadas algumas semanas, Cibele, já campeã estadual, superou a timidez e falou sobre a inscrição do Campeonato Brasileiro. Custava R$ 150, fora de seu alcance. Ana Lígia e André pagaram. E Cibele foi vice-campeã nacional, conquistando vaga no Mundial da Polônia. Inscrição (300 dólares), hospedagem e passagem por sua conta.

"A CBX [Confederação Brasileira de Xadrez] deu todo o apoio, mas temos poucos recursos", diz Máximo Macedo, presidente da entidade.

Cibele não tinha dinheiro e nem passaporte. Tampouco sabia outra língua. Nunca tinha saído do Nordeste. E tem um filho de cinco anos, que cria com a ajuda da mãe.

Com a ajuda de uma vaquinha, do apoio do Hospital Rio Grande e de Ana Lígia e André, a enxadrista viajou, mesmo com medo. "Mas sabia que podia mudar minha vida."

Cibele ficou entre as últimas, mas isso era o de menos. Agora, quer conseguir se dedicar apenas ao xadrez. Com rotina mais puxada, diz que, se conseguir comprar uma moto, já vai melhorar.

A potiguar Cibele Florêncio quer se dedicar mais ao xadrez enquanto trabalha em um hospital e cursa educação física Divulgação

Calor em Itaquera, pavor na Ucrânia

Como tudo é relativo, não há comparação entre sofrer na grama e fugir da guerra

Juca Kfouri
Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Surpreso com o ritmo do jogo entre Corinthians e Bragantino, sob o sol escaldante da manhã dominical em Itaquera, pensei nos jogadores brasileiros que tentam escapar dos horrores da guerra na Ucrânia.

Foram para lá com suas famílias em busca do conforto financeiro e hoje temem por suas vidas num conflito que não lhes diz respeito.

O autocrata Vladimir Putin não está nem aí para o sofrimento dos civis e os países da Otan tampouco, na insensata busca de cercar a Rússia com seus soldados e armas.

E tome bomba na cabeça.

Veio à minha lembrança o filme sueco "Minha vida de cachorro", que conta a história do menino Ingemar, de uns 12 anos, às voltas com drama familiar por causa de doença da mãe e que, para se confortar, compara a situação dele à da cachorrinha Laika, o primeiro ser vivo a orbitar a Terra num foguete russo, o Sputnik 2, lançado ao ar em 1957.

Laika era uma cadela vira-lata das ruas de Moscou que foi escolhida para o passeio sem volta.

Em momentos de maior desespero, afastado da mãe e do irmão, Ingemar filosofava ao ponderar que Laika estava em situação bem pior.

Guardadas as proporções é como comparar o padecimento dos 22 jogadores —que até fizeram disputa mais intensa e emocionante do que se poderia esperar em começo de temporada, um sol para cada atleta na zona leste paulistana—, com o terror vivido por quem quer atravessar as fronteiras ucranianas a pé, de trem, como for, no frio do leste europeu.

Lembro também de entrevista que fiz com Elano sobre a experiência dele ao trocar o Santos pelo Shakhtar Donetsk, em 2005, por cerca de 20 milhões de reais.

Donetsk, como é sabido, é uma das cidades separatistas da Ucrânia, por maior ligação com a Rússia, razão pela qual é alvo de atrocidades por parte do governo de extrema-direita ucraniano. Elano nem sequer tocou em qualquer tema político.

Seu drama pessoal e familiar passou por jamais se acostumar a jogar na neve, o congelamento dos pés, os cortes nos gramados cobertos por crostas de gelo e por situações prosaicas, como a vivida por sua mulher quando, logo ao chegar, abriu a torneira da cozinha e a água era fétida, fruto de um problema no encanamento e duras penas descoberto em língua desconhecida.

Ou quando, em rua coberta pela neve, ele com o carro do lado certo e preocupado em não se atrasar para o primeiro treino, se viu diante de um gigante ucraniano na contramão que exigia a abertura do caminho com ares pouco amigáveis.

"E o que você fez?", perguntei.

"Humilhado, dei marcha à ré e o deixei passar. Já bastava ter deixado minha mulher chorando em casa por causa da torneira", respondeu o meio-campista que defendeu a seleção brasileira na Copa do Mundo de 2010, se machucou e fez muita falta.

Depois da significativa vitória corintiana por 1 a 0, tanto seus jogadores quanto os do Bragantino foram para casa se hidratar, almoçar e descansar pelo resto do domingo.

Com um milhão de motivos para criticar a cartolagem impiedosa que lhes impinge tamanho despautério.

Nada que nem de perto se assemelhe ao que estão passando seus companheiros de profissão, mais de 10 mil quilômetros distantes do Brasil.

A pé, de trem, do jeito que der, à procura de segurança, de paz, de comida, fraldas, de seguir vivendo.

Ninguém merece tamanho sofrimento.

Só Putin, Biden etc.

DOM. Juca Kfouri, Tostão | SEG. Juca Kfouri, Paulo Vinicius Coelho | TER. Renata Mendonça QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri
SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo SÁB. Marina Izidro

PRANCHETA DO PVC

Paulo Vinicius Coelho
pranchetadopvc@gmail.com

O meu português é mais bonito que o seu

O melhor técnico do mundo é Guardiola, mas se houvesse uma nacionalidade de destaque neste momento seria a alemã. Os três últimos campeões da Champions League foram Jürgen Klopp, Hansi Flick e Thomas Tuchel.

Trazer alemães para o Brasil exigiria intérpretes. Inegável a contribuição que a escola portuguesa, formada a partir do Instituto Nacional de Educação Física, de Lisboa, e da Universidade do Porto, traz a este país do futebol.

Tanto que começam as disputas. Abel é melhor do que Jorge Jesus ou o inverso? Ou o melhor é Vítor Pereira?

Abel Ferreira falou bobagem ao reclamar que os comentaristas analisam seu trabalho, mas não têm cursos de técnicos. Em Portugal, a maioria também não tem.

Abel é diferente de Jorge Jesus e de Vítor Pereira, assim como, no passado, sabia-se que Luxemburgo e Felipão tinham suas qualidades e defeitos, cada um ao seu estilo.

Antes, acontecia o mesmo com Zagallo, Rubens Minelli e Telê Santana. A diferença é que, naquele período, discutia-se se Zico era melhor do que Sócrates ou do que Roberto Dinamite. E hoje o debate é sobre os treinadores, porque nossos maiores craques estão na Europa.

Vítor Pereira chega ao Corinthians com títulos no currículo em Portugal, China e Grécia. Seus trabalhos privilegiam o equilíbrio tático, com características de que prefere não abrir mão, como marcar por pressão pela maior parte do tempo possível.

Lembre-se de que Pereira deixou Jorge Jesus de joelhos, ao ajudar o Porto a vencer o Benfica na penúltima rodada do Campeonato Português de 2012/2013.

Aos benfiquistas, o troféu parecia ganho até perder o clássico no último lance.

Aquele Porto atuou num 4-3-2-1, com James Rodríguez e Varela um degrau atrás de Jackson Martínez. Vítor Pereira dirigia os atuais laterais da seleção brasileira, Danilo e Alex Sandro. De suas passagens recentes, não conseguiu sucesso no Fenerbahçe. Em crise política, o time turco teve seis técnicos nos últimos dois anos.

Jorge Jesus chegou ao Brasil credenciado por três títulos portugueses. Antes do Flamengo, seu time mais brilhante foi o Benfica de 2010. Quebrou a hegemonia do Porto, tetracampeão, sob o comando de Jesualdo Ferreira em três dos quatro títulos.

Jesualdo, um dos líderes da renovação e formação da nova geração de técnicos de Portugal, só durou 15 partidas no Santos. Passou quatro meses preso no Brasil, durante a pandemia, e foi demitido depois de duas derrotas no retorno do futebol.

Não adianta contratar bem e demitir para atender a pressão. Nesse caso, não vai dar certo nem com brasileiros, nem se o mister vier de Marte.

Abel Ferreira é o técnico do melhor ataque da história do Sporting Braga. Uma estratégia para cada partida, para explorar as deficiências dos adversários. Raphael Veiga já contou como Abel desenhou e treinou a jogada do primeiro gol da final da Libertadores.

Será a segunda vez na história em que três grandes paulistas serão dirigidos por estrangeiros. Em 1944, o São Paulo tinha o português Joreca, o Corinthians era dirigido pelo argentino Tiger e o Palmeiras pelo uruguaio Ventura Cambon.

O Porto de Pereira deixou Jesus de joelhos

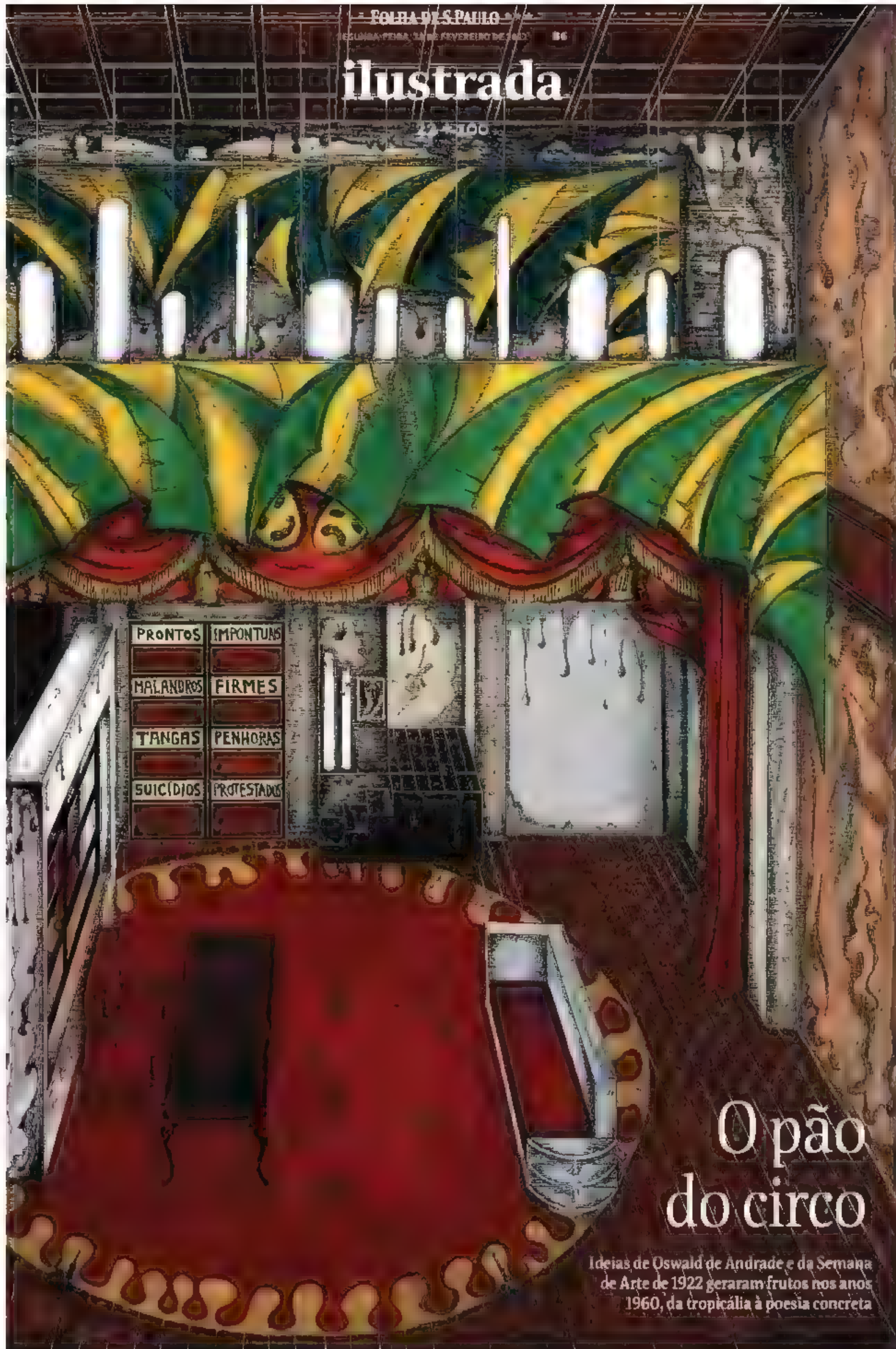
O melhor Benfica de Jorge Jesus

TRABALHO É ISSO

Jürgen Klopp já criticou a pressa das demissões no Brasil. Há tempos, ele constrói jogadas de ataque num desenho de 3-2-5 ou 2-3-5. A novidade contra o Chelsea, na conquista da Copa da Liga, foi a quantidade de variações num só jogo. Alexander-Arnold é meia, ponta, lateral... tudo!

ANOTAÇÕES

Vítor Pereira e seus assistentes passaram a manhã em Itaquera com um caderno e caneta, anotações de todos os tipos sobre o Corinthians, que não perdeu com Fernando Lázaro. Foram seis vitórias e um empate. Mas apenas dois desarmes no ataque, fruto de marcação por pressão.

Desenho de Helio Eichbauer para o cenário do segundo ato da peça 'O Rei da Vela', do Teatro Oficina Reprodução

O pão do circo

Ideias de Oswald de Andrade e da Semana de Arte de 1922 geraram frutos nos anos 1960, da tropicália à poesia concreta

João Perassolo

SÃO PAULO Na sua biografia, Caetano Veloso usa a expressão tratamento de choque para descrever como se sentiu ao descobrir, no final dos anos 1960, o "Manifesto da Poesia Pau-Brasil" e o "Manifesto Antropófago".

O cantor baiano havia entrado em contato com os textos de Oswald de Andrade na mesma época em que viu a encenação de "O Rei da Vela", peça do autor modernista desenterrada do ostracismo pelo Teatro Oficina mais de três décadas depois de escrita.

Mas não era só na música e no teatro daqueles primeiros anos de ditadura que a influência de Oswald, um dos mentores da Semana de Arte Moderna de 1922, que agora faz cem anos, seria sentida.

Sua escrita rápida e bem humorada, assim como seus poemas que punham ao lado da palavra desenhos e elementos visuais, foram grandes inspiradores da poesia concreta dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos. Ou seja, as vanguardas artísticas da década de 1960 reviveram com entusiasmo conceitos lançados pelo modernismo.

Oswald legou para a cultura brasileira a ideia de que era possível absorver e aproveitar elementos culturais estrangeiros de forma proveitosa, o que chamou de antropofagia, para criar a partir daí novos produtos culturais, com cor local.

Basta pensar na incorporação da guitarra elétrica pelos músicos do período — o instrumento típico do rock americano e britânico se fazia presente, por exemplo, nas faixas do disco-manifesto "Tropicália ou Panis et Circensis", de 1968.

"Talvez os músicos do tropicalismo tenham realizado mais radicalmente a proposta antropofágica do que os modernistas. A ideia da devoração de tudo aquilo que em princípio nos seria alheio ou estrangeiro para poder enriquecer nossa própria arte. É uma postura de abertura cosmopolita, de que não se trata de insistir no sentimento de brasilidade pelo fechamento a tudo que seria diferente do nacional", afirma Pedro Andrade, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, autor de livros publicados sobre o modernismo.

> **Talvez os músicos do tropicalismo tenham realizado mais radicalmente a proposta antropofágica do que os modernistas, a devoração do estrangeiro para enriquecer nossa arte**
>
> **Pedro Andrade**
> pesquisador

Segundo Pedro Andrade, foi a dimensão do humor e da ironia na obra de Oswald que conquistou os tropicalistas, e dessa forma o autor acabou sendo priorizado pela tropicália em detrimento, por exemplo, de Mário de Andrade, figura mais proeminente na Semana de Arte Moderna de 1922, porém com uma obra mais analítica.

Continua na pág. B7

O pão do circo

Continuação da pág. B6

A presença das ideias de Oswald era tão forte no fim da década de 1960, lembra o professor, que uma frase do seu "Manifesto Antropófago" "a alegria é a prova dos nove" foi usada na letra da música "Geleia Geral" escrita por Gilberto Gil e por Torquato Neto.

Um dos principais responsáveis por difundir a palavra de Oswald foi José Celso Martinez Corrêa. O diretor levou para o palco do Teatro Oficina, em 1967, uma montagem hoje clássica de "O Rei da Vela", a história em três atos de um agiota interessado em ascender socialmente que na verdade era um deboche da burguesia brasileira.

Zé Celso conta que "tudo tinha mudado" depois do golpe militar de 1964 e sua companhia estava à procura de um texto "que tivesse o espírito do tempo". O texto de Oswald, esquecido por 30 anos, respondia à altura.

"Aí é que tudo foi revelado. Eu fui até o filho mais velho do Oswald, que tinha um baú com toda a obra dele. Caí de cabeça e li tudo. Me apaixonei totalmente por Oswald de Andrade", afirma Zé Celso, acrescentando que acha o autor o maior filósofo brasileiro devido a seus livros e teses. O realizador diz também querer montar uma encenação de outro texto do modernista, "O Homem e o Cavalo", sobre a formação histórica da sociedade ocidental.

Olhando em retrospecto, pode parecer que havia uma combinação entre os artistas para criarem obras à luz das ideias de Oswald. Mas este não foi o caso, diz Frederico Coelho, autor do livro "A Semana Sem Fim", sobre os desdobramentos da Semana de 22.

"Não havia um plano dos tropicalistas para atualizarem a ideia de Brasil que havia na Semana de Arte Moderna. Porém, depois que eles começaram a fazer as ações que viriam a ser chamadas de tropicalismo, outras pessoas no campo da cultura foram mostrando a eles que aquilo tinha sim relação com o modernismo", diz.

Numa entrevista que deu para o poeta Augusto de Campos em 1968, registrada no livro "Balanço da Bossa e Outras Bossas", Caetano Veloso reconhece formalmente o vínculo entre as vanguardas, ao dizer que "o tropicalismo é um neoantropofagismo". Para o cantor, ocupado à época em quebrar tabus, Oswald tinha "a violência que eu gostaria de ter contra as coisas da estagnação, contra a seriedade".

Embora Oswald fosse a força dominante, outros personagens da Semana de 1922 davam as caras. No cinema, o épico "Macunaíma", de Mário de Andrade, virou um filme de Joaquim Pedro de Andrade. Glauber Rocha costumava usar como trilha sonora de seus longas composições de Heitor Villa-Lobos, provavelmente o músico mais lembrado do modernismo.

Rocha também filmou o velório e o enterro do pintor Emiliano Di Cavalcanti —um documentário disruptivo do ponto de vista formal e que teve sua exibição proibida por décadas, a pedido da filha do pintor, Elizabeth Di Cavalcanti.

O que esses filmes tinham em comum era uma busca pela ruptura, pela experimentação, numa tentativa dos realizadores de avançar a agenda artística —esta é outra semelhança dos anos 1960 com os modernos, talvez a mais óbvia. Isso só poderia se concretizar ao se olhar criticamente para o que já existia, diz Coelho.

"Tanto o modernismo quanto o tropicalismo foram movimentos que ganharam 'ismos'. São movimentos que pensam o Brasil de alguma forma nas suas contradições entre o erudito e o popular. Você não quer inventar uma ideia nacionalista de Brasil, mas você precisa repensar o Brasil."

Desenhos de Hélio Eichbauer para 'O Rei da Vela' Reprodução

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

João Cotta/Globo/Divulgação

Cenas do último show realizado pela cantora Elza Soares, morta no mês passado, aos 91 anos, serão exibidas na série documental "Elza & Mané — Amor em Linhas Tortas", que estreia no dia 4 de março no Globoplay. A obra começou a ser gravada no segundo semestre de 2021 e narra, em quatro episódios, a história do relacionamento da cantora com o jogador de futebol Garrincha. Na foto acima, Elza se prepara no bastidor de uma das três entrevistas exclusivas concedida ao esporte da Globo, que produziu o original para a plataforma. A direção é de Caroline Zilberman

DEDOS CRUZADOS

Os perfis de brasileiros nas redes sociais têm expressado, de forma quase uníssona, temor e apreensão com eventuais reações do presidente Jair Bolsonaro (PL) em relação à guerra entre Rússia e Ucrânia.

BOCA FECHADA Segundo levantamento realizado entre os dias 23 e 25 deste mês pela agência .MAP, a opinião pública tem pedido que Bolsonaro não se manifeste sobre o conflito, não tome partido do presidente da Rússia, Vladimir Putin, e tampouco envolva o Brasil na guerra.

PROTOCOLAR Sem criticar Putin diretamente ou responsabilizar a Rússia, Bolsonaro afirmou no sábado (26) que a posição do Brasil em defesa da soberania e integridade territorial de países sempre foi clara. E, mais uma vez, falou sobre os esforços para a retirada de brasileiros da Ucrânia.

ATENTOS O debate sobre a guerra ocupou 33% das 2,5 milhões de publicações captadas pela agência no período —o equivalente a 841 mil postagens. Desse universo, 65% das menções foram feitas por perfis não militantes.

PRESENÇA Já no recorte que considera usuários com posição política declarada, a direita tomou a dianteira, respondendo por 12% das publicações sobre Rússia e Ucrânia. Dentro do segmento, predominaram críticas ao vice-presidente da República, Hamilton Mourão, e a petistas.

AUSÊNCIA A esquerda, por sua vez, teve 4% de participação na discussão. O grupo tem comparado Jair Bolsonaro a Putin, repudiado a guerra e apresentado questionamentos sobre a possível alta nos preços dos combustíveis.

SOLIDÁRIO As manifestações de solidariedade em relação aos brasileiros residentes na Ucrânia somam 15% do volume de posts. Os usuários também demonstram preocupação sobre eventuais riscos nas relações comerciais entre países.

OLHO VIVO O cientista político e coordenador do Grupo de Pesquisa sobre Democracia e Desigualdades da UnB, Luis Felipe Miguel, vai lançar em abril o livro "Democracia na Periferia Capitalista". Editado pela Autêntica, o volume faz uma análise sobre crises institucionais em países com menor grau de desenvolvimento, em especial no Brasil.

VAMOS JUNTAS As deputadas federais Sâmia Bomfim (PSOL-SP) e Talíria Petrone (PSOL-RJ) e a ex-candidata à Vice-Presidência Manuela d'Ávila (PC do B) ingressaram com três ações na Justiça contra a deputada federal Carla Zambelli (União-SP).

NOS QUINTOS A ofensiva é motivada por uma publicação em que a parlamentar bolsonarista destacou declarações feitas por Bomfim, Petrone e d'Ávila celebrando a descriminalização do aborto na Colômbia. Na peça, as três aparecem com chifres e olhares diabólicos e são chamadas de "esquerda genocida".

OFENSA As três afirmam nas ações que a publicação de Zambelli representa um ato de violência política de gênero. "Quando uma deputada adota essa prática, o mínimo é responder pelos seus atos para que a impunidade não seja a regra", afirma Sâmia Bomfim. Nas redes da deputada do PSOL, alguns ataques chegaram a ser direcionados a seu filho, Hugo, de oito meses.

OLHAR O fotógrafo Ricardo Stuckert vai lançar, em 15 de março, o livro "Povos Originários: Guerreiros do Tempo" (Tordesilhas Livros). A obra traz histórias e fotografias de comunidades indígenas do Brasil visitadas pelo autor.

OLHAR 2 A publicação foi dividida em dez capítulos, cada um dedicado a uma etnia diferente. Em edição bilíngue, o volume ainda reúne textos escritos por antropólogos, sociólogos e líderes das próprias comunidades indígenas. "Eu queria deixar [registrada] a história desses povos que muita gente, até no Brasil, não conhece", diz.

VIAGEM A Ocupação Paulo Freire, do Itaú Cultural, será levada à unidade do Recife do Sesc de Pernambuco, terra natal do educador, no segundo semestre deste ano. A exposição também viajará para duas outras cidades do estado, que ainda serão definidas.

A mostra, que ficou em cartaz de setembro de 2021 a janeiro deste ano em São Paulo, teve o maior público da instituição na pandemia, com 50 mil visitantes.

DE CARA NOVA A Oficina Brennand, um dos cartões postais do Recife, vai passar por uma reformulação. Presidida por Marianna Brennand, a instituição sem fins lucrativos nomeará Julia Rebouças para a coordenação artística, Gleyce Kelly Heitor para educação e pesquisa e Ingrid Melo para a diretoria operacional e financeira.

com Bianka Vieira e Manoella Smith

Retrato de Oswald de Andrade, pintura de Tarsila do Amaral de 1923 pertencente ao acervo do Museu de Arte Brasileira Reprodução

Monótonos, diários de Oswald trazem opiniões levianas e luta contra dívidas

Volume alentado não acrescenta à qualidade do escritor e faz mal à mitologia libertária do homem

LIVROS

Diário Confessional

★★☆☆☆

Autor: Oswald de Andrade. Ed. Companhia das Letras. R$ 99,90 (560 págs.); R$ 39,90 (ebook)

Alcir Pécora

Professor titular de teoria literária da Unicamp

O alentado volume inédito do "Diário Confessional", de Oswald de Andrade, organizado pelo crítico Manuel da Costa Pinto, resulta da transcrição de seis cadernos manuscritos, produzidos entre 1948 e 1954, marcados por aflições intermináveis de dinheiro.

Junto delas, há anotações para a coluna "Telefonema", no Correio da Manhã, e a série "A Marcha das Utopias", escritas para o Estadão, em 1953, assim como projetos de dilatar as memórias, muito além de "Um Homem sem Profissão: Sob as Ordens de Mamãe".

Há ainda avaliações estéticas (em geral, duvidosas, como ver em Gustavo Corção o "maior romancista brasileiro do nosso tempo"; Tavares de Miranda, "realiza em poesia o que Clarice Lispector fez com a prosa"), e opiniões, frequentemente levianas ("foi mais uma fita da marginal para voltar à pauta, o 'suicídio' de Pagu").

No entanto, predomina mesmo no conjunto de anotações a exasperada "luta" de Oswald contra as dívidas sempre crescentes — a sua "angústia bancária" face aos problemas advindos da venda de terrenos do Sumaré; as obras de um prédio de apartamentos na rua Vitória; a hipoteca da casa de Maria Antonieta, sua mulher; a venda da coleção de quadros; o custo das viagens dos filhos pela Europa et cetera.

Em tudo, fica evidente a incompreensão de Oswald sobre a natureza dos negócios, os quais pretendia resolver de imediato, quase magicamente, contando, de uma parte, com os seus contatos nas altas rodas políticas e sociais — vale dizer, lidando com os mecanismos oligárquicos tradicionais do "favor" e mesmo tentando aplicar isso indiscriminadamente a Ademar de Barros ou a Getúlio Vargas—, e, de outra, tendo um impressionante "sentimento de império" no qual, como que por direito natural, cabia a ele ser, quiçá, "a maior fortuna de São Paulo".

Essa fantasia nostálgica e ressentida envenena as contas que faz, embaralhando tudo. Vai da autocomiseração ("ninguém quer saber de mim") a declarações excitadas (para não dizer logo xenófobas, como os negociantes — a "turcaiada", a "italianada", a "judiaria" — o deixavam sem nada).

E, se lidava com dinheiro com modos de senhor traído pelos tempos, não admira que visse a própria família, alojada em apartamentos com aluguéis atrasados, com ares anacrônicos de casa-grande.

É o que existe residualmente quando menciona a "negrinha" que cuidava dos filhos de "cabecinhas loiras", ou os negros "que faziam cara feia", por "inveja da visita" que os patrões, a bordo de um Oldsmobile, faziam à "família da pajem". Daí também que o chorrilho de lamentações não garanta a empatia do leitor de hoje, muito mais sensível aos implícitos dos usos desses termos.

Na azáfama de planos de ocasião, tudo o trai e machuca, e não poucas vezes Oswald afirma chorar por não ser capaz de legar "aos seus" o mesmo que herdara dos pais.

E, conforme se acumulam as dívidas, crescem tanto a hipocondria como as doenças reais, o pânico, a depressão. De resto, curiosamente, Oswald associa os maus resultados menos ao seu óbvio mau jeito com as finanças, do que à "caguira" e "encaiporamento" do azar contra ele.

O volume traz ainda dois outros conjuntos de escritos inacabados, "A Antropofagia como Visão de Mundo", de 1930, e "Semana de 22, Trinta Anos". Não me parece que a companhia volumosa das lamúrias do diário traga a eles algum ganho interpretativo, ao contrário. Talvez fossem mais valorizados se editados, respectivamente, com outras versões das teses antropofágicas —como aquela editada por Maria Eugenia Boaventura no volume "Estética e Política", o próprio manifesto etc.— e com diversos outros escritos de Oswald sobre a Semana.

Confesso ter achado difícil suportar a leitura dos diários, tanto pelo que há neles de monótono e repetitivo, como pelo que há de alusivo e genérico. O próprio Oswald percebe isso, quando escreve que "este diário precisa ser completamente remanipulado, reescrito, senão não tem sentido nenhum, relendo-o, vi isso".

Fico me perguntando se, de fato, valia a pena publicar essas anotações e me lembrei da discussão acirrada que se fez, em Portugal, a propósito da sangria de publicações do baú de Fernando Pessoa.

Para a qualidade do escritor, é certo que o diário nada acrescenta; para o homem, e sua mitologia libertária, é certo que faz mal. Mas talvez, por isso mesmo, valha a publicação, desde que não se passe sem mediações das memórias rascunhadas à obra literária édita, que segue tendo interesse em seu experimentalismo linguístico e humorismo sagaz.

Pinturas 'Pupo' e 'Jefa', ambas do artista argentino Alejandro Xul Solar, destaque da produção daquele país nos anos 1920 Google Arts and Culture/Reprodução e Fundación Pan Klub/Museo Xul Solar/Reprodução

Arte na América hispânica fervia nos anos 1920

Países latinos viviam clima criativo, sob influência das vanguardas, enquanto Brasil fazia a Semana de Arte Moderna

Sylvia Colombo

BUENOS AIRES Enquanto no Brasil ocorria a Semana de Arte Moderna, corria na América Latina um clima de efervescência criativa que podia ser observado em quase todos os países. Os anos 1920 foram os das vanguardas artísticas, que trouxeram novidades às culturas de cada país e estavam intimamente conectadas em suas origens e na troca de experiências e contatos entre os artistas.

De um modo geral, essas vanguardas surgiram como reflexo das importantes mudanças sociais marcadas por eventos como a Primeira Guerra Mundial, que ocorreu entre 1914 e 1918, e a revolução socialista de 1917 seguida da criação da União Soviética. A ideia geral era romper com a forma e o conteúdo tradicional da arte clássica, usar distintas técnicas de criação numa arte legitimamente nacional.

"Os artistas dos anos 1920 da América Latina tinham como referência as transformações que ocorriam em Paris e na Alemanha, em menor medida na Espanha e nos Estados Unidos. E aqui no sul alguns desses artistas funcionavam como antenas, escrevendo, lendo e consumindo revistas vanguardistas de vários países, como o peruano José Carlos Mariátegui e o brasileiro Mario de Andrade" diz Jorge Schwartz, professor aposentado de literatura hispano-americana da Universidade de São Paulo.

Em dezembro de 1921, um manifesto surgiu nas paredes da Cidade do México. Seu autor era Manuel Maples Arce, morto em 1981. Jovem poeta e escritor, é considerado um dos fundadores do vanguardismo latino-americano do século 20.

O manifesto lançava oficialmente o estridentismo, movimento artístico que reuniu escritores, fotógrafos, escultores, músicos e artistas plásticos. "O modo como o estridentismo se opôs a uma tradição cultural mais clássica criou uma fricção que está presente até hoje na arte e na cultura mexicana" conta o escritor e crítico mexicano Rafael Toriz.

No estridentismo, os símbolos da modernidade —como os arranha-céus da Cidade do México, a confusão do trânsito e do comércio de rua da capital— conviviam com os símbolos da Revolução Mexicana, ocorrida em 1910.

Porém, para enfrentar o centralismo da cultura mexicana, que emanava da capital, os estridentistas se refugiaram na cidade de Xalapa, capital do estado de Veracruz. Só a mudança já dava ao movimento uma característica utópica de ato fundacional da arte mexicana, segundo sua visão, enquanto enfrentava o "establishment" da arte mexicana tradicional. Estridentópolis, como foi rebatizada informalmente a cidade, virou um efervescente centro de difusão de cultura, realização de eventos, atos, exposições e iniciativas educacionais.

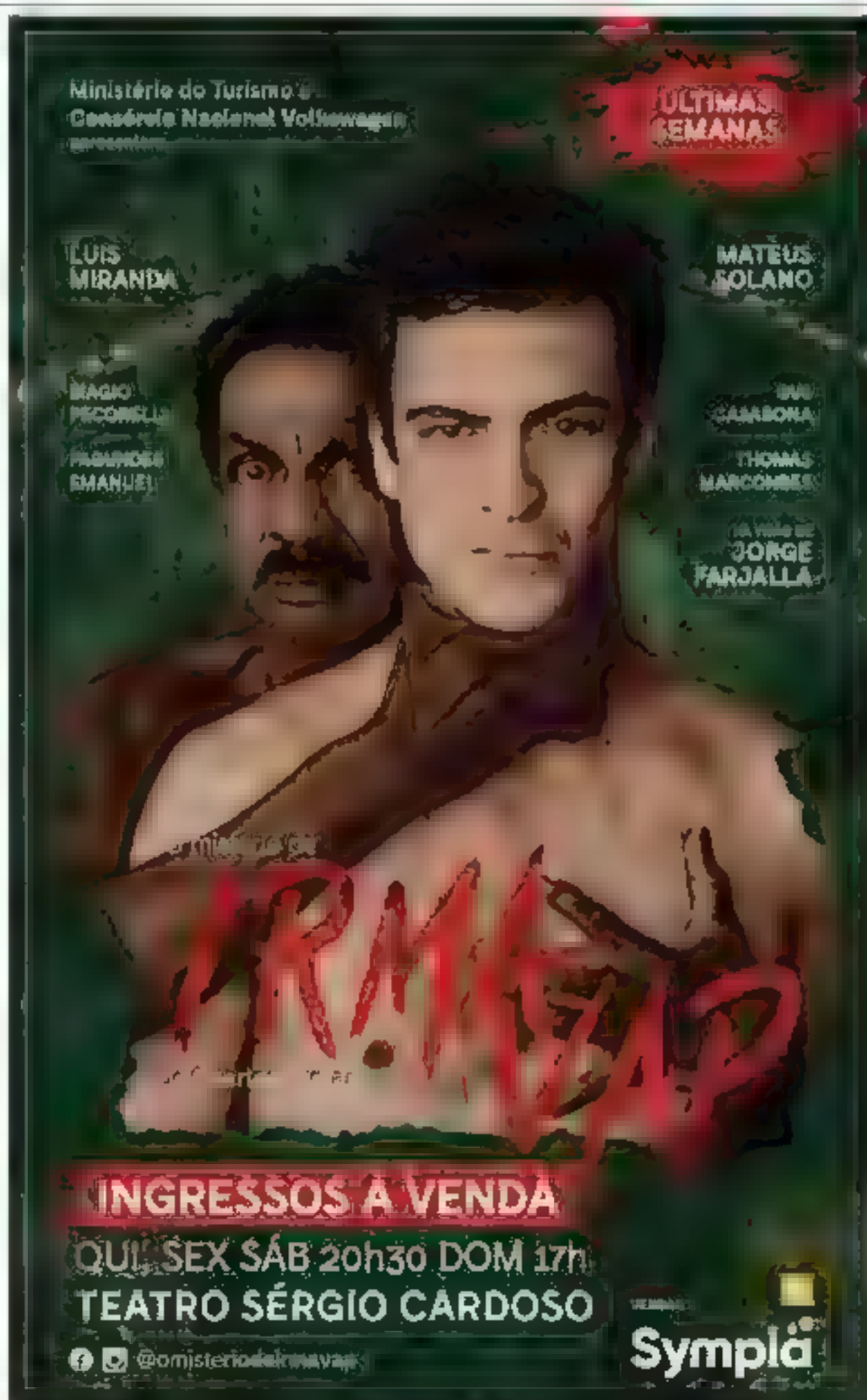
Na Argentina, um dos destaques da produção artística dos anos 1920 foi Xul Solar, que viveu entre 1887 e 1963. Segundo Schwartz, "o único artista que incorporou de forma sistemática o Brasil em seu imaginário". Foi pintor, escultor, escritor, astrólogo e linguista.

Em sua obra, abundam termos em português e no chamado "mestizo criollo", linguagem popular argentina. Apesar de nunca ter visitado o Brasil, bandeiras do país e referências à Amazônia estavam em sua obra, assim como várias palavras do vocabulário brasileiro, tupi e afro-brasileiro. Entre seus livros, está uma edição de "Macunaíma" enviada autografada por Mário de Andrade.

Muito próximo ao escritor Jorge Luis Borges, cuja obra poética do início de sua carreira também é considerada vanguardista, Xul Solar era vidrado em astrologia, no esoterismo e nas mitologias. Muito culto, podia ler em quase 20 idiomas, incluindo o sânscrito, o guarani e o russo. Criava a partir de línguas construídas com a mistura desses idiomas em busca do "neo-criollo".

Também da Argentina, é necessário destacar na década de 1920 a obra de Oliverio Girondo. Tendo como referência os simbolistas franceses, viajou no início da década pela Europa e visitou o Brasil. Justamente em 1922, quando ocorria a Semana de Arte Moderna, lançou seus "Veinte Poemas para Ser Leídos en el Tranvía" ilustrados por ele mesmo. Eram peças que exaltavam a vida urbana, o cosmopolitismo e realizavam uma crítica dos costumes.

Girondo dialogava, também, com a modernidade arquitetônica inaugurada pela obra de Le Corbusier e admirava o construtivismo representado por cubos e volumes. Em alguns anos, enveredaria pela crítica de arte, e em 1932, publicou "Espantapájaros", um livro composto por prosas poéticas e poemas em verso.

Segundo Schwartz, Girondo "foi vanguarda no sentido mais tradicional e histórico do termo e em praticamente todas as etapas de sua produção".

> Os artistas dos anos 1920 da América Latina tinham como referência as transformações em Paris e na Alemanha, em menor medida na Espanha e nos Estados Unidos. E aqui no sul alguns funcionavam como antenas, escrevendo e lendo revistas vanguardistas
>
> **Jorge Schwartz**
> professor aposentado de literatura hispano-americana da Universidade de São Paulo

Congela o confete

Às vezes um amor de Carnaval só precisa entrar numa fria para acontecer

Bia Braune

Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

Nas condições normais de temperatura e pressão, eles passariam o feriado debaixo das cobertas, com ar-condicionado no talo. Cada um, porém, do seu lado da cidade. Dando um match perfeito sem saber, pois nunca haviam se encontrado. Afinal, Beto e Fernanda são tipos de uma espécie rara que ama folia, mas odeia calor. Logo, não pulam Carnaval.

Decretada a transferência emergencial do evento para abril, vislumbraram a mesma perspectiva de futuro. Quase um sonho secreto. "Outono? Ótimo. Inverno, ainda melhor."

Veja bem: ninguém estava ali para aguar a cerveja quente alheia. Como não ser solidário e lastimar essa acalorada abstinência de um país já tão sofrido? Não fosse por motivos de força maior —isto é: consciência e inclusão—, os dois também embarcariam na fantasia coletiva.

"Você não entende nada de festa popular", retrucou uma amiga dela, há anos fazendo #TBT das fotos de outros Carnavais. "Verão sem bloquinho não existe! Há que se respeitar a tradição. Daqui a pouco é ovo de Páscoa no Dia das Mães", reclamou um amigo dele.

Assertiva, Beta desenvolveu argumentos. "Ziriguidum no frio engaja." O turismo ia bombar. Ainda mais famosas, as neves de São Joaquim abririam um portal do multiverso para uma Salvador paralela. Guaramiranga, a "Suíça Cearense", sambaria lindamente na cara do Brasil, tornando-se um hub internacional de esquindô, enquanto a mineirolância de Olaf, naturalizado pernambucano, o alçaria ao posto de boneco gigante de Arendelle.

Fernanda, por sua vez, encontrou até um código secreto na letra de "Chiquita Bacana", de Braguinha. "Não usa vestido, não usa calção/ inverno pra ela é pura verão". E mais: "Ao contrário do Natal, essa festa do imperialismo congelante, frio carnavalesco é coisa nossa". Bastaria reinterpretar os looks pesadões do Mardi Gras de Veneza como uma homenagem ao mascarado da novela "A Viagem".

Retomaríamos o glamour dos desfiles do hotel Glória, com trajes que eram uma apoteose de Nabucodonosor em veludo e tafetá. Fazendo cosplay de Clóvis Bornay, seríamos luxo e originalidade em vagões de metrô, a caminho do sambódromo ou dos cordões alternativos. No verão, Baixo Augusta. No inverno, Augusta Abaixo de Zero. "Dez! Menos dez."

Será? Fica no ar essa ideia, ainda que rarefeita. Para quando os termômetros e o destino puderem colaborar com outros Betos e Fernandas, que fogem do Sol, mas buscam o mesmo calor humano. Na folia, somos todos iguais. E, às vezes, tudo o que um amor de Carnaval precisa para acontecer é que a gente se permita entrar de boa numa fria. Então congela o confete e separa um casaquinho.

Marcelo Martinez

DOM. Ricardo Araujo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes

tonygoes@uol.com.br

Animação com personagens de Angeli estreia na televisão a cabo

Bob Cuspe - Nós Não Gostamos de Gente
Canal Brasil, 19h45, 16 anos
Neste longa em animação com bonecos, Bob Cuspe, o lendário punk criado por Angeli, vive numa espécie de purgatório, cheio de astros do pop que querem sua eliminação. O próprio cartunista da **Folha** aparece como personagem no filme de César Cabral, que estreia na TV paga pouco depois de ser exibido nos cinemas.

Sem Saída
Star+, 16 anos
Por causa de uma nevasca, uma jovem procura abrigo em um descanso à beira da estrada. Mas ela encontra uma garota sequestrada numa van no estacionamento e precisa descobrir quem é o sequestrador.

Um de Nós Está Mentindo
Netflix, 16 anos
Cinco alunos indisciplinados são postos de castigo pela escola em que estudam, mas só quatro voltam. Um deles foi assassinado, e os quatro sobreviventes irão se unir para desvendar o mistério.

Paraíso Tropical
Globoplay, 14 anos
Alessandra Negrini vive as gêmeas que protagonizam esta novela de Gilberto Braga e Ricardo Linhares, exibida pela Globo em 2007. Mas quem rouba a cena é Camila Pitanga, como a prostituta Bebel.

Faustão na Band
Band, 20h30, livre
Os convidados do quadro "Pizzaria do Faustão" desta segunda de Carnaval são Alceu Valença, Bruna Lombardi, Carlos Alberto Riccelli, Sophia Abrahão e Sérgio Marone.

Roda Viva
Cultura, 22h, livre
O convidado da semana é o premiado carnavalesco da Mangueira, Leandro Vieira. Para 2022, ele prepara o enredo "Angenor, José e Laurindo", que homenageia três lendas da escola de samba carioca, Cartola, Jamelão e Delegado.

Vidro
Globo, 23h35, 14 anos
Nesta continuação de "Fragmentado", de M. Night Shyamalan, Kevin Crumb, o homem com 24 personalidades vivido por James McAvoy, encontra um adversário à altura —Elijah Price, o Senhor Vidro, personagem já feito por Samuel L. Jackson em "Corpo Fechado", do mesmo diretor.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU

folha.art.br/fsp

FÁCIL

		7		6	1		5	
		5	3					4
8								
		4	6	7			1	2
	2			9			3	
9	7			3	2	4		
								5
4					3	6		
	6		7	5		2		

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid.

SOLUÇÃO

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Acontecimento complicado e perigoso 2. Que tem o sangue empobrecido (fem.) 3. Carro para quatro ou cinco pessoas / Gravidade de uma queimadura ou de um crime 4. Ave de plumagem colorida e brilhante / Certidão Negativa de Débito 5. Vinte e um menos dez / (Pop.) Porcaria, coisa ruim 6. Deixar de amamentar 7. Extasiar 8. Se repetem em borboleta / Cantar melodiosamente como muitos pássaros 9. Que se move com dificuldade 10. Uma grande companhia aérea espanhola / Quilograma 11. (Inform.) Palavra inglesa que designa o nome que identifica um usuário em um sistema de computadores / (Mac) Um dos sanduíches mais vendidos do mundo 12. Cidade baiana próxima a Senhor do Bonfim 13. Pode ser de fubá, de laranja etc. / Importante município do Rio Grande do Sul.

VERTICAIS

1. (Marca-) Um aparelho para dar ritmo ao coração / O mês do dia da mentira 2. Diz-se de planta, flor que tem nove estames livres e iguais / Saliência em forma convexa 3. Contar de novo / (Pop.) Bacana 4. Atrai metais / Secreto, confidencial 5. 3,1416 / Diz-se de certo vaso feito de murra, mineral de variadas cores, feito pelos antigos 6. Abreviatura de um exame do coração / Intrometida / Banco do Brasil 7. Alcunha pejorativa dada aos italianos / Beatriz, para os íntimos 8. A capital da Turquia, estado asiático do Mediterrâneo / O cantor e guitarrista norte-americano B.B., mestre do blues 9. Prestar auxílio a / O ritmo musical de Bob Marley e Jimmy Cliff

HORIZONTAIS: 1. Peripécia. 2. Anêmica. 3. Sedã, Grau. 4. Saí, CND. 5. Onze, Caca. 6. Desmamar. 7. Arroubar. 8. Bo, Trinar. 9. Lerdo. 10. Ibéria, Kg. 11. Login, Big. 12. Jacobina. 13. Bolo, Bagé. **VERTICAIS:** 1. Passo, Abril. 2. Eneandro, Bojo. 3. Redizer, Legal. 4. Ímã, Esotérico. 5. Pi, Murrino. 6. Ecg, Cabida, BB. 7. Carcamano, Bia. 8. Ancara, King. 9. Ajudar, Reggae.

Ricardo Cammarota

Apetites metafísicos

O medo, o temor, o desespero são afetos fundacionais das religiões

Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Política no Cotidiano'. É doutor em filosofia pela USP

O que vem a ser um apetite metafísico? Trata-se de uma ideia central para compreensão da origem das religiões, de sua manutenção ao longo dos milhares de milênios da humanidade e, também, da sua pluralidade de manifestações históricas. Você já pensou que pode ter um apetite metafísico?

Vejamos um exemplo bem contemporâneo e banal. Uma pessoa vegana é alguém cujo apetite metafísico é associar a alimentação —sei que a crença em questão vai além da alimentação, daí sua riqueza fenomenológica— a um processo de purificação da violência presente na relação com os animais.

O metafísico em questão aqui é a ideia de uma pureza corporal e física que é em si, na realidade, espiritual —vai além da matéria, logo, metafísica— porque a natureza material em si continua violenta, suja e destrutiva com ou sem restaurantes veganos, que aliás, como tudo mais, sumirão do universo quando a Terra acabar.

O apetite metafísico é essa vontade, esse desejo, esse anseio humano de que alguma forma de realidade, ato ou poder ordenador seja maior do que a banalidade da realidade imediata. As religiões e muitas escolas filosóficas deram nome e organização a esse apetite metafísico de distintas formas. Hoje esse apetite tende a ter a consistência de um vídeo no TikTok. Mas essa é outra história.

Podemos entendê-lo também como o anseio por um alimento material ou espiritual. E aí as religiões deitam e rolam.

O apetite por uma vida após a morte ligado diretamente ao medo da morte é um caso. A farta literatura especializada em origem das religiões entende que a morte é, com certeza, um pilar das crenças religiosas. O medo, o temor, o desespero são afetos fundacionais das religiões.

Claro que não só. Algumas formas religiosas se alimentam de afetos como redenção, amor, justiça. Mas o medo da morte e seu mistério seguramente sustentaram e sustentam o apetite metafísico pela vida após a morte. No entanto, o modo de crer nessa vida após a morte varia histórica e geograficamente.

Populações da Antiguidade, há cerca de 5.000 anos, no Mediterrâneo e não só lá, acreditavam que os mortos continuavam vivos nos túmulos. Mortos não enterrados na própria casa e não alimentados pela própria família com comida e bebida —assim como hoje, entre nós, os praticantes de religiões afro-brasileiras o fazem para seus orixás— virariam demônios a atormentar a família dos vivos. Os mortos bem cuidados com rituais de comida e bebida se transformariam numa espécie de deuses que cuidariam das famílias dos vivos.

A simples crença pré-histórica e ainda atual de que sonhos são portais para nos comunicarmos com deuses ou espíritos de mortos que nos passam mensagem é um exemplo claro do apetite metafísico por entes com poder que fazem por nós o que não podemos fazer nós mesmos.

Uma das formas mais constantes de apetite metafísico é a crença no poder de alguma forma de conhecimento profético. Ver o futuro. Seja este pensado no ambiente do alto paleolítico ou numa cartomante em São Paulo.

O conhecimento também pode aparecer como poder de cura sem ciência, apenas pela fé ou pela mágica. A crença de que a fé move montanhas —para além da ideia banal de que essa fé, na verdade, não passe de uma obsessão bem-sucedida da própria pessoa— também é um apetite metafísico por ter um poder que está presente na sua força de vontade e de que forças no universo conspirem a seu favor.

A ideia de que Deus seja amor é uma forma de apetite metafísico. Se o Criador me ama, há esperança, afinal. Mas, ao mesmo tempo, se carrego pedras ou metais no bolso, participo do poder metafísico —alguém mal informado vai achar que nesse caso trata-se de energia, essa palavra usada para qualquer bobagem fora da física— que suponho existir nesses elementos que são resistentes e permanentes.

Enfim, um ser físico, frágil como nós, mortal, sempre tende a ter apetites metafísicos. Por isso, as religiões serão sempre indestrutíveis, mesmo as mais idiotas. E, falando em idiotas, alguns chegam mesmo a depositar seu apetite metafísico na política.

SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

Grupo Fasano inaugura seu primeiro restaurante em NY

COMIDA

Flávia G. Pinho

SÃO PAULO O grupo Fasano abriu as portas ao público, na última quinta-feira (24), de seu primeiro restaurante nos Estados Unidos.

Projetado pelo arquiteto Isay Weinfeld, o mesmo que assina quase todas as unidades da rede, o novo estabelecimento fica na 42 East 49th Street, em Midtown, coração de Nova York. A pouco mais de um quilômetro dali está o Fasano Fifth Avenue, residencial de luxo inaugurado em março de 2021.

São três os espaços, que somam cem lugares: além do elegante salão principal, há uma osteria com cardápio mais informal e, no andar de cima, uma sala privativa com música ao vivo, para até 26 pessoas. O bar Baretto será inaugurado em uma segunda etapa, na primavera norte-americana.

Da cozinha, a cargo do chef Nicola Fedeli, transferido do extinto Fasano Al Mare, no Rio de Janeiro, sairão pratos do norte da Itália que são velhos conhecidos do paulistano, como o ossobuco alla meneghina, do Fasano, e o bollito misto, cozido à italiana servido em carrinho, um dos pedidos mais icônicos do restaurante Parigi.

A carta de vinhos do novo restaurante tem a assinatura do sommelier Manoel Beato.

Só que o nova-iorquino vai pagar mais barato pelos pratos. O risotto ai funghi porcini e timo, por exemplo, que custa R$ 223 em São Paulo, sai por US$ 35 em Nova York — R$ 180,70 no câmbio da última sexta-feira (25).

A poucas horas da inauguração oficial, em meio aos ajustes finais, o empresário Gero Fasano conversou com a Folha por chamada de vídeo e contou os detalhes da nova unidade da marca.

★

Há quanto tempo o projeto do restaurante vem sendo gestado? Assinamos o contrato há três anos. Previamos a inauguração para um ano atrás, mas a pandemia fez com que todo o processo fosse mais lento. A reforma, que deveria durar seis meses, levou um ano e meio para ser concluída.

Interior da unidade de Nova York do Fasano, inaugurado na última quinta-feira (24) Divulgação

Quais são as particularidades desta unidade? A parte da frente do imóvel, eu transformei em uma osteria. São mesas mais próximas, menu basicamente de massas e saladas, com serviço mais informal. Equivale à Trattoria Fasano de São Paulo. Depois, um longo corredor leva ao salão do Fasano.

Qual é a sua expectativa em relação ao público? Espero que os nova-iorquinos venham bastante, principalmente pela localização. Estamos em um ponto onde muita gente trabalha, como também acontece com a Trattoria, que atrai o pessoal da [avenida] Faria Lima. Acho que teremos muitos clientes assíduos na hora do almoço. Mas também tenho certeza de que os brasileiros que vierem para cá terão curiosidade para conhecer.

Mesmo sendo uma cidade tão cara, na conversão simples, os preços de Nova York são mais baratos. Por quê? Tudo aquilo que é importado no Brasil custa menos aqui, a começar pelos vinhos e outras bebidas. Mesmo que o dólar estivesse em um patamar normal, os preços no Brasil já são caros pelas taxas de importação. Aqui, nos EUA, os itens que vêm do exterior têm preços competitivos em relação ao que se produz no país. O mercado brasileiro ainda é muito protecionista.

Vai ter uma festa de inauguração? Nunca faço festa. Se você descaracteriza o restaurante, removendo mesas e cadeiras, fica horrível. E, se convidar só o número de pessoas que cabem nos lugares, acabo deixando muita gente para fora, vou magoar mais do que agradar. Por isso, a gente nunca abre um restaurante de uma vez só, mas vai abrindo.

CARNAVAL DE NICE REÚNE CENTENAS DE PESSOAS NA FRANÇA

Espectadores observam figura gigante representando um rei durante o 137º desfile do Carnaval de Nice, cujo tema é "Rei dos animais" Valery Hache/AFP

VOCÊ VIU?

Tiago Abravanel apertou o botão de desistência do Big Brother Brasil 22 e deixou o reality na tarde deste domingo (27). Quando começou a tocar a sirene, os outros brothers se desesperaram. "Por quê? Por quê, gente?" indagou Lina. "O que eu poderia ter feito? Eu queria ter conversado mais, feito mais alguma coisa", disse Lina. Arthur Aguiar começou a chorar no quarto. Amigos, eles se desentenderam na quinta (24), quando Tiago se sentiu abandonado por ter não ter sido escolhido por ninguém para formar duplas na prova do líder — ele acabou não participando da disputa e estava achando que seria indicado ao paredão deste domingo (27). Abravanel saiu sem dizer nada para os outros brothers. Ele abriu a porta onde fica o botão de desistência, ficou em silêncio por alguns segundos e apertou. Na sequência, foi para o confessionário. Lina afirmou que viu o brother entrando no quarto, pegando alguma coisa e, na sequência, ouviu a sirene. Inicialmente, os participantes do BBB não entenderam o que estava acontecendo. O botão de desistência é uma das grandes novidades do BBB deste ano. No sábado passado (19), Abravanel já tinha dito que havia pensado em desistir do programa.

MENSAGEIRO SIDERAL | Salvador Nogueira

folha.com/mensageirosideral

Guerra na Ucrânia já afeta cooperações no espaço

Tradicional arena para cooperação internacional, a indústria espacial está sofrendo um arrastão com a guerra na Ucrânia. Consequências de longo prazo certamente virão, mas os primeiros movimentos já começaram. E todo mundo tem algo a perder.

Em resposta à invasão russa, na sexta-feira (25) o presidente americano Joe Biden anunciou um pacote de sanções econômicas e mencionou que elas prejudicariam importações e "degradaria sua indústria aeroespacial, incluindo seu programa espacial".

A resposta veio de Dmitry Rogozin, chefe da Roscosmos (agência espacial russa), via Twitter. Chamando as ações de "Sanções de Alzheimer", ele apontou a dependência americana em vários projetos de cooperação, dentre eles a Estação Espacial Internacional, que precisa da propulsão fornecida pelos cargueiros russos Progress para evitar colisões com detritos espaciais.

A Nasa em seguida colocou panos quentes, dizendo que "as novas medidas de controle de exportação permitirão a continuação da cooperação espacial civil EUA-Rússia" e que "não há mudanças previstas para o apoio da agência a operações em órbita e em estações de solo". Mas o incêndio continua.

No sábado (26), Rogozin anunciou que a Rússia recolherá todas as suas equipes trabalhando em Kourou, na Guiana Francesa, em preparação para um lançamento em abril de dois satélites do programa Galileo (o GPS europeu) num foguete Soyuz. A carga útil ficou sem carona, e a medida obviamente terá impacto no futuro da cooperação entre russos e europeus para voos dos foguetes Soyuz a partir do espaçoporto sul-americano. A longo prazo, perda para os russos.

Rogozin também suspendeu a participação americana na missão venusiana russa Venera-D, e há apreensão quanto à cooperação entre russos e europeus na missão marciana ExoMars.

De lado a lado, há cálculos para saber o tamanho do estrago. A empresa americana ULA já anunciou que tem motores russos RD-180 suficientes em estoque para concluir as dezenas de missões contratadas com o lançador americano Atlas V.

Já a americana Northrop Grumman vê uma situação mais incerta com seu foguete Antares, que tem elementos fabricados na Ucrânia e motores construídos na Rússia. A companhia diz ter componentes para mais dois lançamentos, mas, depois disso, será preciso buscar outro foguete para levar seus cargueiros Cygnus à Estação Espacial Internacional.

Por sinal, o complexo orbital liderado conjuntamente por EUA e Rússia é o melhor exemplo da codependência atingida no espaço.

Sem o lado americano é impossível estabilizar a estação, e sem o apoio russo não se pode elevar periodicamente a órbita para evitar que ela mergulhe na atmosfera. Daí a convicção de que ao menos num primeiro momento, ela não será afetada. Mas a tensão coloca em risco o futuro mais distante do complexo, inclusive o recente anúncio da Nasa de mantê-la em operação até 2030.

ACERVO FOLHA | Há 50 anos 28.fev.1972

Presidente dos EUA encerra visita à China e indica ponte para parceria

Um banquete realizado na cidade de Xangai, neste domingo (27), marcou o fim da visita do presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, à China. Ele tinha chegado ao país asiático no dia 21.

O americano sugeriu uma base para a aliança e falou em construção de "ponte" que atravesse os 22 anos de hostilidades que deixaram as duas nações separadas.

Segundo a agência de notícias Associated Press, Nixon afirmou que as suas conversas com o chefe do Partido Comunista chinês, Mao Tsé-tung, e com o premier do país, Chu Enlai, foram caracterizadas pela franqueza, pela honestidade e, sobretudo, pelo respeito mútuo.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

FOLHA DE S. PAULO

Ontem foi o dia que mudou o mundo

FOLHA DE S.PAULO ★★★
SEGUNDA-FEIRA, 28 DE FEVEREIRO DE 2022 1

Ilustração Tiago Galo

Mal singular, problemas comuns

Pacientes de enfermidades atípicas enfrentam longas filas em centros de referência, falta de políticas públicas sólidas e de dinheiro, enquanto seus cuidadores 'esquecem de si' e têm esgotamento mental; esta segunda (28) marca o Dia Mundial das Doenças Raras

➲ Ampliação de teste do pezinho ajudará a detectar condições incomuns *pág. 2*
➲ Famílias usam vaquinha online para comprar remédio mais caro do mundo *pág. 4*

Fotos Divulgação

É preciso ter uma política articulada de terapia gênica para que nós não fiquemos completamente dependentes da compra de produtos para tratar os pacientes

Roberto Giugliani
professor titular do Departamento de Genética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

No Brasil, as questões de saúde deixam de ser questões do Estado e passam a ser de governo, às vezes de ministro ou de secretário

Nelson Mussolini
Presidente-executivo do Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos (Sindusfarma)

A gente tem um programa [teste do pezinho] que é capilarizado e interessante, em termos de atingir os bebês de forma universal, mas ainda peca na quantidade de doenças inclusas

Marcondes França
Professor do departamento de neurologia da Unicamp

A repórter especial Cláudia Collucci media debate no seminário Doenças Raras, promovido pela Folha Karime Xavier/Folhapress

Ampliação de teste do pezinho ajudará a detectar doenças raras

Para especialistas, governo precisa expandir políticas públicas e garantir acesso a tratamento e diagnóstico

Paulo Ricardo Martins

DUQUE DE CAXIAS (RJ) Uma lei aprovada em 2021 e que entra em vigor em maio amplia o rol de patologias detectáveis por meio do teste do pezinho, o que deve ajudar no diagnóstico precoce de doenças raras.

A mudança é fundamental para garantir eficiência e qualidade do acesso de pacientes ao tratamento, segundo especialistas que participaram da terceira edição do seminário Doenças Raras. O evento, que ocorreu na quarta (23), foi promovido pela Folha e patrocinado pela Pfizer e pelo laboratório DLE. A mediação foi de Cláudia Collucci, repórter especial da Folha.

De acordo com Marcondes França, chefe do setor de doenças neuromusculares do Hospital das Clínicas da Unicamp, o Brasil tem um bom serviço do Programa Nacional de Triagem Neonatal, institucionalizado em 2001, mas que precisa se desenvolver mais.

"A gente tem um programa que é capilarizado, muito interessante em termos de atingir os bebês de forma universal, mas ainda peca na quantidade de doenças inclusas."

Foi por meio do programa citado pelo médico que o governo passou a custear exames de diagnóstico tardio, que contemplam pacientes que não passaram pela triagem previamente. Antes, o Estado subsidiava só exames iniciais.

Hoje, o teste do pezinho é capaz de identificar seis doenças (fenilcetonúria, hipotireoidismo congênito, anemia falciforme, hiperplasia adrenal congênita, fibrose cística e deficiência de biotinidase).

A lei 14.154, do ano passado, amplia a testagem para cerca de 50 doenças. A mudança entra em vigor em maio, em cinco etapas implementadas progressivamente. O prazo para adequação do sistema de saúde às novas regras será definido pelo Ministério da Saúde.

No primeiro momento, toxoplasmose congênita, infecção causada por um parasita na placenta, e algumas outras disfunções entrarão na lista. Depois, será possível detectar distúrbios do ciclo da ureia e aminoacidopatias, acúmulo de aminoácidos em determinados tecidos, entre outros.

As três etapas seguintes incluem doenças lisossômicas, imunodeficiências primárias e a atrofia muscular espinhal (AME), doença rara que compromete respiração e o ato de engolir e pode causar perda de movimentos e morte.

Para o professor França, isso se torna fundamental para agilizar o diagnóstico das doenças raras, mas, mesmo assim, é necessário apoio da indústria farmacêutica em pesquisas universitárias e no fornecimento de exames.

Ele explica que, no caso das doenças raras, é difícil realizar testes clínicos, já que a população afetada é pequena.

Os remédios e terapias gênicas (que corrigem o gene faltoso do material genético das células de pacientes com doenças genéticas), que estão disponíveis hoje combatem patologias já conhecidas.

Para as pouco estudadas, sugere pesquisas observatórias, da história natural, que possam observar o comportamento de determinada doença a longo prazo. Por meio dos dados, seria possível encurtar as etapas às quais um estudo clínico é submetido.

Para Nelson Mussolini, presidente-executivo do Sindusfarma (Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos), os avanços na ciência precisam ser acompanhados por políticas de Estado.

"Não tem que olhar o custo da terapia só no momento, mas sim a vida do paciente como um todo. O paciente que não desenvolve a doença pode ser uma pessoa produtiva e contribuir com o país."

Para ele, algumas providências podem ajudar a enfrentar o problema. Uma é o risco compartilhado, sistema no qual o pagamento do produto pelo financiador (o Estado) fica vinculado ao desempenho do remédio. Assim, se o tratamento corresponder às expectativas, o dinheiro é pago; caso contrário, a farmacêutica reembolsa o governo.

Para que uma terapia gênica ou qualquer produto farmacológico chegue a farmácias ou hospitais, ele precisa ser aprovado pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). Depois, a CMED (Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos) fixa preço máximo para a droga que pode começar a ser vendida pela detentora da patente.

Só depois é possível submeter um pedido de incorporação da droga pelo SUS.

Em 2014, foi instituída a Política Nacional de Atenção Integral às Pessoas com Doenças Raras, para reduzir a mortalidade por essas moléstias e ampliar o acesso à saúde.

Para Roberto Giugliani, professor titular do Departamento de Genética da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), esse foi um passo importante, mas o programa não se desenvolveu como deveria. "Precisa ser melhorado, alavancado, expandido e atualizado em termos de procedimento e preço."

O médico chama atenção para os poucos centros de referência existentes. Segundo o Ministério da Saúde, hoje o Brasil tem 17.

Ele afirma que o alto preço das drogas está atrelado ao alto investimento para desenvolver uma terapia, mas que a longo prazo, os gastos do governo para um tratamento comum, com várias aplicações, e para a terapia gênica, podem se equivaler. Para terapias como o Luxturna e o Zolgensma, aprovadas no Brasil, o preço é muito alto, mas a dose é única.

Terapia substitui genes defeituosos por saudáveis

No Brasil, técnica já é autorizada para tratamento de atrofia muscular espinhal e distrofia hereditária da retina*

1. Vírus usado como vetor é modificado; genes que podem causar doença são retirados
2. Gene saudável é inserido no vetor viral
3. O paciente recebe uma injeção com o vírus modificado, que adentra as células e instala o gene saudável
4. Dentro das células, o gene saudável ordena a produção da proteína correta, que antes o organismo não conseguia fabricar

*A atrofia muscular espinhal é uma doença que compromete os movimentos do músculo, impedindo o paciente de andar, engolir e respirar. A distrofia hereditária de retina atinge células dos olhos e causa perda progressiva de visão

Saiba mais sobre doenças raras

É considerada enfermidade rara aquela que atinge até **65 pessoas a cada 100 mil**, ou 1,3 a cada 2.000

- Estima-se que **13 milhões de brasileiros** sofram de algum tipo de doença rara. No **mundo**, o número chega a **300 milhões**

Cerca de **7.000 enfermidades raras** são catalogadas atualmente

PRINCIPAIS CAUSAS
Fatores genéticos/hereditários (responsáveis por 80% das doenças conhecidas)
Autoimune
Infecções bacterianas ou virais
Infecções alérgicas e ambientais

Fonte: Ministério da Saúde

Reações do público

Achei excelente. Sou mãe de uma menina que tem doença genética ultrarara e também trabalho com pesquisa clínica numa empresa dedicada ao desenvolvimento de tratamentos para doenças raras.

Levar ao público o conhecimento sobre essa área, as opções de diagnóstico, terapêuticas e apresentar a pesquisa clínica é muito importante.
Ana Amélia Fracalossi
farmacêutica, Durham, Carolina do Norte (EUA)

O evento é importante porque traz o assunto doenças raras ao debate. Só que ficou limitado aos especialistas e a um só paciente. Faltou incluir um pouco mais da perspectiva do paciente comum, de como a doença o afeta e como enxerga os serviços (ou a ausência deles) que podem atenuar seu sofrimento e dar melhor qualidade de vida.
Amália Maranhão
jornalista, Nova York (EUA)

O seminário teve como fragilidade trazer abordagem unicamente medicamentosa para as doenças raras. Os remédios e insumos são importantes e necessários, mas não são resolutivos para as diversas necessidades. Faltou olhar mais abrangente sobre a importância de uma assistência integral, em equipe multiprofissional, da qual fazem parte não só médicos, mas todos que atuam na saúde.

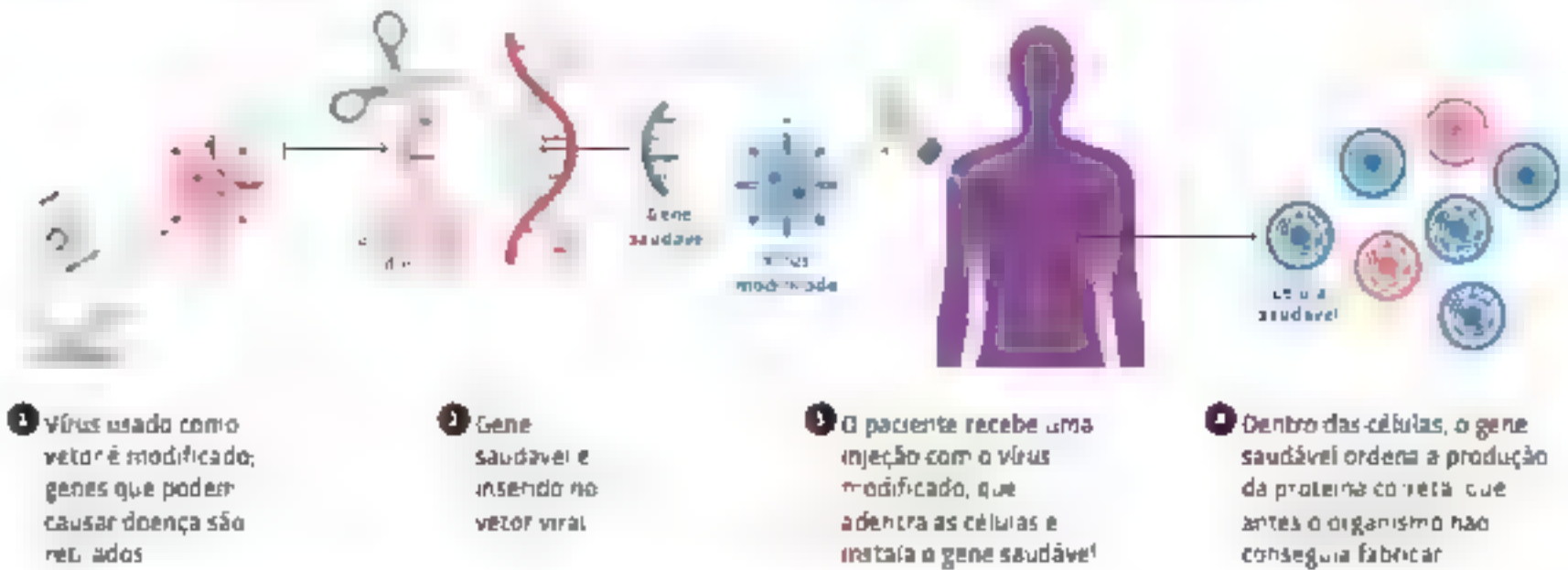
As pessoas com doenças raras são cuidadas por familiares, no domicílio, e não em hospitais. Estar no hospital deve ser exceção.
Maria Helena Sant'Ana Mandelbaum
enfermeira e professora, São José dos Campos (SP)

O evento sobre terapia gênica trouxe um debate muito importante, já que, depois de mais de 30 anos de estudos, isso hoje se aproxima da realidade.

Precisamos estar preparados no conhecimento sobre terapias gênicas para doenças raras e outras doenças crônicas.

Deve-se olhar para os benefícios a longo prazo, como qualidade de vida das pessoas acometidas, que, assim, poderão minimizar os investimentos no decorrer de suas vidas se comparados a tratamentos ininterruptos.
Tania Maria Onzi Pietrobelli
pedagoga, presidente da Federação Brasileira de Hemofilia e especialista na educação de surdos, Caxias do Sul (RS)

Médicos devem ser instruídos sobre bê-á-bá de enfermidades

Capacitação de profissionais em doenças raras facilita diagnóstico precoce e tratamento, dizem debatedores

"Todos na família agora são muito ligados. Qualquer sintoma, já sabe o que fazer. Não existe cura, mas existe o tratamento

Evilasia Knabben de Aguiar
paciente com amiloidose cardíaca

"Batemos na tecla de centros de excelência para poder deliberar no caso indicado, na dose correta e no momento certo [de iniciar o tratamento]

Fábio Fernandes
cardiologista do InCor

Marina Costa

SÃO PAULO Para evitar um périplo de pacientes com doenças raras por diversos especialistas até o diagnóstico correto, é importante que médicos tenham noções básicas dessas enfermidades.

Com esse conhecimento, os profissionais podem, então, cruzar dados sobre a saúde da pessoa, histórico familiar e outros sintomas para chegar à conclusão de que esse tipo de enfermidade deve ser incluído entre as hipóteses de investigação.

Esse foi um dos principais temas da segunda mesa do seminário Doenças Raras, realizado pela **Folha** com patrocínio da Pfizer e do laboratório DLE, do Grupo Pardini, na quarta (23). O painel teve enfoque em condições raras que atingem o coração.

Cansaço extremo durante caminhadas curtas, dormência e câimbras nos membros superiores e inferiores são sintomas conhecidos por alguns membros da família de Evilasia Knabben de Aguiar, 59, que vive com amiloidose cardíaca em Tubarão (SC).

Rara, a doença torna o coração mais rígido, espesso e com dificuldade de relaxamento durante batimentos.

O diagnóstico veio em 2010, dois anos depois que uma das irmãs de Evilasia descobriu a condição e morreu, aos 57 anos.

A detecção precoce contribui para a qualidade de vida de Evilasia hoje e foi facilitada pela percepção do médico, que suspeitou da coincidência de sintomas no histórico familiar dela e investigou a origem com exames.

Fábio Fernandes, diretor da Unidade Clínica de Miocardiopatias e Doenças da Aorta do InCor, afirma que sintomas da amiloidose podem, por exemplo, ser confundidos com os da insuficiência cardíaca.

Os principais sinais incluem falta de ar, cansaço ao se esforçar e resultados de exames que mostrem déficit de relaxamento do coração, sobretudo em idosos, diz Lídia Zytynski Moura, coordenadora do serviço de cardiologia do Hospital Universitário Cajuru, em Curitiba.

Por isso, dizem os especialistas, o conhecimento primário sobre essas enfermidades é tão importante.

"Não adianta ter centros e especialistas se, na ponta, as pessoas não pensam na possibilidade [de uma doença rara] para poder encaminhar. O médico de família e a Unidade Básica de Saúde têm que ter uma ideia de que isso existe. Se a gente não pensa na doença, não faz diagnóstico", diz Cecília Micheletti, pediatra e geneticista da Unifesp e assessora científica do laboratório DLE.

A dificuldade de identificar a amiloidose cardíaca vem da formação dos profissionais, mas também do custo alto do diagnóstico, afirma Moura. Neste contexto, diz ela, o maior problema pode ser a subnotificação, de modo que é preciso investir mais na educação de médicos e estudantes.

A identificação precoce de uma doença rara permite o tratamento efetivo —isso nos casos de condições que têm tratamento, o que não ocorre com todas.

Fernandes, do InCor, afirma que a melhor opção para a amiloidose cardíaca é o tafamidis de 80 mg, ainda não liberado pela Conitec (Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no Sistema Único de Saúde). Para ter acesso a essa dosagem do remédio, Evilasia recorreu à Justiça.

Outro caminho lembrado pelos especialistas é a inclusão de pacientes em estudos clínicos. Para Micheletti, da Unifesp e do DLE, o investimento em pesquisa é importante e é utilizado por outros países para aprimorar métodos de diagnóstico e tratamento. Ela lembra que, a partir desses projetos, são desenvolvidos os medicamentos órfãos, utilizados para tratar doenças raras.

Após o diagnóstico da irmã de Evilasia, a família Knabben foi aconselhada a também fazer testes genéticos para detectar a mutação relacionada à amiloidose. Entre 54 exames feitos, 28 resultados foram positivos para a alteração, mas nem todos indicaram a doença.

Fernandes, do InCor, destaca que as técnicas de detecção também evoluíram ao longo do tempo. Hoje, há métodos além da biópsia de tecidos, inclusive não invasivos. Ainda assim, é preciso que os profissionais sejam capacitados para avaliar caso a caso.

Moura, do Hospital Universitário Cajuru, explica que a presença da mutação não implica necessariamente na manifestação da doença, que também depende de outros fatores.

Por isso, é preciso direcionar o mapeamento genético a pessoas cujas famílias que já tenham alta probabilidade, como a de Evilasia, ou a pacientes que apresentem a "constelação" de sintomas combinados.

Micheletti ressalta que também é importante orientar os pacientes sobre o acompanhamento após o resultado.

"Não adianta ter centros e especialistas se, na ponta, não pensam na possibilidade [de uma doença rara]

Cecília Micheletti
geneticista da Unifesp e assessora científica do laboratório DLE

"A busca pelo diagnóstico e o interesse em estudar o paciente vão fazer a diferença. E aí, sim, vêm os exames complementares (...)

Lídia Ana Zytynski Moura
do Hospital Universitário Cajuru

Douglas e Julianne com seu filho, Thomas, no apartamento do casal, em Curitiba Bruno Covello/Folhapress

Famílias usam vaquinha para comprar remédio de R$ 11 mi

Pacientes também recorrem à Justiça para obrigar a União a custear terapia

Paulo Ricardo Martins

DUQUE DE CAXIAS (RJ) Famílias de crianças com AME (atrofia muscular espinhal), doença degenerativa que compromete a respiração e a mobilidade, estão recorrendo a vaquinhas online a fim de juntar dinheiro para comprar o remédio zolgensma, tido como o mais caro do mundo.

A droga, de dose única, custa mais de US$ 2 milhões (equivalente a quase R$ 11 milhões).

Esse é o caso da comissária de bordo Julianne Santi, 38, e do piloto Douglas Schneider, 38, pais de Thomas.

O bebê de um ano e oito meses, recebeu o diagnóstico de AME no dia 20 de dezembro do ano passado e está numa corrida para importar o medicamento de fora do país. O uso é recomendado até os dois anos de idade.

O casal recebeu conselhos de amigos para fazer uma vaquinha online e criar uma página no Instagram (@amethomas_tipo1) com a intenção de captar recursos.

Colegas de Julianne e Douglas se dispuseram a cuidar da iniciativa e, desde janeiro, têm administrado a página no Instagram, vendido rifas e buscado famosos dispostos a se envolver no projeto.

Hoje, 14 pessoas ajudam na campanha, que já recebeu apoio de Cafu, ex-capitão da seleção brasileira, dos jogadores do Coritiba, da apresentadora Ana Hickmann e do comandante da FAB (Força Aérea Brasileira), Carlos de Almeida Baptista Junior. Até agora, foi arrecadado mais de R$ 1,5 milhão.

"É uma campanha que não para. Eu quase não durmo mais. É bastante coisa para resolver. Comecei a fazer terapia, porque sobrecarregou a cabeça e o coração", diz a também comissária Natalie Jung, 38, amiga do casal e coordenadora da campanha.

O zolgensma é uma terapia gênica que leva para as células do paciente uma cópia do gene saudável que, antes, o corpo não conseguia fabricar.

Assim, o organismo consegue produzir a proteína necessária para impedir a destruição dos neurônios motores, responsáveis por movimentos dos músculos, como andar, respirar e engolir.

A terapia tem registro na Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) desde 2020, mas não é comercializada no Brasil pela farmacêutica detentora da patente, a Novartis, e não é fornecida pelo SUS.

Em dezembro de 2020, o comitê técnico-executivo da Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos estipulou R$ 2,9 milhões como preço máximo para a venda do zolgensma no país. O governo Jair Bolsonaro (PL), no entanto, aprovou aumento para R$ 6,5 milhões, como mostrou a Folha.

Em nota, a empresa diz que "tem trabalhado para trazer o zolgensma para o Brasil em um preço que reflita o caráter inovador da terapia e as condições econômicas do país".

O projeto de lei 5.253/2020 busca garantir a incorporação do zolgensma e do risdiplam, outro tratamento para AME, no Rename (Relação Nacional de Medicamentos Essenciais), lista de remédios fornecidos pelo SUS, além da oferta em farmácias populares.

Atualmente, o texto está em trâmite na Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara e recebeu parecer favorável para aprovação do relator, o deputado Lucas Redecker (PSDB-RS).

Para os brasileiros interessados no tratamento, além da vaquinha, a solução tem sido pedir à Justiça que a União pague a importação do remédio.

Isso é o que também tenta a família de Thomas, que entrou com duas ações: uma para conseguir o zolgensma e outra para que o plano de saúde cubra as despesas do spinraza, outro remédio que combate a AME, mas de forma paliativa — precisa ser usado por toda a vida, não em dose única.

Segundo os pais do menino, o juiz concedeu liminar com decisão favorável ao pedido da família em janeiro, e o plano de saúde, que demorou 15 dias para se manifestar, foi obrigado a pagar o tratamento. Ainda não há decisão sobre o processo contra a União.

Além das drogas, pacientes com AME podem ter outras despesas ao longo da vida.

Gustavo, 34, e Juliane Giannacari Nunes, 39, são pais de Gabriela, uma bebê com AME tipo 1 que tomou o zolgensma no último dia 2.

Mesmo assim, o casal conta que prevê gastos de R$ 180 mil a R$ 200 mil por ano. O pai cita tratamentos com uma equipe multidisciplinar de reabilitação e a aquisição de carrinho ortopédico de R$ 33 mil, como exemplos.

Daqui para frente, Gustavo e Juliane vão pedir ajuda para os próximos tratamentos de Gabi por meio da página que criaram no Instagram (@amegabriela) para arrecadar dinheiro para a compra do zolgensma. Além disso, também pretendem usar o canal para publicar informações sobre a doença, de forma a conscientizar os seguidores.

A página tem 15 mil seguidores e arrecadou mais de R$ 600 mil, segundo Gustavo.

Para custear o remédio, a família conseguiu uma liminar na Justiça obrigando a União a pagar o valor direto para a Durbin, colaboradora da Novartis. O dinheiro que o casal tinha arrecadado foi depositado para o governo, com o desconto dos gastos de aplicação e internação.

A menina tinha feito uso de outros dois medicamentos para AME, o spinraza, que foi pago pelo plano de saúde, e o risdiplam.

A família tem três frascos deste último. Um deles foi doado por amigos e os outros dois foram custeados pela vaquinha e custaram R$ 58 mil cada um.

Guilherme Baldo, professor-adjunto da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e pesquisador na área de terapia gênica, explica que, para desenvolver um remédio, é necessário tempo e testes clínicos, em humanos e animais, para comprovar segurança e eficácia.

Esses fatores, combinados ao fato de que o público-alvo de um medicamento para doença rara é pequeno, levam a esses preços, afirma.

"Os números que a gente escuta da indústria vão de centenas de milhões até R$ 1 bilhão para desenvolver um medicamento. Se for uma doença super-rara e a empresa perceber que não vai ter lucro, não tem motivo para desenvolver uma terapia."

Na opinião de Nelson Mussolini, presidente-executivo do Sindusfarma (Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos), decisões como fixar o valor do produto num patamar mais baixo em relação ao estipulado pela empresa farmacêutica, como a Anvisa fez com o zolgensma, pode excluir o país da oferta de novos produtos.

"Se no mundo inteiro o produto custa R$ 12 milhões e, aqui no Brasil, o produto custa R$ 2 milhões, a empresa não pode lançar no Brasil, porque, senão, o mundo inteiro vai querer pagar R$ 2 milhões."

Para ele, no entanto, é dever do Estado garantir acesso da população às drogas.

"Essas vaquinhas não têm como resolver o problema. A solução disso vem de uma medida de Estado, que tem que priorizar a saúde do cidadão."

Em outros países, como nos EUA, o preço também é um obstáculo para pacientes.

Na Inglaterra, entretanto, o NHS (Serviço Nacional de Saúde), equivalente ao SUS, fechou um acordo com a Novartis para oferecer o remédio com um desconto significativo e confidencial.

De 2019 a 2021, a Anvisa aprovou ao menos 41 medicamentos que combatem doenças raras, além de duas terapias gênicas (zolgensma e luxturna). Desses, apenas um é oferecido pelo SUS: o burosumabe, que trata a hipofosfatemia ligada ao cromossomo X, uma forma de raquitismo que provoca perda excessiva de fosfato pela urina e ocasiona baixo nível de fósforo no sangue.

Remédios contra doenças raras

VYNDAQEL
Laboratório Wyeth/Pfizer
Para que serve Amiloidose
Disponível no SUS Sim, somente para pacientes adultos com PAF (polineuropatia amiloidótica familiar), um tipo de amiloidose, em estágio inicial
Preço máximo para o consumidor sem ICMS R$ 079 mil

ZOLGENSMA
Laboratório Novartis
Para que serve AME
Disponível no SUS Não
Preço máximo para laboratórios e distribuidores sem ICMS R$ 6,5 milhões*

[illegible]
Laboratório Roche
Para que serve AME
Disponível no SUS Não
Preço máximo para o consumidor sem ICMS R$ 60,2 mil

SPINRAZA
Laboratório Biogen
Para que serve AME
Disponível no SUS Sim
Preço máximo para laboratórios e distribuidores R$ 34,5 mil*

LUXTURNA
Laboratório Novartis
Para que serve Distrofia da retina
Disponível no SUS Não
Preço máximo para laboratórios e distribuidores R$ 2 mi*

* não podem ser adquiridos em farmácias, para uso só em hospitais

Pacientes recorrem à cânabis medicinal, alvo de projeto de lei

Marília Miragaia

SÃO PAULO Associações e famílias de pessoas com doenças raras esperam a aprovação de projeto de lei que tramita na Câmara dos Deputados e prevê o plantio de cânabis medicinal no país. A iniciativa estimula o debate, mas avanços dependem de como será a regulamentação.

A filha de Aline Voigt Nadolni, 44, engenheira, começou a usar óleo de cânabis aos 5 anos. Maria Clara, hoje com 14 anos, nasceu com síndrome de Rett, doença genética rara que tem implicações no desenvolvimento neuromotor, e sofria com episódios de convulsões de difícil controle.

Depois de tentar ao menos 14 medicações, Aline recorreu à cânabis quando não existiam produtos no Brasil. Em 2014, conseguiu autorização da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) para importar óleo de canabidiol.

O produto ajudou a filha a controlar crises e trouxe melhora para distúrbios do sono.

Desde então, Aline relata que os processos burocráticos para importação ficaram mais ágeis. Porém, ela acredita que o valor do tratamento, de R$ 2.500 por mês, ainda é alto.

A engenheira conta que tentou substituir o óleo importado, mas a filha não se adaptou. "As plantas têm outras substâncias que agem no organismo. A resposta é individual." Por isso, ela considera importante a aprovação do PL (projeto de lei) que regulamenta o plantio de cânabis com fins medicinal e industrial.

Para a advogada Margarete Brito, diretora da Apepi (Associação de Apoio à Pesquisa e Pacientes de Cannabis Medicinal) no Rio de Janeiro, o projeto de lei é positivo por trazer o debate à sociedade.

Mas ela afirma que, na prática, os avanços para as associações vão depender das exigências conhecidas depois de uma possível aprovação.

Operando sem uma liminar desde 2019, a Apepi atende pacientes com diferentes necessidades, inclusive doenças raras, em um vácuo legal que ela chama de "desobediência civil pacífica".

Com mais de 3.000 membros, a associação planta e produz óleo de cânabis com dosagem feita em parceria com a Unicamp ao custo de R$ 180 o frasco, mais anuidade. Segundo Margarete, uma equipe da entidade dá apoio a pacientes que não conseguem arcar com o tratamento.

Mãe de uma criança com síndrome rara (CDKL5, que provoca convulsões epilépticas), ela diz que a associação faz a ponte entre paciente e médicos se necessário, já que alguns profissionais não têm intimidade com a cânabis.

Segundo Li Li Min, chefe do departamento de neurologia da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, a medicina alopática se aproxima do uso dessas substâncias, que têm campo vasto de aplicação.

Para ter acesso à cânabis é preciso prescrição médica, recomendada em casos em que estiverem esgotadas opções terapêuticas disponíveis. O tratamento, afirma Min, requer um profissional com experiência para observar efeitos colaterais e ajustar doses.

Em fevereiro, foi lançada a campanha Movimento Roxo para conscientizar sobre as diferentes manifestações da epilepsia — que está relacionada a algumas doenças raras, como as síndromes de Dravet e Lennox-Gastaut. Nesses casos, Min afirma existirem evidências de que a cânabis e derivados ajudam a reduzir crises epilépticas.

Entre pessoas com síndrome de Rett, existem vários relatos positivos do uso de componentes da cânabis, e espera-se o resultado de estudos mais definitivos, afirma Min.

No país cresce o número de produtos à base de cânabis. Segundo a BR Cann (Associação Brasileira das Indústrias de Canabinoides), há 14 remédios autorizados para comercialização.

Além do óleo à base de cânabis, a filha de Rafael Araujo Mendes, 33, empresário que vive em João Pessoa (PB), usa pomada à base de THC (tetrahidrocanabinol) no tratamento de epidermólise bolhosa, doença rara que causa lesões na pele e mucosas.

Segundo Rafael, o tratamento diminuiu a dor de Eloah, 4. Ela começou a usar a pomada ao participar de estudo no hospital Universitário Lauro Wanderley, em João Pessoa.

A dermatologista e coorientadora do estudo Renata Rodrigues diz que a conclusão preliminar é que a pomada estimula a cicatrização.

A pomada, desenvolvida pela Abrace Esperança (Associação Brasileira de Apoio Cannabis Esperança), ainda não tem autorização para ser produzida. Cassiano Teixeira, fundador da associação, diz esperar a regulamentação também de produtos à base de cânabis para uso tópico — uma frente em que o PL pode ajudar.

Segundo ele, o debate representa um avanço, mas é preciso avaliar exigências que serão feitas caso aprovado. "Temos de esperar para ver quem vai fiscalizar o cultivo, por exemplo. E quem vai financiar os custos para que a lei seja aplicada?", questiona Teixeira.

Cuidadores sobrecarregados precisam de política pública

Para especialistas, plano ideal deveria considerar saúde e questões sociais

Marina Costa

SÃO PAULO Patrícia Ferreira Miranda, 50, acorda todos os dias às 4h30, dá a primeira dieta do filho às 6h e, embora sinta sono, não dorme antes da última, dada entre 20h e 21h.

Ela é mãe de William, 28, que vive com mucopolissacaridose (MPS III-A), doença rara genética que, por causa da falta de um tipo de enzima, leva à regressão neurológica.

Os primeiros sinais da condição, também chamada de síndrome de Sanfilippo, vieram quando o menino tinha quatro anos e uma professora notou que ele não acompanhava o desenvolvimento dos colegas. O diagnóstico, porém, só veio aos 17, quando ele já não andava nem falava.

Patrícia é a única responsável pelos cuidados de William.

Ela deixou o emprego como manicure para se dedicar integralmente ao filho. Hoje, ela tem uma van escolar, mas não consegue trabalhar por não ter com quem revezar os cuidados. Ela se separou do pai de William há 26 anos e é mãe solo.

Patrícia Miranda, 50, cuida do filho William, 28, que tem mucopolissacaridose Rubens Cavallari/Folhapress

O sustento vem de doações e do BPC (Benefício de Prestação Continuada), salário mínimo dado a William, usado para pagar o aluguel de R$ 843 da casa, na zona sul paulistana.

A instabilidade financeira é parte da rotina de muitas famílias que têm pessoas com doenças raras, como mostra pesquisa do IFF/Fiocruz (Instituto Nacional de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira).

O estudo foi feito entre 2016 e 2018 com cuidadores de 106 crianças e adolescentes com fibrose cística, osteogênese imperfeita e mucopolissacaridoses atendidos no instituto.

Segundo o levantamento, 86% dos responsáveis pararam de trabalhar após o diagnóstico. A dedicação ao paciente demanda de 18 a 24 horas por dia para 60% deles. Quase 70% relataram ter necessitado de dinheiro emprestado para despesas básicas, e 95% disseram que gastos mensais aumentaram após a detecção da doença.

"Isso atinge a saúde mental. Como você pode viver minimamente íntegro na sua estrutura psíquica se você não tem o que comer?", questiona Martha Moreira, uma das autoras do estudo.

Para ela, é preciso pensar no cuidado sob três perspectivas: familiar, de saúde, com redes integradas de atendimento, e como política pública.

Martha diz que, na elaboração de um plano de cuidado, ouvir instituições que atendam pacientes e familiares poderia facilitar a visão da diversidade entre as pessoas com doenças raras e suas demandas. Assim, a implementação deveria considerar questões sociais e econômicas.

Bruna Rocha, 35, barbeia o marido, Jaime Fernando, 39; ambos têm esclerose múltipla Ambrosio Coelho/Folhapress

"Uma pessoa pobre, negra, não escolarizada é diferente de uma pessoa branca, de classe média e com acesso a serviços", afirma ela.

Um exemplo, segundo a pesquisadora, seria rever as regras do BPC de modo que ele não impedisse o emprego formal de pais e responsáveis. Hoje, o benefício é concedido a pessoas com doenças raras apenas quando a renda per capita da família é de até um quarto do salário-mínimo (R$ 303), e só se a condição estiver associada a alguma deficiência.

Além disso, o apoio de cuidadores profissionais seria necessário para que os familiares possam dar atenção à própria saúde, hábito abandonado se não há com quem revezar as tarefas de assistência, lembra Martha.

Procurada, a Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência afirmou, sem citar medidas práticas, que, em 2021, publicou estudo sobre boas práticas de apoio ao cuidador em parceria com o programa da União Europeia. A próxima etapa, diz a pasta, envolve a elaboração de políticas públicas para esse grupo, o que ainda não tem data para acontecer.

Sem políticas públicas, o apoio fica a cargo de associações. Patrícia, por exemplo, é assistida pelo Instituto Vidas Raras. Ela recebe cesta básica, insumos para William e ajuda para si mesma — nem sempre consegue ir às consultas para cuidar de sua saúde.

A sobrecarga também é sentida por Bruna Rocha, 35, vice-presidente da AME (Amigos Múltiplos pela Esclerose) e cuidadora do marido, Jaime Fernando, 39, o Jota — eles são pais de Francisco, 5. O casal tem esclerose múltipla, mas a condição se dá de formas distintas em cada um.

De modo geral, a doença ocorre quando o sistema imunológico ataca a mielina, membrana que protege os neurônios. Em Bruna, diagnosticada aos 14 anos com o tipo surto-remissão, é possível controlar a inflamação das lesões e os surtos da doença com medicamentos. Já em Jota, que tem a forma primária progressiva, a mielina se perde ao longo do tempo e os sinais do cérebro deixam de ser transmitidos ao corpo.

Hoje, ele está tetraplégico e em cuidados paliativos. Bruna reveza com a sogra e uma cuidadora a assistência.

Assim, ela consegue trabalhar em duas instituições para sustentar a família, a AME e a CDD (Crônicos do Dia a Dia).

"É uma jornada quádrupla, porque é trabalho, filho, cuidado com o Jota, cuidar se as medicações estão todas aqui, se não está faltando fralda, se não está faltando sonda, se tem consulta", diz.

Hoje, eles vivem em Navegantes (SC), no litoral, decisão tomada para que Bruna possa incluir cuidados próprios no dia a dia, como caminhar.

A Casa Hunter e a Febrararas (Federação Brasileira das Associações de Doenças Raras) realizaram uma pesquisa com 500 cuidadores. Do total, 68% não têm atividades de lazer, 74% não fazem atividades físicas e 71% disseram se sentir perdidos e se esquecerem de si mesmos.

Para Antoine Daher, presidente das duas instituições, além de subsídios financeiros e psicológicos, proporcionar diagnóstico e tratamentos em estruturas especializadas, com equipes multidisciplinares e sem longas filas é uma das formas de aliviar a sobrecarga dos cuidadores.

Hoje, a Casa Hunter oferece atendimento multidisciplinar semanal em parceria com centros hospitalares de São Paulo, Goiás, Bahia e Rio de Janeiro — durante as consultas dos pacientes, os responsáveis passam por psicólogos.

Com essa e outras ações, mais de 1.500 pessoas são atendidas por ano pela associação, que reúne familiares, pesquisadores e profissionais de saúde para propor soluções para a qualidade de vida de quem tem uma doença rara.

Na pandemia, o Instituto Vidas Raras iniciou um programa de atendimento psicológico remoto. Para a advogada Amira Awada, vice-presidente da organização, o que mais se observa são sinais de depressão, quadro agravado pela falta de tempo para tratamentos mais longos e pela dificuldade que cuidadores têm para aceitar ajuda.

"O paciente é importante, mas as pessoas ao redor também precisam ser assistidas, ou o cuidado pode deixar a desejar."

Filas e diagnóstico tardio prejudicam qualidade de vida dos pacientes

Catarina Ferreira

SÃO PAULO O Serviço de Genética Médica e Centro de Referência para Doenças Raras no Hospital das Clínicas de Porto Alegre tem cerca de 2.500 pacientes à espera de consulta.

O cenário é parecido no hospital pediátrico Pequeno Príncipe, em Curitiba, que tem cerca de 1.500 crianças na fila do centro de doenças raras.

O represamento de pacientes afeta diretamente a qualidade de vida de quem tem uma doença rara, isso porque são patologias progressivas e incapacitantes, com sequelas, geralmente, irreversíveis.

"O primeiro gargalo é o acesso a uma consulta com especialista, o segundo são os exames. Com isso, o diagnóstico demora muito a ser feito", diz Ida Vanessa Schwartz, chefe do setor do Hospital das Clínicas de Porto Alegre.

Além disso, o desconhecimento do diagnóstico correto pode gerar sofrimento às famílias durante anos. "Existe uma angústia enorme enquanto você não sabe o diagnóstico do seu filho. Muitas vezes, se a família sabe o nome da doença, sabe onde buscar informação", diz Mara Lúcia Schmitz, neuropediatra e coordenadora da unidade do Pequeno Príncipe.

Para ela, um dos grandes desafios desse tipo de tratamento é que muitos pacientes chegam ao ambulatório e permanecem internados devido à gravidade dos casos, o que gera represamento.

O Ministério da Saúde estima que aproximadamente 13 milhões de pessoas vivam com doenças raras no país.

Procurada, a pasta disse não contabilizar fila de espera para especialidades, responsabilidade dos gestores locais.

De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde), as patologias raras são aquelas que afetam até 65 pessoas em cada 100 mil. A estimativa é que existam entre 6.000 e 8.000 tipos diferentes dessas doenças em todo o mundo. Do total, 80% vêm de fatores genéticos e cerca de 95% não têm tratamento definido.

A rota do paciente até um centro especializado passa pela unidade básica de saúde e por consultas e exames.

Por isso é importante que a equipe das unidades locais saiba identificar quais casos necessitam de mais atenção. A divulgação de informações sobre essas condições é aliada de quem busca diagnóstico.

Schmitz conta que muitas doenças se manifestam com sintomas diferentes e ainda não têm exames 100% precisos, o que demanda um trabalho constante de pesquisa.

Centros de referência no tratamento de doenças raras

País tem 17 hospitais do tipo, com concentração no Sul/Sudeste

1 Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, Salvador (BA)
2 Hospital Universitário Prof. Edgard Santos, Salvador (BA)
3 Hospital Universitário Walter Cantídio, Fortaleza (CE)
4 Hospital Infantil Albert Sabin, Fortaleza (CE)
5 Hospital de Apoio de Brasília, Distrito Federal (DF)
6 Hospital Materno Infantil de Brasília, Brasília (DF)
7 Hospital Santa Casa de Vitória, Vitória (ES)
8 Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, Anápolis (GO)
9 Hospital Infantil João Paulo II, Belo Horizonte (MG)
10 Associação de Assistência à Criança Deficiente, Recife (PE)
11 Hospital Pequeno Príncipe, Curitiba (PR)
12 Instituto Fernandes Figueira, Rio de Janeiro (RJ)
13 Hospital das Clínicas de Porto Alegre, Porto Alegre (RS)
14 Hospital Infantil Joana de Gusmão, Florianópolis (SC)
15 Ambulatório de Especialidade da Faculdade de Medicina do ABC, Santo André (SP)
16 Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP)
17 Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto (SP)

Moradora de Duque de Caxias (RJ), Ingrid Siqueira, 39, vive desde criança com a doença de Pompe, patologia genética que causa fraqueza muscular e insuficiência respiratória.

Ela só teve o diagnóstico correto aos 33 anos. "Foi um processo muito longo. Fiz biópsias, mapeamentos, mas foi depois de um exame genético, que precisou ir para Alemanha, que tive a confirmação."

Ingrid precisa de aparelhos que a auxiliam na respiração e já não anda mais. Para ela, um diagnóstico mais cedo teria lhe rendido uma melhor qualidade de vida.

Hoje ela faz consultas periódicas no Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, na Tijuca, zona norte do Rio, e enfrenta dificuldades de acesso à medicação de alto custo. "Precisei entrar na Justiça [contra a União] para conseguir o remédio, mas já estou há dois meses sem medicação."

O Ministério da Saúde contabiliza 17 instituições de referência para o tratamento de doenças raras no país.

Esses centros são hospitais completos e de atenção múltipla, que atendem muitas especialidades, explica o médico Roberto Giugliani, professor da Faculdade de Medicina da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Ele é cofundador da Casa dos Raros, em Porto Alegre, clínica exclusiva para pessoas com essas patologias.

O espaço, que será inaugurado em maio deste ano, é uma iniciativa de duas organizações que tratam esse tipo de paciente: o Instituto Genética Para Todos e a Casa Hunter.

A Casa dos Raros terá atendimento misto, recebendo pacientes do SUS, consultas particulares e planos de saúde.

Juntos, os casos de doenças raras no país são numerosos, mas individualmente cada pessoa precisa de cuidados específicos, diz Giugliani.

Para o médico, o custo das pesquisas ainda é um entrave. "É preciso um enorme investimento para tratar um número pequeno de indivíduos."

Ele acrescenta que uma das principais dificuldades de grandes centros especializados é reunir a equipe multiprofissional em um só local. Se o tratamento requer muitos deslocamentos, o paciente pode acabar sendo afetado.

O psicanalista Arlen de Jesus dos Santos, 39, acompanha mensalmente a mãe, Ana Maria de Jesus Santos, 66, em consultas no neurologista em Vitória da Conquista (BA). A distância entre o hospital e a cidade de Jequié, onde mora Ana Maria, é de 150 km.

Ela foi diagnosticada há um ano com síndrome do Homem Rígido, doença autoimune que compromete o sistema nervoso central e causa rigidez e espasmos musculares.

Arlen conta que procurou atendimento particular para a mãe porque a fila para consulta no neurologista local, pela rede pública, era de mais de seis meses. A família também entrou na Justiça para conseguir o remédio de Ana Maria.

continuação

LIBERTY SEGUROS S.A.

NOTAS EXPLICATIVAS ÀS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS

DIRETORIA

RESUMO DO RELATÓRIO DO COMITÊ DE AUDITORIA

PARECER DOS AUDITORES ATUARIAIS INDEPENDENTES

O Brasil precisa ser discutido.

Existem discussões que não podem mais ser adiadas. Com o propósito de contribuir com ideias para solucionar os maiores desafios do país, a **Folha de S.Paulo** está promovendo debates importantes sobre temas relevantes à nossa realidade. Todos abordados com a credibilidade, o criticismo e o pluralismo que caracterizam o jornal.

- *saúde*
- *tecnologia*
- *cultura*
- *economia*
- *meio ambiente*
- *educação*
- *agricultura*
- *agronegócio*
- *indústria*
- *saneamento*
- *sustentabilidade*

e muito mais

Acesse o site
folha.com/seminariosfolha

FOLHA100 ★★★

Geleira na Baía de Chiriguano, na Antártida Johan Ordonez - 27.nov.2019/AFP

Gelo no mar atinge nível mais baixo em 40 anos na Antártida

Pesquisadores dizem que temperaturas oceânicas mais elevadas podem ter contribuído para o recorde negativo

AMBIENTE

Henry Fountain

THE NEW YORK TIMES O gelo marítimo em volta da Antártida caiu para o nível mais baixo visto em quatro décadas de observações, mostram imagens de satélite.

Na última terça-feira (22), o gelo cobria 1,94 milhão km² em volta da costa da Antártida, menos que o recorde anterior de 2,1 milhões km², observado no início de março de 2017. A informação vem de uma análise do Centro Nacional de Dados sobre Neve e Gelo, de Boulder, Colorado.

"É realmente sem precedentes", disse Marilyn N. Raphael, professora de geografia na UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles) e estudiosa do gelo marítimo antártico. Para ela, temperaturas oceânicas mais elevadas podem ter contribuído, "mas há outros fatores que vamos procurar desvendar".

A extensão do gelo marítimo antártico é altamente variável de ano a ano, mas ao todo vem aumentando ligeiramente, em média, desde o final da década de 1970, quando começaram a ser feitas observações por satélite. Contrastando com isso, a extensão do gelo marítimo do Ártico, que está esquentando num ritmo três vezes maior que outras regiões, diminuiu mais de 10% por década nesse mesmo período.

As duas regiões são diferentes. O oceano Ártico cobre altas latitudes, incluindo o polo Norte, e é cercado por massas terrestres. No hemisfério sul, a Antártida cobre o polo. O oceano Antártico, que cerca o continente, começa em latitudes muito mais baixas e é aberto ao norte.

Enquanto o aquecimento acelerado do Ártico é o grande responsável pelo encolhimento do gelo marítimo dessa região, o efeito da mudança climática sobre o gelo marítimo antártico é menos claro.

O cientista climático Edward Blanchard-Wrigglesworth, da Universidade de Washington, disse que muitos cientistas preveem que o aquecimento global acabe provocando uma redução no gelo marítimo antártico. No momento, porém, segundo ele, "é realmente difícil vincular as duas coisas, especialmente em termos de eventos únicos como este".

Em vez disso, há um grupo complexo de fatores em ação no tocante ao gelo marítimo antártico. Padrões atmosféricos de grande escala, com frequência ocorrendo longe do continente, além de ventos e correntes marítimas locais, todos podem aumentar ou reduzir a área coberta por gelo marinho.

Um exemplo citado por Blanchard-Wrigglesworth é o El Niño forte em 2015 e 2016, quando as temperaturas oceânicas superficiais no Pacífico tropical se elevaram acima do normal, o que resultou numa queda nítida da área coberta por gelo marítimo em 2016.

Ted Scambos, pesquisador sênior do Centro de Observação e Ciência da Terra da Universidade de Colorado, disse que temperaturas marítimas superficiais mais altas que o normal em algumas áreas em volta da Antártida podem ter contribuído para o recorde atual.

Para Raphael, os ventos também podem ter tido um efeito, especialmente na região do mar de Amundsen, no lado ocidental do continente. Uma região de baixa pressão atmosférica que se desenvolve regularmente sobre o mar foi especialmente forte este ano, ela disse, e isso resultou em ventos mais fortes que podem ter impelido mais gelo para o norte, onde as águas são mais quentes.

Embora a extensão total do gelo marítimo tenha aumentado apenas ligeiramente desde o final dos anos 1970, o ritmo começou a acelerar em 2000. Em 2014, o gelo atingiu sua extensão recorde.

Mas então aconteceu algo inesperado, explica Raphael. Nos três anos seguintes houve uma queda drástica, e em 2017 a extensão de gelo chegou ao nível mais baixo já visto.

Desde então a extensão de gelo voltou a crescer, disse a cientista, e em 2020 havia voltado para o nível médio.

Normalmente, ela disse, os níveis teriam continuado na média ou acima da média por vários anos. Mas a nova queda acentuada deste ano ocorreu antes disso.

"Foi muito rápida. É isso que torna este encolhimento incomum", explica ela. Após 2017 "o gelo voltou ao normal, mas não permaneceu assim".

Blanchard-Wrigglesworth disse que para entender por que a extensão de gelo está tão baixa agora, cientistas terão que analisar como as condições podem ter se modificado no ano passado. "Não me surpreenderá se descobrirmos que este encolhimento é fruto de mudanças nos ventos nos últimos três a seis meses."

A baixa extensão do gelo marítimo tem sido notável no mar de Weddell, ao leste da península Antártida, que, devido à sua corrente circular, conserva muito mais gelo de ano a ano que outras partes da costa antártica.

A área coberta por gelo pode diminuir ainda mais este ano, dependendo do clima, mas deve voltar a aumentar em breve quando as temperaturas começarem a cair, com a chegada do outono e inverno antárticos. A área coberta por gelo alcança seu máximo anual por volta do final de setembro. A máxima média ao longo de quatro décadas tem sido de mais de 18 milhões de quilômetros quadrados.

Segundo Blanchard-Wrigglesworth, eventos como este oferecem a cientistas uma oportunidade de entender melhor a conexão entre a mudança climática e o gelo marítimo da Antártida. "A questão é se estes são os primeiros indícios de uma inversão nas tendências de longo prazo."

Tradução Clara Allain

Geleiras no Chile são termômetro das mudanças climáticas

Pablo Cozzaglio e Alberto Peña

AFP Uma rachadura atravessa a frente da geleira San Rafael e um iceberg do tamanho de um prédio de dez andares cai na lagoa. No sul do Chile, as geleiras são um excelente indicador do efeito das mudanças climáticas.

Centenas de icebergs flutuam à deriva na lagoa San Rafael, cuja superfície é um exemplo visível do aumento desproporcional do derretimento das 39 geleiras que emanam do Campo de Gelo do Norte, na região sul de Aysén. Juntamente com o Campo de Gelo do Sul, eles formam a terceira maior massa de gelo do mundo, atrás apenas da Antártica e da Groenlândia.

Os 3.500 km² de superfície congelada do Campo de Gelo do Norte, somados aos 11 mil km² do Campo de Gelo do Sul, representam 63% da superfície glacial do Chile.

Há 150 anos, a língua da geleira andina San Rafael se estendia em forma de cogumelo cobrindo dois terços da lagoa, mas agora a frente que se rompe (a parede da geleira) retrocedeu 11 quilômetros em direção ao interior do vale e não aparece mais no lago.

Este é um fenômeno que também ocorre em praticamente todas as 26 mil geleiras do país —apenas duas cresceram—, explica Alexis Segovia, glaciologista da Unidade de Glaciologia e Neve da Direção Geral de Águas (DGA).

"As geleiras são um indicador por excelência das mudanças climáticas porque são gelo e reagem a temperaturas mais altas", diz.

Além disso, essas superfícies devolvem muita radiação que chega à Terra e, se continuarem diminuindo, o planeta aquecerá mais rápido.

No lado oposto do Campo de Gelo do Norte, a geleira Exploradores encolhe irremediavelmente, explica Andrea Carretta, guarda florestal nesta área há cinco anos.

"Está piorando a cada dia porque a geleira está recuando e no verão está perdendo 13 centímetros por dia de gelo. No inverno está perdendo entre 2 e 3 centímetros", explica.

"Não tem como voltar", lamenta diante da enorme extensão de gelo —de 5 quilômetros de largura e 22 quilômetros de comprimento.

As geleiras "são um termômetro, instrumentos onde vamos perceber logo após os efeitos das mudanças climáticas", diz Carretta.

O derretimento de uma geleira é um fenômeno natural que a mudança climática acelerou significativamente, disse Jorge O'Kuinghttons, chefe da Unidade Regional de Glaciologia da DGA.

A menor precipitação e o aumento da temperatura devido às mudanças climáticas levam ao derretimento das laterais da geleira. Devido a isso, formam-se lagos que aumentam em número e volume com o passar do tempo.

Represadas pelo gelo, essas lagoas acabam descarregadas abruptamente, gerando a inundação por transbordamento do lago glacial, Glof, na sigla em inglês. No início de 2010, uma Glof na geleira Exploradores desencadeou uma inundação de dez metros de altura, que afundou casas, plantações e gado. No Peru, na década de 1950, fenômeno semelhante na geleira Blanco matou cerca de 5.000.

Barco passa pela geleira San Rafael, na região de Aysen, no sul do Chile; derretimento do gelo tem sido acelerado na área Pablo Cozzaglio - 13.fev.2022/AFP

Moradores de São Paulo se exercitam no parque Ibirapuera Eduardo Knapp - 25.jan.22/Folhapress

Exercício em lugar poluído pode anular benefícios cerebrais

Novos estudos sublinham que qualidade do ar pode trazer mudanças nos resultados que a prática propicia

SAÚDE

Gretchen Reynolds

THE NEW YORK TIMES Fazer exercícios físicos no ar poluído pode resultar na perda de alguns dos benefícios que essa atividade proporciona, de acordo com dois novos grandes estudos sobre exercício, qualidade do ar e saúde do cérebro.

Os estudos, que envolveram dezenas de milhares de homens e mulheres britânicos, constataram que, na maioria do tempo, pessoas que correm e pedalam vigorosamente têm um volume cerebral maior e enfrentam risco menor de demência, comparadas aos menos ativos.

Mas se as pessoas se exercitam em áreas onde exista poluição do ar, mesmo que em nível moderado, podem não obter as melhoras cerebrais esperadas como resultado do exercício.

Os novos estudos despertam questões sobre como encontrar o equilíbrio entre os benefícios inegáveis do exercício para a saúde e as consequências negativas de respirar ar de baixa qualidade, e sublinham que nosso ambiente pode trazer mudanças nos resultados que os exercícios físicos propiciam para os nossos corpos.

Há indicações consideráveis de que, no geral, os exercícios físicos fortificam o cérebro. Em estudos, as pessoas ativas em geral exibem mais massa cinzenta em muitas partes de seus cérebros do que as pessoas sedentárias. A massa cinzenta é formada pelos neurônios essenciais e funcionais do cérebro.

As pessoas que estão mais em forma também tendem a apresentar massa branca, ou seja, as células que sustentam e conectam os neurônios, mais saudável. A massa branca muitas vezes se desgasta com a idade, encolhendo e desenvolvendo lesões, mesmo em adultos saudáveis. Mas a massa branca das pessoas que estão em boa forma exibe menos lesões, e lesões menores.

Parcialmente como consequência dessas mudanças no cérebro, o exercício apresenta forte correlação com um risco menor de demência senil e outros problemas de memória.

Mas a poluição do ar tem o efeito oposto sobre o cérebro.

Um estudo revela, por exemplo, que americanos mais velhos que vivem em áreas nas quais o nível de poluição do ar é elevado mostram distúrbios na massa branca de seus cérebros, em exames de tomografia, e tendem a apresentar níveis de declínio mental mais altos do que quem vive em outras áreas.

E um estudo sobre ratos alojados em jaulas colocadas perto de um túnel de tráfego pesado e que acumula grande volume de gases de escapamento, no norte da Califórnia, demonstra que as cobaias não demoraram a desenvolver demência.

A maioria dos animais envolvidos foram criados com uma predisposição a um análogo animal do mal de Alzheimer, mas a mesma conclusão se aplica a outro conjunto de ratos que não têm inclinação genética à doença.

Poucos estudos, porém, estudaram de que maneira o exercício e a poluição do ar podem interagir dentro de nossos crânios, e se fazer exercícios no ar poluído serviria para proteger nossos cérebros contra os vapores nocivos ou solaparia os benefícios que a atividade física traz.

Assim, no primeiro dos estudos, publicado em janeiro pela revista científica Neurology, pesquisadores da Universidade do Arizona e da Universidade do Sul da Califórnia obtiveram registros de 8,6 mil adultos de meia-idade cujos dados constam do UK Biobank.

O Biobank é um grande repositório de informações sobre saúde e estilo de vida, e detêm dados sobre mais de 500 mil adultos britânicos, entre os quais suas idades, endereços, situação socioeconômica, genomas e registros extensivos de saúde.

Alguns dos participantes também passaram por tomografias cerebrais e usaram monitores de atividades por uma semana a fim de acompanhar seus hábitos de exercício.

Os pesquisadores concentraram sua atenção nas pessoas que usaram monitores, passaram por tomografias cerebrais e, de acordo com a monitoração, se exercitavam vigorosamente com bastante frequência, o que pode ser comprovado pelo ritmo acelerado de respiração durante as sessões de exercício.

Quanto mais pesada a respiração, mais poluentes uma pessoa aspira. Os pesquisadores também incluíram, para comparação, dados de algumas pessoas que nunca se exercitavam vigorosamente.

Usando modelos estabelecidos de qualidade do ar, eles em seguida estimaram os níveis de poluição nos lugares em que as pessoas viviam, e por fim compararam as tomografias cerebrais de todos os envolvidos.

Como era esperado, o exercício vigoroso estava em geral vinculado a uma saúde cerebral mais firme. Homens e mulheres que vivem e presumivelmente se exercitam em áreas de baixa poluição do ar demonstram um volume relativamente elevado de massa cinzenta e poucas lesões na massa branca, comparados às pessoas que nunca se exercitam vigorosamente. E quanto mais as pessoas se exercitam, melhor parece ser a condição de seus cérebros.

Mas quais associações positivas praticamente desaparecem no caso de pessoas que se exercitam com frequência mas vivem em áreas nas quais existe poluição do ar, ainda que moderada.

A massa cinzenta dessas pessoas era menor e as lesões na massa branca mais numerosas do que as das pessoas que vivem e se exercitam longe da poluição.

> **A observação de que a poluição do ar nega os benefícios bem estabelecidos do exercício físico para a saúde cerebral é alarmante e torna mais urgente o desenvolvimento de políticas regulatórias mais efetivas**
>
> **Pamela Lein**
> pesquisadora

Um estudo de acompanhamento publicado este mês pela revista científica Medicine & Sciene in Sports & Exercise amplificava essas constatações. Os mesmos cientistas repetiram aspectos do mesmo trabalho com dados de 35.562 participantes mais velhos e registrados no UK Biobank, comparando os hábitos de exercício, os níveis locais de poluição e os diagnósticos de demência senil, se algum.

Os dados demonstraram que quanto mais as pessoas se exercitassem, menor a probabilidade de que desenvolvessem demência, com o tempo —desde que o ar dos locais em que vivem seja limpo.

Em lugares onde o ar era moderadamente poluído, no entanto, existia risco ampliado de demência em longo prazo, quer a pessoa se exercitasse, quer não.

"Esses dados são significativos em termos de nossa compreensão sobre fatores de risco modificáveis quanto ao envelhecimento do cérebro", disse Pamela Lein, professora de neurotoxicidade na Universidade da Califórnia em Davis, que comandou o estudo anterior sobre ratos e poluição do ar. Ela não participou dos novos estudos.

"A observação de que a poluição do ar nega os benefícios bem estabelecidos do exercício físico para a saúde cerebral é alarmante e torna mais urgente o desenvolvimento de políticas regulatórias mais efetivas" com relação à qualidade do ar.

Os estudos têm limitações. Eles são observacionais e mostram correlações entre exercício, poluição e saúde do cérebro, mas não são capazes de provar que a má qualidade do ar cancela diretamente os benefícios do exercício físico para o cérebro, ou de que maneira esse processo poderia ocorrer.

Eles tampouco contemplam os lugares em que as pessoas se exercitam, e se limitam a apontar que algumas delas moram em lugares onde a qualidade do ar é questionável.

Mas os resultados sugerem que a qualidade do ar influencia os benefícios do exercício físico e que, para o bem de nossos cérebros, deveríamos tentar evitar exercícios em lugar nos quais a qualidade do ar é ruim, disse David Raichlen, professor de ciências biológicas na Universidade do Sul da Califórnia e um dos autores dos novos estudos.

Na prática, diversas medidas podem ajudar a fortificar os benefícios do exercício físico para o cérebro, dizem os especialistas. "Mantenha-se afastado de vias de tráfego pesado, se possível", disse Raichlen. Os escapamentos dos automóveis respondem por uma das formas de poluição mais prejudiciais à saúde humana.

A maioria dos apps de meteorologia oferece informações sobre o nível local de qualidade do ar. O objetivo é fazer exercícios em locais nos quais a qualidade do ar seja verde, o que equivale a boa.

A qualidade do ar muda ao longo do dia; portanto, volte a verificar depois de algumas horas se as condições parecem desfavoráveis em um primeiro momento.

Fazer exercícios em ambientes fechados pode não ser melhor. "As indicações disponíveis apontam que os níveis de poluição em ambientes fechados são mais ou menos semelhantes aos que prevalecem do lado de fora", disse Raichlen, a menos que um edifício, por exemplo uma academia de ginástica, tenha instalado sistemas extensos de filtragem de ar.

Tanto máscaras cirúrgicas quanto máscaras PFF2 filtram alguns particulados insalubres, como fuligem e outros materiais, disse Melissa Furlong, epidemiologista ambiental na Universidade do Arizona e uma das autoras dos dois estudos. "Se você não se incomoda em usar uma máscara durante o exercício", ela disse "é provável que a prática resulte em uma redução da exposição a particulados".

O mais importante é continuar a fazer exercícios. O exercício tem múltiplos benefícios para a saúde cardiovascular e "não queremos desencorajar as pessoas de serem fisicamente ativas", disse Raichlen, mesmo que as condições do ar estejam abaixo do ideal.

Nos novos estudos, os cérebros de pessoas que se exercitam no ar poluído não parecem melhores mas tampouco parecem piores do que os das pessoas que não se exercitam de todo, ele apontou.

Por isso, se a sua única oportunidade de se exercitar é em um lugar com alguma poluição do ar, coloque a máscara e vá. Verifique as previsões quanto à qualidade de ar no local em que você está. Quanto melhor a qualidade do ar que o cerca durante seus exercícios, disse Raichlen, melhor será o efeito da sessão de condicionamento sobre o cérebro.

Tradução Paulo Migliacci

> **Se você não se incomoda em usar uma máscara durante o exercício é provável que a prática resulte em uma redução da exposição a particulados**
>
> **Melissa Furlong**
> epidemiologista ambiental

Lagartixa da espécie *Gymnodactylus amarali* Divulgação

Cientistas solucionam o 'paradoxo da cauda'

Com câmera de alta velocidade, pesquisadores identificaram pilares onde os rabos de lagartixas se soltam do corpo

CIÊNCIA

Jack Tamisiea

THE NEW YORK TIMES Ao escolher entre a vida e um membro, muitos animais sacrificam tranquilamente uma parte de seu corpo.

A capacidade de deixar cair apêndices é conhecida como autotomia, ou autoamputação. Quando encurraladas, as aranhas dispensam pernas, os caranguejos abandonam garras e alguns pequenos roedores descartam pedaços de pele. Algumas lesmas-marinhas até se decapitam para livrar-se dos corpos infestados de parasitas.

Mas os lagartos talvez sejam os mais conhecidos usuários da autotomia. Para escapar de predadores, muitos desprendem suas caudas, que continuam em movimento. Esse comportamento confunde o predador, dando ao lagarto tempo para fugir. Embora haja desvantagens em perder a cauda —elas servem para realizar manobras, impressionar parceiros e armazenar gordura—, é melhor do que ser devorado. E muitos lagartos têm a capacidade de regenerar os rabos perdidos.

Cientistas estudaram esse comportamento antipredatório meticulosamente, mas as estruturas que permitem seu funcionamento são intrigantes. Se um lagarto pode se separar da cauda em um instante, o que a mantém conectada normalmente?

Yong-Ak Song, engenheiro bioquímico na Universidade de Nova York em Abu Dhabi, chama isso de "o paradoxo da cauda": ela deve ser ao mesmo tempo aderente e destacável.

"Ele precisa se livrar da cauda rapidamente para sobreviver. Mas ao mesmo tempo não pode perdê-la com demasiada facilidade", afirma.

Recentemente, Song e seus colegas tentaram resolver o paradoxo examinando várias caudas recém-amputadas. Eles não tiveram dificuldade para encontrar espécimes para o teste —segundo Song, o campus da universidade é cheio de lagartixas. Usando pequenos laços presos a varas de pescar, eles capturaram vários lagartos de três espécies: dois tipos de lagartixas e um lagarto do deserto conhecido como lagarto de franja nos dedos.

De volta ao laboratório, eles puxaram os rabos dos lagartos com os dedos, instigando-os a praticar a autotomia. Eles filmaram o processo resultante a 3.000 quadros por segundo usando uma câmera de alta velocidade.

Então os cientistas colocaram as caudas agitadas sob um microscópio eletrônico. (Os lagartos foram devolvidos a seus locais de origem.)

Em escala microscópica, eles viram que cada fratura onde a cauda tinha se destacado do corpo era cheia de pilares em forma de cogumelo. Ampliando ainda mais a imagem, eles viram que cada cogumelo era salpicado de pequenos poros.

A equipe ficou surpresa ao descobrir que, em vez de partes da cauda entrelaçadas ao longo dos planos de fratura, os densos bolsos de micropilares em cada segmento pareciam apenas se tocar ligeiramente. Isso fazia a cauda do lagarto parecer uma constelação de segmentos frouxamente conectados.

No entanto, modelos de computador dos planos de fratura da cauda revelaram que as microestruturas em forma de cogumelo eram capazes de liberar energia acumulada. Um motivo é que elas são cheias de brechas minúsculas, como pequenos poros e espaços entre cada ponta de cogumelo. Esses vazios absorvem a energia de um puxão, mantendo a cauda intacta.

Enquanto essas microestruturas podem suportar puxões, a equipe descobriu que elas eram suscetíveis a fissuras com uma leve torção. Eles determinaram que as caudas eram 17 vezes mais propensas a sofrer fraturas por dobras do que por puxões.

Nos vídeos em câmera lenta feitos pelos pesquisadores, os lagartos giravam as caudas para cortá-las precisamente em duas ao longo do plano de fratura carnudo.

Sua conclusões, publicadas no último dia 17 na revista Science, ilustram como essas caudas alcançam o equilíbrio perfeito entre firmeza e fragilidade. "É um belo exemplo do princípio de Cachinhos Dourados aplicado a um modelo na natureza", disse Song.

Segundo o engenheiro químico Anirnangsu Ghatak, do Instituto Indiano de Tecnologia Kanpur, a biomecânica das caudas desses lagartos lembra as microestruturas pegajosas encontradas nos dedos aderentes de lagartixas e rãs-das-árvores, ou pererecas.

"Precisa haver o equilíbrio exato entre adesão e separação, porque isso permite que esses animais escalem superfícies íngremes", disse Ghatak, que não participou do estudo. Ele acrescentou que as patas dos animais são cobertas por milhões de pequenas cerdas compostas de pontas em forma de cogumelo.

Os pesquisadores acreditam que compreender o processo que permite aos lagartos dispensar suas caudas poderá ser útil para a aplicação de próteses, enxertos de pele ou curativos, e pode até ajudar os robôs a se livrarem de peças defeituosas.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

O gato Loki recebe petisco com CBD (canabidiol) para tratar a hiperestesia felina Bruno Santos - 13 dez. 2020/Folhapress

Cannabis pode ajudar a tratar doença renal crônica, câncer e outras patologias em gatos

GATICES

Sílvia Haidar

SÃO PAULO Produtos à base de *Cannabis sativa*, planta popularmente conhecida como maconha, têm sido usados na medicina para tratar diversas doenças em humanos, como esclerose múltipla e epilepsia.

No Brasil, a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) regulamentou o uso de medicamentos derivados da maconha e permitiu sua venda nas farmácias em 2019.

Para os animais, o Projeto de Lei 369/21 autorizou veterinários a prescreverem produtos à base de *Cannabis sativa* no ano passado.

Lia Nasi, veterinária especialista em felinos, explica que a cânabis medicinal tem sido uma opção de tratamento para patologias como doença renal crônica, cardiopatias e câncer.

Ela destaca que é preciso procurar um profissional especialista em felinos e que tenha conhecimento para prescrição do óleo de *Cannabis*. "São vários tipos e concentrações, além da particularidade da metabolização dos felinos, por isso a escolha correta do óleo impacta diretamente no resultado do tratamento", afirma Nasi.

"Saber a procedência do óleo de *Cannabis* é de suma importância", completa.

Leia o texto que a veterinária escreveu com exclusividade para o blog Gatices.

*

A cânabis medicinal está surgindo como uma excelente opção de tratamento dentro da medicina integrativa. Devido à sua gama de compostos (canabinoides, terpenos, flavonoides), conseguimos abranger várias doenças com sucesso, e sempre trazendo bem-estar ao animal.

A *Cannabis* atua no sistema endocanabinoide, um sistema pouco estudado, mas de extrema importância, pois realiza a homeostase de todo o organismo. É o sistema que regula todos os outros, trazendo de volta o equilíbrio celular.

Nosso corpo produz endocanabinoides, mas quando por algum motivo a produção é insuficiente, ocorrem as inflamações, degenerações, baixa de imunidade, desequilíbrios metabólicos, estresse oxidativo, entre outras coisas, e surgem as patologias. Podem ser agudas ou crônicas. E é aí que entra a terapia com cânabis medicinal, para auxiliar o corpo voltar a homeostase (equilíbrio).

A *Cannabis* terá a mesma ação dos endocanabinoides, pois atua nos mesmos receptores específicos. E por isso também tem uma ação tão ampla no organismo.

Algumas doenças que podem ser tratadas com *Cannabis* em felinos são:

Doenças inflamatórias e autoimunes: doença inflamatória intestinal, complexo gengivite estomatite, granuloma eosinofílico, cistite idiopática, pancreatite, broncopatias, asma, hepatopatias;

Doenças neurológicas: disfunção cognitiva, epilepsias (podem ocorrer graus variados de resposta, mas geralmente com sucesso), encefalites (graus variados de resposta);

Doenças crônicas: doença articular degenerativa, doença renal crônica, rinossinusite/rinite crônicas, mucopolissacaridose;

Cardiopatias: miocardiopatia hipertrófica, hipertensão;

Doenças metabólicas: hiperlipidemias e diabetes, neuropatia diabética;

Neoplasias: linfoma de pequenas células, linfoma de grandes células, sarcomas, mastocitoma, carcinomas;

Distúrbios de comportamento: síndrome de pandora, hiperestesia;

Doenças virais: FeLV, FIV, PIF, nesses casos o óleo de *Cannabis* entra como adjuvante para manter o bem-estar e melhorar a imunidade; os resultados variam de acordo com o estágio da doença.

Também tem sido usada em pacientes terminais como tratamento paliativo, trazendo bem-estar e qualidade de vida nesse estágio final da doença. Além do uso em esquemas vacinais de pacientes imunocomprometidos e aqueles que já fazem uso do óleo e precisam passar por procedimentos cirúrgicos, o pós-cirúrgico é bem mais tranquilo e com menor necessidade de analgesia.

É muito importante procurar um veterinário especialista em felinos e que tenha conhecimento para prescrição do óleo de *Cannabis*. São vários tipos e concentrações, além da particularidade da metabolização dos felinos, por isso a escolha correta do óleo impacta diretamente no resultado do tratamento.

O veterinário prescritor deve ter conhecimento da planta, suas ações, como foi feito o óleo (tipos de cultivo e extrações) para realizar a escolha correta da medicina para cada caso. Saber a procedência do óleo de *Cannabis* é de suma importância.

O tratamento é totalmente individualizado, não há doses pré-estabelecidas, a clínica do animal que guiará a dosagem ideal para o animal.

O veterinário também deve estar ciente e explicar ao tutor dos possíveis efeitos colaterais, intoxicações, interações medicamentosas e contraindicações.

É uma terapia muito promissora e natural, mas a escolha de um profissional qualificado é fundamental, por ser um tratamento novo.

Código secreto de Charles Dickens é decifrado

Carta redigida pelo escritor em símbolos e rabiscos foi traduzida por computador após mais de 150 anos ininteligível

ILUSTRADA

Jenny Gross

THE NEW YORK TIMES | LONDRES Estudiosos de Charles Dickens tentaram por mais de um século decifrar uma carta de uma página redigida pelo escritor em símbolos, pontos e rabiscos. Não avançaram muito.

A carta passou décadas sem ser lida num repositório do Museu e Biblioteca Morgan, em Nova York, até alguns meses atrás, quando dois americanos com formação em ciência da computação fizeram avanços importantes em sua decodificação.

Sua motivação foi um desafio lançado pela Universidade de Leicester, que postou uma cópia da carta online e prometeu 300 libras britânicas, ou US$ 406, à pessoa que conseguisse decifrá-la melhor.

O vencedor da competição foi Shane Baggs, de San José, Califórnia. Especialista em suporte técnico de computadores, ele nunca havia lido um romance de Dickens. Baggs transcreveu mais símbolos que qualquer das outras mil pessoas que aceitaram o desafio, ajudando a elucidar um mistério de 163 anos relativo a um dos escritores mais famosos do mundo.

"Nunca tirei mais que nota C em literatura e jamais imaginei que eu algum dia faria algo que pudesse interessar a estudiosos de Dickens!", disse Baggs em declaração à imprensa. O segundo colocado na competição foi Ken Cox, 20 anos, estudante de ciências cognitivas na Universidade da Virgínia.

Baggs passou seis meses debruçado sobre o texto, geralmente depois do trabalho. Contou que tomou conhecimento da competição por meio de um grupo no Reddit que se dedica a decifrar códigos e mensagens ocultas.

A competição para decodificar a carta de Dickens chamou sua atenção porque quebra-cabeças envolvendo taquigrafia são os que mais demoram para ser resolvidos.

Baggs participou de três workshops gratuitos sobre decodificação dirigidos pelo Zoom por Claire Wood, professora de literatura vitoriana na Universidade de Leicester, e Hugo Bowles, que ensina linguística forense na Universidade de Foggia, na Itália.

Os workshops enfocaram a forma obsoleta de estenografia que Dickens aprendeu aos 16 anos de idade com o manual "Brachygraphy", de um estenógrafo do século 18, Thomas Gurney.

O escritor inglês Charles Dickens Reprodução

No início de sua vida profissional, Dickens era repórter que cobria tribunais e o Parlamento, onde um sistema para fazer anotações rápidas era muito útil.

O símbolos e abreviações que ele empregava evoluíram com o tempo, e sua estenografia pessoal tornou-se incompreensível por terceiros. (Em seu romance mais autobiográfico, "David Copperfield", o próprio escritor a descreveu como "aquele selvagem mistério estenográfico".)

Escrita em 1859, a carta de Dickens está guardada na Biblioteca Morgan desde pelo menos 1913. É provável que seja uma cópia que Dickens fez para si mesmo de uma versão em letra normal enviada a John Thaddeus Delane, o então editor do The Times of London. A versão integral se perdeu, disse Bowles, um dos organizadores da competição e autor de "Dickens and the Stenographic Mind".

Bowles revelou que passou anos tentando decifrar o texto, mas conseguiu muito pouco. "Pude ter certeza sobre apenas uns dez símbolos contidos na carta", disse. "Foi a mesma coisa para todos que estudaram a carta nos últimos 150 anos."

Claire Wood disse que as gerações anteriores não tinham acesso ao tipo de trabalho que é possibilitado pela tecnologia do crowdsourcing.

Segundo ela, dois terços das pessoas que assistiram às sessões de estudos por Zoom eram fãs de Charles Dickens, e os restantes eram especialistas em informática. A combinação de pessoas ajudou a abrir novos caminhos.

"Algumas coisas que são realmente óbvias aos especialistas em Dickens não são evidentes aos criptógrafos, e vice-versa, talvez", disse Wood.

Os fãs de Dickens reconheciam letras como "H.W.", as iniciais de "Household Words", título de um periódico popular do qual Dickens era proprietário e editor.

Em outra instância, Baggs concluiu que um caractere que parecia o símbolo "@" e que muitos decodificadores pensavam significar "em" na realidade representava a revista literária "All the Year Round", fundada por Dickens.

Baggs, 55, disse em email que a decifração "não poderia ter sido feita sem outros decodificadores e sem a equipe de especialistas que foi capaz não apenas de reunir o trabalho de todos nós, mas também de interpretar as pistas".

A transcrição lança luz sobre uma disputa que o escritor teve com o jornal The Times of London. Na carta, Dickens diz que um funcionário do jornal errou quando rejeitou um anúncio promovendo uma nova publicação literária, e volta a pedir que o anúncio seja veiculado.

"Me sinto obrigado, embora com muita relutância, a apelar ao senhor pessoalmente...", diz parte da carta. Em outro trecho Dickens utilizou a frase "inverídico e injusto", que, segundo Bowles, é um exemplo de linguagem forte e direta do século 19, indicando que Dickens estava indignado.

Ken Cox, o estudante da Virgínia, usa taquigrafia para fazer anotações em classe. Ele contou que trabalhou sobre a carta por algumas semanas, algumas horas por dia, entre uma aula e outra ou enquanto cozinhava. "Às vezes é mais fácil quando você olha o texto e deixa-o penetrar em sua cabeça aos poucos", comentou.

Cox disse que sua mãe é fã de Dickens e por isso ele cresceu conhecendo as obras principais do escritor. "É incrível que havia certas coisas que ele escreveu tanto tempo atrás e que ainda não tinham sido lidas", comentou. "Poder ler uma dessas coisas pela primeira vez foi muito bacana."

Bowles disse que o trabalho de Baggs, Cox e outros transcritores ajudou especialistas a decifrar 70% do sentido do texto de Dickens. Ao longo do próximo ano os organizadores vão pedir ajuda de membros do público para decifrar o restante da carta e outros textos de Dickens (o prêmio em dinheiro só foi oferecido uma vez).

Philip Palmer, curador e diretor de manuscritos no Museu e Biblioteca Morgan, disse que a carta de Charles Dickens era "um dos enigmas mais duradouros" do acervo da biblioteca. "O fato de finalmente termos em mãos o teor desta carta vai permitir que estudiosos aprendam mais sobre o método estenográfico de Dickens, além de sua vida e obra."

Tradução Clara Allain

'Licorice Pizza' diverte ao retratar juventude na Califórnia dos anos 1970

OPINIÃO

João Pereira Coutinho
Escritor, doutor em ciência política pela Universidade Católica Portuguesa

Algo se passa com os diretores de cinema que nasceram nas décadas de 1960 e 1970. Kenneth Branagh regressou a Belfast para evocar a infância e a família em seu filme "Belfast". Paolo Sorrentino fez o mesmo com Nápoles em "A Mão de Deus".

E agora chegou Paul Thomas Anderson com "Licorice Pizza" e o mundo arcádico do vale de San Fernando, na Califórnia, em 1973.

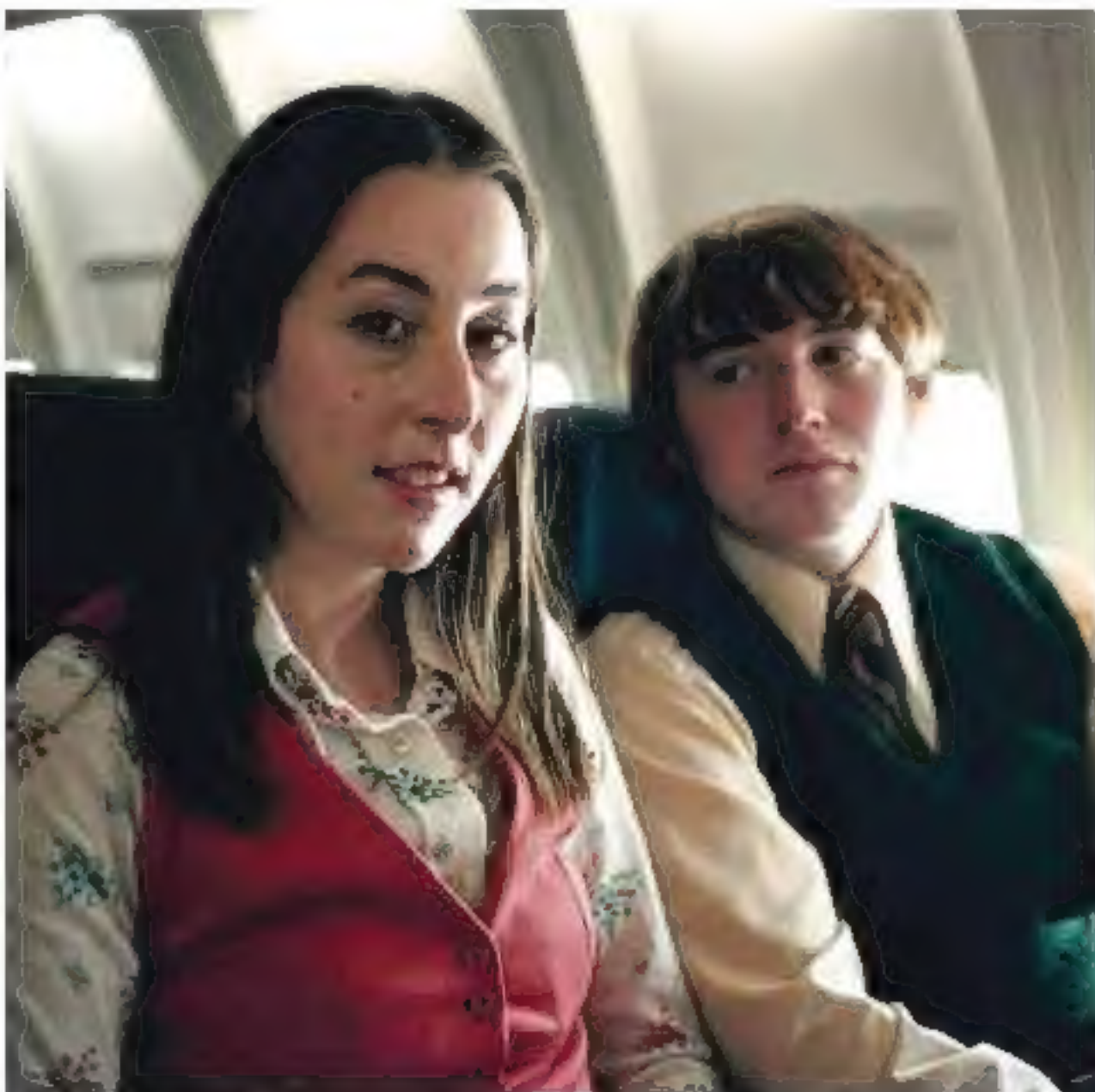
Talvez a pandemia tenha algo a ver com o assunto: quando as misérias do presente se tornam opressivas, a infância e a juventude são esse espaço arcádico e seguro onde podemos revisitar velhos rostos.

Um deles é Gary Valentine, personagem vivido por Cooper Hoffman, filho do saudoso Philip Seymour Hoffman, que teria ficado orgulhoso do filho. Atenção ao nome: Valentine.

Paul Thomas Anderson sempre teve um talento particular para nomes (Daniel Plainview, Reynolds Woodcock), mas Valentine é um achado: o rapaz tem 15 anos, mas tenta a sua sorte com uma mulher de 25.

A mulher é Alana, interpretada por Alana Haim, que fica intrigada com a insistência e prosápia dele. Apesar de tudo, jantam. Ele apaixona-se perdidamente por ele. Ela mantém as distâncias.

Mas como resistir a Gary, ator-mirim que se reinventa como empresário —primeiro, de colchões de água; depois, de máquinas de fliperamas?

Tentando um compromisso, talvez, atuando como sócia de Gary nos seus negócios e trambiques. É um compromisso frágil porque aqueles dois, apesar da diferença de idades, estão sempre em rota de colisão sentimental. É complicado. E é a coisa mais simples do mundo.

Alana Haim e Cooper Hoffmann em cena de 'Licorice Pizza', de Paul Thomas Anderson Divulgação

"Licorice Pizza" é como os colchões de água que Gary vende: um objeto divertido, ondulante, confortável, porém estranho. A estranheza está na dissonância que existe entre o mundo de Gary —e de Alana— e o mundo que corre lá fora, ameaçador e caótico.

Aliás, quando esse mundo se intromete na história, é apenas para amplificar a preciosidade daquela relação.

Ou, melhor dizendo, a preciosidade daquele momento: o início da idade adulta com todas as suas angústias e fragilidades. "Licorice Pizza" é belo porque representa o último fulgor do verão antes do outono chegar.

Quando assistia a "Licorice Pizza", dei por mim a pensar no mais improvável dos romances: "Brideshead Revisited", de Evelyn Waugh. Lembrei-me de Sebastian, o personagem trágico da história, que falha essa passagem crucial para a maturidade.

É um destino que não imaginamos para Gary e Alana. Como na canção, o mundo sempre acolherá os amantes, à medida que o tempo passa.